



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

VIVIANE LIMA DE ALMEIDA OLIVEIRA

**MULHERES MIGRANTES:
TRAJETÓRIAS DE VENEZUELANAS EM BOA VISTA - RR**

BOA VISTA, RR
2020

VIVIANE LIMA DE ALMEIDA OLIVEIRA

**MULHERES MIGRANTES:
TRAJETÓRIAS DE VENEZUELANAS EM BOA VISTA - RR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras. Linha de pesquisa: Fronteira e Processos Socioculturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Silvia Costa

BOA VISTA, RR
2020

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

O48m Oliveira, Viviane Lima de Almeida.
Mulheres migrantes: trajetórias de venezuelanas em Boa Vista - RR / Viviane Lima de Almeida Oliveira. -- Boa Vista, 2020.
119 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Silvia Costa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Migração em Roraima. 2 – Migração venezuelana. 3 – Migração feminina. 4 – Gênero. 5 – Psicologia Social. I – Título. II – Costa, Eliane Silvia (orientadora).

CDU – 325.11(811.4)

VIVIANE LIMA DE ALMEIDA OLIVEIRA

**MULHERES MIGRANTES:
TRAJETÓRIAS DE VENEZUELANAS EM BOA VISTA- RR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras. Linha Fronteira e Processos Socioculturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Silvia Costa



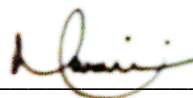
Prof.^a Dr.^a Eliane Silvia Costa

Orientadora



Prof.^a Dr.^a Raimunda Gomes da Silva

Membro Externo



Prof.^a Dr.^a Márcia Maria de Oliveira

Membro Interno

Dedico toda minha gratidão
às três mulheres da minha vida,
irmãs e mãe (*in memoriam*),
e ao meu filho.

AGRADECIMENTOS

É indispensável começar agradecendo a Deus, nosso principal e primeiro apoio, em quem nos seguramos para enfrentar todos e quaisquer tipos de desafios e dificuldades. Agradeço não só pelo conforto espiritual, mas por dar capacidade e sabedoria para o enfrentamento de todos os entraves da vida. Muito obrigada, sempre! De maneira muito especial, agradeço:

À minha “Mainha” Erinalda (*in memoriam*), que, por inúmeras vezes, sacrificou-se para conseguir manter as filhas na linha, dar uma boa educação, mas que, infelizmente, não pode estar presente neste momento tão especial que representa uma conquista nossa. Minhas irmãs Lidiane, meu maior exemplo de caráter e perseverança, e Mirlane, que mostra a cada dia que as dificuldades são muitas, mas que a nossa cabeça sempre tem que estar de pé para honrar com nossos propósitos - pessoas estas as quais devo a formação do meu caráter e a garra para enfrentar todos os desafios. Amo vocês infinitamente!

Ao grande amor da minha vida, meu filho Luiz Felipe, por ter apoiado toda a minha jornada acadêmica, de forma a compreender minhas ausências nos momentos que se fizeram necessários, por compreender minhas angústias e frustrações e por compartilhar das alegrias oriundas de processos bem encaminhados.

À minha família como um todo, pai, tios, primos, avós, sobrinhos, os quais coadjuvaram na minha formação e que foram exemplos para a escolha do caminho que me propus seguir. Meu agradecimento especial aos meus Padrinhos Marcia e Erivaldo que, em diversos momentos, foram fundamentais para formação acadêmica, assim como para construção do meu caráter.

À minha família roraimense/nordestina, Tia Angela e família, Flavinha e família, Karla e família e a Jucélio Luiz! Obrigada por todo apoio prestado a mim e aos meus!!

Aos colegas e amigos que conquistei na academia, em especial à turma do Mestrado 2018, assim como ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, seu corpo docente e colaboradores(as) que compõem o administrativo, assim como à instituição Universidade Federal de Roraima.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Eliane Silvia Costa, por ter desvencilhado comigo os caminhos da pesquisa, por ter acalmado meu coração aflito nos mais variados momentos e por ter sido meu anjo da guarda durante este meu último ano de mestrado.

Às Profs.^a Drs.^a Márcia Maria Oliveira, Carla Monteiro de Souza, Raimunda Gomes da Silva e Francilene dos Santos Rodrigues, por terem aceitado meu convite para participar da tão importante banca de qualificação, que corroborou com os caminhos posteriores àquele momento, e culminou nesta pesquisa. Desta forma, agradeço mais uma vez às Profs.^a Drs.^a Márcia Maria Oliveira e Raimunda Gomes da Silva por também estarem na banca de defesa final desta dissertação.

Aos profissionais que colaboraram para a construção, não só desta pesquisa, mas, do meu campo de visão sobre o assunto aqui abordado. Às pessoas que colaboraram de forma prática na construção da dissertação, com correção, tradução e organização, respectivamente Orilene, Hugo e George. A Rosana Luz, pela presença fundamental no percurso da construção da pesquisa, assim como aos colegas do grupo de orientação, aos que já finalizaram e aos que ainda estão presentes.

Agradeço a todos e todas que não estão mencionados(as), mas que, de alguma maneira, fizeram-se presentes na minha formação!!

“Eu gostaria de ser lembrada como uma pessoa que queria ser livre, para que outros também pudessem ser livres.”

Rosa Parks

RESUMO

Escrever sobre a trajetória de vida de pessoas requer considerar, com igual importância, aspectos subjetivos e sociais, portanto, exige ressaltar que, ainda que sejam distintos, esses aspectos estão articulados e um não existe sem o outro. Dito de outro modo: não há sociedade sem sujeitos nem sujeitos sem sociedade. Este trabalho teve como objetivo analisar a migração feminina, realizada por venezuelanas com destino a Boa Vista, Roraima, tentando entender o que leva uma pessoa a sair do seu lugar de origem e migrar para um lugar indefinido, requerendo compreender quais pontos positivos e negativos envolveram essa decisão e a experiência no novo território boa-vistense. Foram realizadas entrevistas qualitativas com quatro mulheres migrantes, que se encontravam morando no espaço localizado no entorno da Rodoviária Internacional de Boa Vista-RR. São essas mulheres, suas forças e seus dilemas, que busquei conhecer. Como resultados da pesquisa, foi possível conhecer a trajetória de vida delas, o que as fizeram decidir por migrar, como eram suas vidas no local de partida e como estão sendo suas vidas no local provisório de chegada; as transformações vividas por elas fez brotar uma força que nem imaginavam possuir, para que pudessem enfrentar os contratemplos encontrados durante o percurso migratório, as adversidades que tiveram de enfrentar, e têm que continuar enfrentando, seja no local de partida ou no local provisório de chegada.

Palavras-chave: Migração em Roraima; Migração venezuelana; Migração feminina; Gênero; Psicologia Social.

ABSTRACT

Writing about people's life trajectories requires considering subjective and social aspects with equal importance, therefore, it requires emphasizing that, although they are distinct, these aspects are articulated and one does not exist without the other. In other words: there is no society without subjects nor subjects without society. This work aims to analyze the female migration carried out by Venezuelans to Boa Vista, Roraima, trying to understand what makes a person leave their place of origin and migrate to an indefinite place, requiring to understand which positive and negative points involved this decision and experience in the new territory of Boa Vista. Qualitative interviews were conducted with four migrant women, who were living in the space located around the International Highway of Boa Vista-RR. It is these women, their strengths and their dilemmas that I have sought to know. As a result of the research, it was possible to know their life trajectory, what made them decide to migrate, what their lives were like at the place of departure and how their lives are at the provisional place of arrival, the transformations experienced by them sprang up in them a strength they did not even imagine they had so that they could face the setbacks encountered during the migratory journey, the adversities they had and have to continue to face, either at the place of departure or at the provisional place of arrival.

Keywords: Migration in Roraima; Venezuelan Migration; Female Migration; Gender; Social Psychology.

RESUMEN

Escribir sobre las trayectorias de vida de las personas requiere considerar aspectos subjetivos y sociales con igual importancia, por lo tanto, requiere enfatizar que, aunque son distintos, estos aspectos están articulados y uno no existe sin el otro. En otras palabras: no hay sociedad sin sujetos o sujetos sin sociedad. Este trabajo tuvo como objetivo analizar la migración femenina llevada a cabo por los venezolanos a Boa Vista, Roraima, tratando de comprender qué hace que una persona abandone su lugar de origen y migre a un lugar indefinido, requiriendo comprender qué puntos positivos y negativos involucraron esta decisión y experiencia en el nuevo territorio de Boa Vista. Se realizaron entrevistas cualitativas con cuatro mujeres migrantes, que vivían en el espacio ubicado alrededor de la Carretera Internacional de Boa Vista-RR. Son estas mujeres, sus fortalezas y sus dilemas, lo que busqué saber. Como resultado de la investigación, fue posible conocer su trayectoria de vida, qué los hizo decidir migrar, cómo eran sus vidas en el lugar de partida y cómo están en el lugar de llegada provisional, las transformaciones experimentadas por ellas surgieron en ellas un fuerza que ni siquiera imaginaban que tenían para poder enfrentar los contratiempos encontrados durante el viaje migratorio, las adversidades que tuvieron y deben seguir enfrentando en el lugar de partida o en el lugar provisional de llegada.

Palabras clave: Migración en Roraima; Migración Venezolana; Migración Femenina; Género; Psicología Social.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fronteira Brasil/Venezuela.	40
Figura 2: Operação acolhida em Boa Vista-RR.	41
Figura 3: Operação Acolhida extra abrigos.	42
Figura 4: PRA - Rodoviária Internacional de Boa Vista.	64
Figura 5: Beth.	67
Figura 6: Ruth.	69
Figura 7: Mityali.	70
Figura 8: Yexis.	71
Figura 9: A fronteira no Brasil com a Venezuela.	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Repartição por País.	34
Tabela 2: Pedidos de Refúgio.	34
Tabela 3: Número de refugiados venezuelanos.	35

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AVSI BRASIL	Associação Voluntária para Serviços Internacionais - Brasil
BV-8	Brasil Venezuela Marco 8
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
DPF	Departamento da Polícia Federal
DPU	Defensoria Pública da União
EUA	Estados Unidos da América
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Posto de Atendimento Avançado
PI TRG	Posto de Interiorização e Triagem
PRA	Posto de Recepção e Apoio
RFB	Receita Federal do Brasil
UNFPA	Fundo de Populações das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
Caminho percorrido para a elaboração da pesquisa	14
INTRODUÇÃO	18
1 MIGRAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	27
1.1 Alguns apontamentos sobre a situação de migração/refúgio Brasil/Venezuela	32
2 GÊNERO INTERSECCIONADO NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES FEMININAS.....	45
2.1 Gênero e Sexismo	46
2.2 Raça e Racismo.....	49
2.3 Gênero, Raça e Classe Interseccionados.....	52
2.4 Mulheres que migram	53
3 MÉTODO.....	60
3.1 Fundamentação Metodológica	60
3.2 Rodoviária como espaço para o campo de pesquisa	63
4 SOBRE O CAMPO	66
4.1 A Lavanderia: além de um espaço físico.....	66
4.2 Mulheres migrantes, apresento-as.....	67
4.3 Na Venezuela, o que faziam?	72
4.4 O deslocamento, a partida.	75
4.5 Pessoas que ficaram	78
4.6 Por que decidiram migrar para o Brasil?	81
4.7 O que esperavam do Brasil?	86
4.8 A vida aqui	88
4.9 Para o futuro?.....	95
4.10 A relação com as pessoas, os outros migrantes, em vários sentidos... ..	97
4.11 Como é ser mulher migrante aqui no Brasil?	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICES.....	112
APÊNDICE A	113
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	113
APÊNDICE B	116
TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO	116
APÊNDICE C	119
MODELO DE ROTEIRO	119

APRESENTAÇÃO

Caminho percorrido para a elaboração da pesquisa

Política pública e desigualdade de gênero são áreas do saber que fazem parte do meu interesse acadêmico desde a graduação. Primo por pensá-las a partir de um olhar complexo, que considere a dimensão sociológica um tanto ou quanto a subjetiva e a intersubjetiva. Afinal, parto do pressuposto que cada uma dessas dimensões não existe sem as outras.

Meu primeiro envolvimento formal com essas temáticas ocorreu no último ano da graduação, quando desenvolvi uma pesquisa de conclusão de curso sobre a Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, do Ministério da Saúde. Ainda que a questão do gênero não tivesse aparecido como tema central, ela tornou-se destaque, no momento da pesquisa de campo, quando deparei com uma usuária de um serviço público voltado para o tratamento do uso abusivo de drogas ilícitas e que se encontrava grávida de outro usuário.

Chamou-me atenção a determinação e preocupação dela com aquela criança que estava sendo gerada, o que não ocorria com o seu parceiro, que apresentava até certo grau de indiferença. Foi nessa observação que surgiu o primeiro interesse em aprofundar o debate relacionado às mulheres, mais especificamente às potências femininas e seus processos de enlace familiar.

Observei que, naquela ocasião, o desejo em manter aquela vida era privado à mulher, e que seu companheiro não estava disposto a acompanhá-la no processo. Ele queria deixá-la e, a despeito de os dois serem dependentes químicos, pretendia interná-la em uma clínica de readaptação e seguir sua vida independentemente dela e de seu (sua) filho (a). A expressão de sofrimento daquela mulher, tanto em relação ao bebê como em relação ao companheiro, despertou em mim um olhar sobre a fortaleza que ali se erguia, pois, mesmo em condições precárias, ela se impôs em uma direção de vida, de luta.

Essa experiência foi tão decisiva que minha proposta inicial para o mestrado foi estudar gênero e drogadição. No entanto, ao longo do mestrado, e em função de trabalhos que realizo, tive outras experiências tão importantes quanto, que redefini, em parte, meu problema de pesquisa. Em parte porque gênero continua a ser um pilar

de meus estudos. Para que compreendam o caminho, ressalto aqui algumas passagens desses trabalhos e a decisão por pesquisar sobre gênero e migração.

Particpei, por dois meses, do *Projeto Respeito à Diversidade: Defesa Pessoal e Rodas de Conversa*, um projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima, em parceria com a ONU, a Cáritas, o IMDH. Nesse projeto, tive a oportunidade de coordenar rodas de conversas, em que as participantes eram pessoas LGBTIs e mulheres cis¹ migrantes. Nos encontros, que eram realizados semanalmente, vários relatos de histórias de vida foram compartilhados. Por intermédio deles (os relatos), e tendo em vista, principalmente, as falas relacionadas à migração, compreendi que algumas dessas pessoas migraram em busca de encontrar formas para se fortalecer e ajudar financeiramente os que ficaram em seu país: várias mulheres tinham filhos, maridos, pais, mães que ficaram à espera de apoio; outras pessoas justificavam a migração como sendo a possibilidade de renascer em outro país, pelo fato da discriminação vivida na Venezuela, por ser membro do grupo LGBTI (talvez não soubessem que aqui também há discriminação). As mais diferentes e complexas histórias colaboraram para que eu percebesse a importância que esses agentes sociais (as mulheres) representavam nessa migração emergencial.

Além das rodas de conversa, um dos pilares do projeto foram as aulas de defesa pessoal, que tinham como objetivo a possibilidade de acrescentar a essas pessoas uma forma de autodefesa, já que estamos em um dos Estados do Brasil com maior índice de violência contra as mulheres e a população LGBTI. Conforme o Atlas da Violência 2019 (IPEA, 2019), em 2017, o Estado de Roraima apresentou a maior taxa, com 10,6 feminicídios por 100 mil mulheres, índice mais de duas vezes superior à média nacional, com uma distância significativa dos Estados com taxas mais próximas, Acre (8,3) e Rio Grande do Norte (8,3).

As taxas de Roraima flutuaram ao longo da série histórica que vai de 2007 a 2017, mas chegaram a picos de 14,8, em 2013, 11,4, em 2015 e, com exceção de 2011, nos demais anos a taxa de feminicídio em Roraima foi superior à taxa brasileira (IPEA, 2019, n.p).

¹ O termo cisgênero indica que a pessoa se identifica com o gênero que lhe foi atribuído socialmente. Assim, trata-se de um indivíduo que nasceu com os órgãos sexuais masculinos e se considera homem ou de quem nasceu com os órgãos sexuais femininos e se considera mulher. Quando não ocorre esta identificação, estamos falando de uma pessoa transgênero. Disponível em: <<https://conceitos.com/cisgenero/>>. Acesso em: 13/05/2019.

Se a violência contra as mulheres moradoras de Roraima é elevada, podemos dizer que as mulheres e a população LGBTI que migram para o Estado de Roraima não estão ilesas a essa violência, criando, assim, a necessidade do fortalecimento dessa população que chega em situação de fragilidade. O projeto de extensão mencionado tinha esse objetivo.

Na sequência desta minha experiência, ocorreu a chance de trabalhar com a migração venezuelana em uma ONG que realiza chamadas internacionais gratuitamente, facilitando a comunicação dos(as) migrantes com seus familiares e amigos(as). O que era interesse foi tornando-se realidade: por meio desse trabalho, tive a oportunidade de ampliar o contato direto com migrantes, em especial, com as mulheres. Logo, pude observar o processo feminino de migração de perto. Inclusive, tive acesso aos Abrigos de Refugiados, pois, para atingir o maior número de beneficiários(as) de ligações telefônicas internacionais, era necessário que as equipes estivessem presentes nos lugares onde havia concentração de migrantes, tanto nos Abrigos de Refugiados como nos pontos de apoio a eles, por exemplo, na Rodoviária Internacional de Boa Vista, na Igreja Nossa Senhora da Consolata, na operação dos Jesuítas, na Cáritas.

Nesse contato com as migrantes, mais uma vez, encontrei um cenário diversificado: mulheres casadas, mas sem seus companheiros que ficaram com seus filhos; mães que têm três ou mais filhos, mas que só trouxeram um; mulheres solteiras em busca de reconstruir algo que foi desconstruído, devido ao processo político, econômico e social pelo qual atravessa a Venezuela; ou ainda, mulheres que vieram para acompanhar seus parceiros em busca de novos sonhos.

Após essa experiência com a telefonia, podendo estar na grande maioria dos locais de concentração dos(as) migrantes, trabalho hoje, exclusivamente, em um único abrigo e, nele, acompanho, diariamente, as trajetórias de vida de muitas mulheres, suas complexidades, mas, acima de tudo, o interesse em conquistar algo a mais para suas vidas e a de suas famílias. Enfim, o contato com a população migrante despertou-me a necessidade de pesquisar sobre o tema migração e gênero.

Minha primeira pesquisa acadêmica e essas experiências profissionais deram-me o devido alicerce para a inserção no mundo acadêmico. Entendo que essas são algumas das justificativas pessoais do porquê escolhi os temas migração e gênero para dissertar, além disso, evidentemente, tais temas têm relevância sociopolítica, seja em função das desigualdades pelas quais passam as mulheres, seja pela

necessidade social de elaborarmos ações que atendam às peculiaridades do processo da migração venezuelana. Nesse aspecto, a academia tem um papel fundamental. Ela pode nos ajudar a compreender o que de comum há na migração de mulheres venezuelanas com outros processos migratórios e o que há de singular. Eis o motivo pelo qual estou pesquisando este tema no mestrado: precisava de alicerce teórico sobre gênero, migração e acerca da intersecção entre esses dois campos (mulheres e migração), bem como, evidentemente, entender a migração venezuelana de modo geral. Do ponto de vista acadêmico, o mestrado se justifica pela necessidade de se compreender teoricamente processos relativos à migração de mulheres venezuelanas e, nesse sentido, de contribuir com a produção acadêmica sobre os temas em questão.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre a trajetória de vida de pessoas requer considerar, com igual importância, aspectos subjetivos e sociais, portanto, exige ressaltar que, ainda que sejam distintos, estes aspectos estão articulados e um não existe sem o outro. Dito de outro modo: não há sociedade sem sujeitos nem sujeitos sem sociedade.

É por essa razão que, em uma pesquisa sobre mulheres venezuelanas que estão a morar em Boa Vista, faço apontamentos sobre a dimensão sociopolítica da qual fazemos parte, mais, especificamente, acerca do capitalismo neoliberal-totalitário (CHAUÍ, 1999, apud LUCENA & LUCENA, 2018; OLIVEIRA, 1999), tendo como parâmetro o fato de que o totalitarismo neoliberal subverte a instituição pública, que deveria ser regida por princípios e valores republicano-democráticos, mas que é administrada por fundamentos que valorizam sobremaneira o mercado. O que equivale a dizer que, com o neoliberalismo, as diferentes esferas da vida (da ciência ao governo, da religião à relação com o corpo no trabalho, no lazer etc.) tornaram-se equivalentes, pois são hegemonicamente subordinadas à força abstrata do dinheiro, do mercado econômico. Tornam-se, pois, objeto *do* e *para* o capital.

Logo, o neoliberalismo influencia, decisivamente, a vida político-ideológica e econômica, as condições de trabalho e a produção de subjetividade de um povo, polarizando a carência absoluta para uma grande maioria populacional e o privilégio absoluto para poucos (CHAUÍ, 1999). Nessa direção, ele se caracteriza pela participação decisiva do Estado, na defesa do predomínio da política econômica sobre a de cunho social, o que redundava em desempregos estruturais e escassas, e debilitadas, políticas públicas e sociais, como Trabalho, Saúde, Moradia, Cultura e Educação.

Como se não bastasse, encobre o desemprego estrutural produzido, responsabilizando as pessoas por ele e pela criação de saídas para tal situação, isso é, cabe ao próprio sujeito, em sua individualidade, salvar-se das mazelas instituídas pelo capitalismo, pela desigualdade de classe. Portanto, de um lado, o capitalismo apregoa que o desemprego é fruto da ineficiência das pessoas (e dos setores públicos) e, de outro, ressalta que o sujeito deve ser criativo e sagaz para gerir sua própria vida. Nesse jogo perverso e ambivalente de negação e afirmação de habilidades das pessoas, define-as como sendo indivíduos empreendedores, ou seja, empresas individuais, ou ainda capital humano, destinando-as a uma competição sem

limites, dominada pela concorrência disfarçada sob a nomenclatura da meritocracia (CHAUÍ, 2019).

Como resultado, do ponto de vista psicossocial, além da competição, o neoliberalismo produz individualismo e ânsia por vencer, por ter mérito. Ele age na vida psíquica e social das pessoas, administra-as, criando o engodo de que, se o sujeito (principalmente o pobre) competir e tiver mérito, vencerá. Não por acaso, cada vez mais há, entre as pessoas, o medo de “fracassar”, isso é, o medo de não ter trabalho, de não ter dinheiro, de morrer de fome. Sofrimentos como estes são de cunho político, são modelados pelo capitalismo (FERNANDES, 1999).

Nessa direção, no livro *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, a autora Silvia Federici (2017)² retrata a transformação social ocorrida desde o sistema feudal até o sistema capitalista, exemplificando a capacidade de dominação que o novo sistema tem sobre seus agentes, sobre suas mentes e seus corpos, os quais devem ser adestrados para que se adéquem às demandas do trabalho. Sobre o aprisionamento do corpo ao trabalho de cunho capitalista, ressaltou:

Fazer do próprio corpo uma realidade alheia que se deve avaliar, desenvolver e manter na linha, com o fim de obter dele os resultados desejados, se convertia em uma característica típica do indivíduo moldado pela disciplina do trabalho capitalista (FEDERICI, 2017, p. 277).

Do ponto de vista político-econômico e das relações, ele é sinônimo de globalização, desintegração e terceirização da produção, bem como de desqualificação da mão de obra e de tudo que é público – das políticas e dos serviços públicos aos movimentos sociais (OLIVEIRA, 1999). Ele produz não apenas concentração de renda na mão de alguns (grandes capitalistas) e pobreza econômica para a grande maioria das populações, como também misérias nos demais âmbitos da vida, inclusive na dimensão afetiva: não é de se estranhar que, muitas vezes, importa mais para governos e parte de seus cidadãos o dinheiro que possuem do que propiciar o bem-estar ao outro, notadamente, ao outro desconhecido/estranho.

Essas misérias sociais e psíquicas produzidas são utilizadas, estrategicamente, por governos capitalistas para, ideologicamente, justificar e

² Em defesa da visibilidade das produções de mulheres na academia, escreverei o nome completo dos(as) autores(as) citados(as), assim será possível identificar se se trata de texto escrito por um autor ou por uma autora.

intensificar ainda mais a retirada de direitos conquistados, criando um ciclo sem fim de opressão e de sede pelo poder. É o caso, por exemplo, dos discursos utilizados no Brasil para reformas trabalhistas e de aposentadoria, um tanto ou quanto das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos da América à Venezuela.

Sobre essas sanções, e tendo em vista que para esta pesquisa importa considerarmos os determinantes sociais que estruturam a vida do povo venezuelano, cabe mencionar que, desde 2014, a Lei 113.278, aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos (EUA), proíbe as empresas estadunidenses, ou vinculadas a esse país, de realizar transações e negociações com o Estado venezuelano. Com isso, os EUA impuseram bloqueios econômicos contra o país latino-americano, buscando fechar, meticulosamente, as portas por meio das quais a Venezuela pudesse estabelecer negociações comerciais que potencializassem o país (WEISBROT e SACHS, 2019). Essa jogada cerceia o governo venezuelano de contrair empréstimos nos mercados financeiros dos EUA, impedindo a economia venezuelana de se fortalecer.

Além do embargo econômico, vale lembrar que, historicamente, a economia desse país centra-se na produção e comercialização do petróleo. No entanto, se em um período de pelo menos vinte anos (de 1999 a 2014) a Venezuela recebeu milhões de dólares com a venda do petróleo, a má administração da economia local e a queda internacional do preço do petróleo, desde, principalmente, de 2014 (SILVA, 2017), dentre outros fatores econômicos³, fizeram com que a Venezuela se encontrasse em uma encruzilhada financeira. O que nos mostra, também, que

en veinte años Venezuela pasó de ser un país con una riqueza pródiga, aunque muy mal administrada, a una nación que ha debido recurrir, aceptar y distribuir entre la población ayuda humanitaria extranjera ingresada por la Cruz Roja Internacional (PAÉZ, 2012, n.p).

Aliás, não é de se estranhar que o embargo tenha sido decretado no mesmo ano em que houve queda relevante no preço do petróleo e um ano após a morte de Hugo Chavez (um dos maiores líderes políticos contrários à política capitalista estadunidense), bem como no período no qual os EUA aumentaram a própria

³ Ver, por exemplo, **Cómo Venezuela pasó de la bonanza petrolera a la emergencia económica**, de Bermúdez (2016).

produção daquele combustível fóssil. Por assim dizer, essas são estratégias voltadas para a proteção do mercado econômico dos EUA, em detrimento do país chavista.

É importante enfatizar que quase toda a moeda estrangeira necessária para importar medicamentos, alimentos, equipamentos médicos, peças sobressalentes e equipamentos necessários para a geração de eletricidade, sistema de água ou transporte é recebida pela economia venezuelana através da receita do governo proveniente da exportação de petróleo. Assim, quaisquer [medidas] que reduzam as receitas de exportação e, portanto, as receitas do governo, reduzem as importações desses bens essenciais e, em muitos casos, de produção que salvam vidas (RODRIGUES, 2019).

No tocante a esse cenário, o vice-ministro de Relações Exteriores da Venezuela, William Castillo, ressaltou que sanções econômicas como essas são substitutas de intervenção militar, provocam quase a mesma devastação. Por exemplo, no Iraque morreram mais pessoas pelo bloqueio econômico imposto pelo Conselho de Segurança da ONU (entre 1990 e 2003), que no conflito na Guerra do Golfo, em 1991 (RODRIGUES, 2019). Na Venezuela, essa situação tem proporcionado alta da inflação e falta de recursos para os serviços públicos e programas sociais do governo. Obviamente, são as camadas mais pobres as mais impactadas:

As sanções reduziram a ingestão calórica das pessoas, aumentaram as doenças e a mortalidade (tanto para adultos quanto para crianças) e deslocaram milhões de venezuelanos, que fugiram do país como resultado do agravamento da depressão econômica e da hiperinflação. As sanções exacerbaram a crise econômica na Venezuela e tornaram quase impossível estabilizar a economia, contribuindo ainda mais para as mortes adicionais. Todos esses impactos prejudicaram desproporcionalmente os venezuelanos mais pobres e vulneráveis (WEISBROT e SACHS, 2019).

Silva (2017) acrescentou:

A Venezuela passa por uma grave crise econômica e política com sérias consequências sociais, levando diversos moradores daquele país a buscarem outras localidades para sobreviverem. O fluxo tem início em 2014, momento em que o preço do principal produto venezuelano, o petróleo, encontrava-se desvalorizado no mercado internacional e os efeitos dessa baixa associada à diminuição da produção venezuelana foram sentidas de forma intensa, fazendo com que repasses feitos pelo governo para subsidiar produtos básicos para a população deixasse de ser realizado (SILVA, 2017, p. 736).

Em função desse contexto político-econômico atual da Venezuela, principalmente, tem ocorrido migração de venezuelanos(as) para diferentes regiões

do mundo, sendo que, em 2019, cerca de 4 milhões de venezuelanos(as) constavam como solicitantes de reconhecimento da condição de refugiados(as) e residentes (BRASIL, 2019?⁴).

O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), do Ministério da Justiça e Segurança Pública, em parceria com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) nos mostram ainda que, de 2011 até dezembro de 2018, no Brasil, foram recebidas 83.992 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado(a) da Venezuela pelo CONARE; desse total, 61.681 foram recebidas só no ano de 2018; e 63% dessas solicitações foram apresentadas no Estado de Roraima, isso é, somente em 2018, mais de cinquenta mil pessoas venezuelanas solicitaram refúgio em Roraima (BRASIL, 2019?).

Esse número aumentou, demasiadamente, desde 2018, época em que iniciou-se a Operação Acolhida⁵. Em dados absolutos fornecidos pelo Governo brasileiro, mais de 264 mil venezuelanos(as) solicitaram regularização migratória no Brasil, desde então (BRASIL, entre 2018 e 2020). Segundo o pesquisador João Carlos Jarochinski Silva (2017):

Com a permanência de um cenário de privação, acompanhado por um grande processo inflacionário na obtenção de gêneros alimentícios e medicinais, o movimento que inicialmente era predominantemente pendular passou a se configurar como permanente, com os venezuelanos assentando-se nas cidades brasileiras próximas às fronteiras, especificamente em Pacaraima e Boa Vista no estado de Roraima (SILVA, 2017, n.p.)

Este fluxo migratório da população venezuelana decorre de a necessidade dessa população buscar condições dignas para viver, seja nos arredores do seu país (como é o caso do Estado de Roraima), seja em locais mais distantes. Sabemos, portanto, que o contexto que envolve essa migração venezuelana não se vincula, de modo geral, a um momento de migrar voluntariamente, mas, sim, à busca de encontrar saídas para sobrevivência. É por essa razão que homens e mulheres

⁴ O uso do ponto de interrogação no ano indicado é um recurso dado pela ABNT para textos fontes que não apresentam ano de publicação. O que acontece na obra citada, de domínio público no site oficial do Governo Federal.

⁵ Realizada pelo Governo Federal, em parceria com Organizações Internacionais, a Operação Acolhida tem como função recepcionar a população venezuelana que migra para o Brasil pelo Estado de Roraima; oferecer-lhes abrigo; e possibilitar o deslocamento dessas pessoas para diferentes cidades do Brasil, na tentativa de que, em tese, encontrem trabalho e melhores condições de vida (BRASIL, entre 2018 e 2020).

venezuelanos(as), de diferentes idades, têm atravessado à pé, de ônibus ou de avião, a fronteira que liga e separa aquele país do Brasil.

Desta maneira, migrar tornou-se uma das saídas para que fosse possível a sobrevivência dessas pessoas e de suas famílias. A falta de recursos do país gerou colapso econômico, o que, conseqüentemente, atingiu parte da população de forma drástica, obrigando-a a abandonar seus lares, suas famílias, suas escolas, seus trabalhos.

A propósito, e para além da migração venezuelana, contextualizando o processo geral da migração na perspectiva de gênero, percebe-se que, historicamente, tem sido um fluxo majoritariamente masculino. Nesse sentido, Glaucia Assis (2011), em seu livro *De Criciúma para o mundo*, identificou que o termo migrante, historicamente, é carregado de masculinidade: quem, frequentemente, migra são os homens; mulheres, normalmente, encarregam-se de ficar no local da partida, cuidando da família e, em especial, dos filhos.

No entanto, a participação feminina na migração, independente dos seus parceiros, abre portas para pensarmos em uma **feminização das migrações**, levando em consideração que essa expressão “feminização das migrações” - utilizada por autoras como Joana Miranda (2009), Glaucia Assis (2011), Francilene Rodrigues e Arieche Silvia (2015) e Márcia Maria Oliveira (2016) -, não se refere a uma quantidade maior de mulheres migrantes do que homens, mas a um crescimento considerável da quantidade de mulheres que estão migrando em relação ao passado migratório delas, mostrando, cada vez mais, o envolvimento delas nos deslocamentos nacionais e internacionais e os conseqüentes processos que ocorrem no âmbito doméstico e público, uma vez que, e tal como ressaltaram Elisa Sasaki e Glaucia Assis (2000), este fenômeno faz crescer a importância delas na migração, devido aos papéis que ocupam, tanto na localidade de origem como na de destino.

Em análises sobre migração nos Estados Unidos, realizadas por Glaucia Assis (2007, p. 751), a autora ressaltou que:

nos fluxos contemporâneos, as mulheres tendem a migrar sozinhas ou como primeiras em suas famílias, sendo pioneiras em encontrar trabalho nos Estados Unidos, quebrando a imagem daquelas que esperam, ou que seguiriam os passos dos homens.

No caso da migração venezuelana para Roraima, também tem se observado, cada vez mais, a presença de mulheres migrantes. Tendo em vista que se trata de uma migração em grande escala, Gustavo Simões (2019) destacou a necessidade de se ter políticas públicas sociais voltadas, especificamente, para essa população feminina, o que inclui considerar seus filhos e suas filhas. O autor salienta:

Entre as mulheres [venezuelanas], a maioria veio com filhos, o que chama atenção para possível exposição desse segmento a vulnerabilidades e necessidades de políticas de acompanhamento escolar, creches e outros caminhos com vistas a permitir que essas mulheres trabalhem no país (SIMÕES, 2019, p. 55).

Com o intuito de investigar a migração de mulheres venezuelanas, compreender as trajetórias que as mesmas percorreram e seus objetivos, idealizei, juntamente com minha orientadora, uma pesquisa na qual pudesse participar *no* e *do* cotidiano delas. Logo, uma pesquisa na qual pudesse estar com elas o tempo necessário para que, na medida do possível, e tal como defendia Ecléa Bosi (2003), criássemos um laço de confiança. Poder conversar com elas no ritmo delas, sem pressa e encontrá-las o número de vezes que entendêssemos ser suficiente tornaram-se exigências metodológicas para esta pesquisa, portanto, uma conduta ética. Por essa razão, o campo desta pesquisa foi realizado em um dos lugares onde as quatro entrevistadas habitavam, na Rodoviária Internacional de Boa Vista-Roraima.

Lá, realizei observação participante e entrevistas. Desta forma, procurei estar o mais próximo possível delas e mantive um diálogo na perspectiva feminina, isto é, esta é uma pesquisa pautada em uma epistemologia que demanda o pessoal e o subjetivo, portanto, e inspirada em escritos teórico-metodológicos de Sandra Harding (1998), a qual busca romper a noção de ciência tradicional/androcêntrica, como se ela pudesse ser neutra, racional e objetiva, como se o caráter político não fizesse parte da construção do conhecimento. Essa noção tradicional de ciência, por ser ideológica, não transforma a ordem social hegemônica.

Defender a não neutralidade e a perspectiva feminista significa dar visibilidade para os interesses do grupo social feminino na pesquisa. Significa considerar que faz diferença mulheres investigarem e compreenderem modos de vida e experiências vividas por outras mulheres e que os homens, ao realizarem pesquisas, precisam ter como norte as desigualdades de gênero pelas quais elas passam.

Com o olhar direcionado a essa configuração, compreendo que o “perfil migratório, na condição de ferramenta metodológica, aglutina informações interdisciplinares que contribuem para a compreensão da dinâmica das migrações” (OLIVEIRA, 2016, p.43), pressupondo que, além dos números que ajudam a compreender o quantitativo gerado por essa migração, temos pessoas reais, com expectativas individuais e coletivas. Tal interdisciplinaridade vai nos ajudar a compreender o fenômeno migratório, levando em consideração os campos econômicos, sociais, políticos, subjetivos.

Mesmo supondo que mulheres venezuelanas têm migrado em função do contexto político-econômico atual, queria saber como elas próprias interpretam esse contexto e a migração por elas vivida, bem como se havia outros aspectos que as impeliram a vir para o Brasil. O foco da presente pesquisa foi entender o processo no qual se construiu a necessidade e a tomada da decisão por migrar das mulheres venezuelanas e compreender como lidam com o processo da migração.

Por quais motivos e qual a trajetória de vida dessas mulheres que as fizeram decidir por migrar? Como estão a viver em Boa Vista e o que pensam sobre migração de mulheres? Quais são suas perspectivas? Problemáticas como essas deram lastro para a realização deste estudo.

Posto isso, na Rodoviária, entrevistei quatro mulheres venezuelanas que se interessaram em compartilhar seus processos migratórios. Conversei com elas com o **objetivo geral** de conhecer a trajetória de vida das mesmas. Especificamente, a pesquisa teve como objetivos:

- (a) Entender como eram suas vidas na Venezuela;
- (b) Investigar quais foram as motivações tácitas e explícitas que as levaram a migrar;
- (c) Compreender o que pensam sobre o processo de migração atual;
- (d) Analisar como se veem como mulheres migrantes e suas perspectivas de vida.

Entender o que leva uma pessoa a sair do seu lugar de origem, como nos apresenta Sayad (1998), o seu lar, e migrar para um lugar indefinido, requer compreender quais pontos positivos e negativos que alavancaram essa decisão. O passo que segue à quebra do laço cotidiano com o território de origem e com as pessoas que ficam (mesmo que a pessoa busque a melhoria de vida para aquele que fica), de maneira geral, causa perspectivas tanto para a família e seu ciclo social, como

para a pessoa em questão. São algumas dessas mulheres, suas forças e seus dilemas, que busquei conhecer.

Esta pesquisa teve como finalidade contribuir para a literatura da migração feminina, analisando o contexto específico, que está formado em Roraima, devido ao grande fluxo migratório vindo da Venezuela. Ela foi dividida em seis partes. O próximo capítulo expõe as principais teorias sobre migração.

No segundo capítulo serão apresentadas as modalidades de dominação que modelam a vida das mulheres por pertencerem a uma sociedade preconceituosa e discriminatória.

Na sequência, no terceiro capítulo, serão apresentados a fundamentação do método e o procedimento da pesquisa. Serão apresentadas as teorias que embasaram o tratamento dado às entrevistas realizadas. É importante mencionar que este capítulo direciona o olhar que foi dado à qualificação e aos caminhos percorridos, tanto para a realização das entrevistas como para a análise delas.

No quarto capítulo há a análise do campo da pesquisa, portanto, há dados da realidade vivida pelas mulheres entrevistadas e seu caminhar no processo migratório. Por fim, as considerações finais, isto é, uma apreciação geral sobre o que a pesquisa possibilitou compreender acerca da migração feminina venezuelana no estado de Roraima.

1 MIGRAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Foi a partir de estudos iniciados pelo médico William Farr que se concluiu que a migração parecia ocorrer sem qualquer lei definida; que o cartógrafo Ernest G. Ravenstein se interessou pelo tema e desenvolveu uma das primeiras teorias sobre migração humana. Sua pesquisa (1885/1980) tomou como referência os censos demográficos de 1871 e 1881, realizados no Reino Unido. Foi a partir da comparação realizada entre eles que o autor iniciou suas análises.

Na ocasião, identificou nos relatórios desses censos que a migração ocorria com mais facilidade quando haviam bens e serviços diversificados nos lugares almejados como local para se morar (como a presença de sistema de transportes ferroviários e o desenvolvimento da Marinha mercante), assim como eram mais propensas à migração pessoas que tinham o hábito de viajar e a crescente educação dos trabalhadores. Em maior ou menor grau, esses elementos estavam relacionados a um outro: à oferta de trabalho. Concluiu, pois, que a resposta da migração estava “associada a busca de trabalhos mais remunerados e atraentes do que os disponíveis nos locais de nascimento” (RAVENSTEIN, 1980, p.43).

Assim, Ernest G. Ravenstein (1980, p. 26) compreendeu que, com tais facilidades, “o estabelecimento de uma manufatura ou a exploração de uma nova mina reúnem homens não só das vizinhanças, mas, também, das mais remotas partes do Reino”. Portanto, percebeu que as pessoas migravam por motivos palpáveis, diferentemente do que William Farr havia concluído.

O autor ainda chamou a atenção para o processo migratório que ocorria em regiões fronteiriças, pois, segundo destacou, as fronteiras em conexão, naturalmente, facilitavam o fluxo de pessoas que moram nessas regiões, já que o acesso acontecia (e) de forma mais rápida, notou também que, quando as mulheres migravam, elas migravam, preferencialmente, para cidades próximas de onde moravam, ou seja, realizavam migração de curta distância.

Outro autor que devemos ter como colaborador das teorias migratórias chama-se Everett S. Lee (1965). Seus interesses diziam respeito ao volume das migrações e ao desenvolvimento das correntes migratórias e das contracorrentes, o que de certa maneira foi analisado também por Ernest G. Ravenstein. Everett S. Lee (1965, p.100) definiu migração como

não importando quão curto ou quão longo, quão fácil ou quão difícil, a verdade é que todo ato migratório implica num lugar de origem, num lugar de destino e numa série de obstáculos intervenientes.

Tais obstáculos podem ser vinculados às barreiras físicas, como foi o caso do “Muro de Berlim”, ou aos custos dos transportes até a chegada ao local do destino. Enfim, dependerá de como cada obstáculo pese sobre o (a) migrante. Lee (1965) afirmou ainda que, para quase todas as pessoas, um clima salubre atrai e um clima insalubre repele, tornando-se um obstáculo quase geral.

Ainda segundo a teoria do autor, os fatores que levam as pessoas a decidir por migrar afetam, de maneiras distintas, algumas pessoas e, praticamente, da mesma maneira para outras, percebendo, assim, além do que Ravenstein conseguiu avançar, que, a despeito de em muitos casos haver aspectos gerais comuns entre aqueles que migram, são as características pessoais de cada indivíduo, suas motivações e seus critérios que levam alguém a avaliar sobre migrar ou não. Desta forma,

deve-se esperar encontrar muitas singularidades em nossas generalizações, porquanto as emoções passageiras, as enfermidades mentais e os acontecimentos acidentais explicam proporções consideráveis das migrações totais (LEE, 1965, p.103).

Ao analisar a perspectiva de Celso Amorim Salim (1992), é possível perceber que a migração deve ser entendida e investigada a partir de olhares múltiplos que considerem a realidade social concreta, tendo em vista que existem peculiaridades distintas enraizadas na formação histórico-social daquela população que migra. Em suas palavras:

A migração, fenômeno complexo essencialmente social e com determinações múltiplas, apresenta interações peculiares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta. Assim, diante da pluralidade das relações sociais ou dos diversos contextos sociais onde se verificam processos de mudança, a migração tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas para os indivíduos ou grupos sociais que compõem e a caracterizam (SALIM, 1992, p.119).

É importante observar e destacar que, para cada processo migratório, existe uma motivação que nem sempre pode ser encontrada nos vários contextos migratórios. Dessa forma, podemos pensar que migrantes, desde um determinado país, podem ser (e de maneira provável são) submetidos(as) às condições que não necessariamente em outro contexto migratório possam existir, mesmo sabendo que,

em muitos casos, tanto as motivações que os(as) levaram a migrar e as condições que eles (elas) tiveram que enfrentar, muitas vezes, sejam similares.

Nessa direção, como característica do fenômeno migratório, Celso Amorim Salim (1992) postulou que a “liberdade” do movimento de migrar é suposta, é questionável. Como o autor justificou, mormente, ela é imbuída de dúvidas e questionamentos, é resultado, em muitos casos, da perda do próprio espaço territorial ou, ainda, das condições objetivas de existência daquele que migra. Para o autor, não existe migração maciça espontânea, as razões estruturais compelem os(as) emigrantes a se deslocarem no espaço, determinando os fluxos e refluxos, assentamentos ou, ainda, redistribuição espacial da população. Salim (1992), com sua análise histórico-social, cumpriu papel importante para a teoria migratória.

A autora contemporânea Saskia Sassen (2002) salientou que:

O aumento acentuado da dívida pública, da pobreza e do desemprego, aliado ao encerramento de sectores da economia tradicional em todo o hemisfério sul – resultado, em boa parte, da globalização econômica neoliberal – deu origem a fenômenos de migração completamente novos ao mesmo tempo que veio alimentar um enorme surto de comércio ilegal de pessoas (SASSEN, 2002, p. 43).

Acompanhando o raciocínio da autora, podemos alinhar com o que escreveu Celso Amorim Salim (1992), pois ambos, e diferentemente dos anteriores, apresentam o poder da macroeconomia em disseminar o desequilíbrio financeiro mundial, contribuindo para o aumento do fluxo migratório em todo o planeta. Especialmente, no caso da migração venezuelana, podemos dizer que ela é fruto desse desequilíbrio político-econômico.

Desta maneira, e somando aos escritos do autor Salim e da autora Saskia Sassen, podemos acrescentar o pensamento de Abdelmalek Sayad (1998), que entende a migração como um “fato social completo”, ou seja, para ele, falar de migração é falar da sociedade como um todo. Assim, para se entender um determinado fenômeno migratório é preciso analisar a sociedade que tem propiciado a saída de sua população e, com isso, fazer conexões entre diferentes áreas que a envolvem, o que requer considerar dimensões como a Política, a Economia, a Cultura, entre outras. Ademais, considera importante realizar análises anacrônica e diacronicamente, buscando entender de forma complexa e, ao mesmo tempo, específica o processo que provocava a migração de um determinado povo em um

determinado momento histórico. É por essa razão que seu campo teórico se dá no cruzamento das Ciências Sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, como: História, Geografia, Demografia, Economia, Direito, Sociologia, Psicologia e, até mesmo, das Ciências Cognitivas, Antropologia, Linguística e Sociolinguística, Ciência Política, entre outras áreas.

A propósito, Celso Amorim Salim, Saskia Sassen e Abdelmalek Sayad tornaram-se autores fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. O primeiro com a possibilidade de analisar as características histórica-social, seja do processo migratório como um todo, bem como, também, dos indivíduos. Saskia Sassen aglutina o caráter econômico, social e político; e Sayad, por considerar essas diferentes dimensões, da História à Economia, mescla as áreas do conhecimento para aprofundar a compreensão sobre as razões que levariam a migração e as peculiaridades do migrante em questão.

Ainda sobre o pensamento de Abdelmalek Sayad (1998), é cabível diferenciar termos que se relacionam com o conceito de migração, tais como emigração e imigração. Sayad (1998, p. 14) descreveu emigração e imigração conforme trecho a seguir:

Na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo, mas igualmente necessidade de ordem epistemológica, pois o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhado enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não estiver sido definitivamente esquecido como tal- e, mesmo assim, isto ainda não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado com o nome de imigrante.

Logo, emigrante é aquele(a) que deixou seu local de origem, contudo, torna-se imigrante se for visto a partir do local de destino da migração. A depender da perspectiva, se de quem sai ou se de quem chega, é emigrante ou imigrante. No entanto, e como nos definiu o autor, nessa mesma obra, esse estado de imigrante nem é provisório nem é permanente: é uma condição eminente do(a) imigrante não ser nem uma coisa nem outra.

A tomada dessa decisão de partir depende, principalmente, dos custos e das vantagens de tal imigração, Abdelmalek Sayad (1998) nos proporciona a análise de

que imigração e imigrante só têm sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os “custos” e os “lucros” apresentar um saldo positivo – idealmente, a imigração deveria comportar apenas “vantagens” e, no limite, nenhum custo. Ou seja, para o autor, a imigração faz parte de uma expansão econômica e social (o que inclui a família e os benefícios das pessoas) e ela é autorizada ou não, pela sociedade receptora, conforme a necessidade que revela naquele determinado momento. O autor considera que o processo migratório envolve a seguinte pergunta: “como maximizar as ‘vantagens’ [principalmente as vantagens econômicas] da imigração, reduzindo ao mesmo tempo ao mínimo o ‘custo’ [notadamente o custo social e cultural] que a presença dos imigrantes impõe?” (Sayad, 1998, p. 50).

Foi o trabalho, segundo Abdelmalek Sayad (1998), concordando nesse aspecto com a análise realizada por Ernest G. Ravenstein (1980), que fez “nascer” o imigrante, foi ele (o trabalho) que o fez existir; é ele, quando termina, que o faz “morrer”, sendo baseado nessa atividade econômica que, de maneira geral, o imigrante é aceito ou não pela sociedade que o recebe, tornando seu acolhimento próspero ou inadequado.

Mas a ausência no lugar de origem responsabiliza também os que foram cúmplices da emigração, ou aqueles que os permitem ausentar-se, tornando-os objeto de expectativas e responsáveis por uma emigração suspeita, isto é, para Abdelmalek Sayad (1998), essa emigração pode ser, nominalmente, marcada como uma “fuga” ou “traição”, podendo esse emigrante ser “renegado” por seu lugar de origem, assim como pelo seu grupo social de pertencimento. O emigrante será acompanhado não só por seus companheiros de emigração, mas, principalmente, por sua consciência, que o colocará à prova em todos os momentos em que possa ocorrer qualquer desvio de conduta ou o que ele e sua sociedade de origem considerar como tal.

Logo, de maneira geral, as teorias contemporâneas sobre migração nos impelem a considerar aspectos singulares daquele que migra, o que inclui ponderar sobre seus anseios e suas necessidades, sobre seus laços de pertencimento - seja com sua família, seus/suas amigos(as) e com seu território de origem -, assim como sobre os determinantes sociais, notadamente, aqueles atinentes ao mercado de trabalho, que, em nosso contexto político-econômico, remetem ao capitalismo neoliberal. Envolve, pois, três dimensões indissociáveis: a individual, a grupal e a estrutural.

No tocante à dimensão estrutural, é preciso também considerar a legislação, a maneira como legalmente o(a) migrante é reconhecido(a). Seguem algumas das

condições mais frequentes, observadas ou aderidas pelos(as) migrantes venezuelanos(as) no Brasil.

1.1 Alguns apontamentos sobre a situação de migração/refúgio Brasil/Venezuela

É importante ressaltar que os(as) refugiados(as) são pessoas que estão fora de seu país de origem por motivos de temida perseguição, conflitos, violência generalizada ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e, como resultado, exige proteção internacional, diferentemente do fluxo migratório comum, no qual a pessoa muda temporariamente de seu país de residência habitual, independentemente do motivo da migração ou do status legal (ONU⁶). Sobre os direitos das pessoas refugiadas, o ACNUR⁷ sinalizou:

O artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma o direito de todos de procurar e desfrutar de asilo. No entanto, nenhum conteúdo claro foi dado à noção de asilo em nível internacional até que a Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados fosse adotada [...]. A Convenção de 1951 e seu Protocolo de 1967, bem como instrumentos jurídicos regionais, como a Convenção da OUA de 1969, que rege os aspectos específicos dos problemas dos refugiados na África, são a pedra angular do moderno regime de proteção aos refugiados. Eles estabelecem uma definição universal de refugiado e incorporam os direitos e obrigações básicos dos refugiados. As disposições da Convenção de 1951 continuam sendo o principal padrão internacional contra o qual são julgadas quaisquer medidas de proteção e tratamento de refugiados. Sua disposição mais importante, o princípio de *não repulsão* (que significa retorno não forçado) contido no artigo 33, é a base do regime. De acordo com esse princípio, os refugiados não devem ser expulsos ou devolvidos a situações em que sua vida ou liberdade estariam ameaçadas. Os Estados são os principais responsáveis por essa proteção.

Complementando tais definições, é válido informar que, na atual pesquisa, seguiremos tratando as(os) migrantes/refugiadas(os) como migrantes, por quatro razões específicas:

- (a) Refúgio refere-se a uma condição ou identidade político-jurídica, mas toda pessoa refugiada é, do ponto de vista psicossocial, migrante, isto é, ela passa pelos processos relativos à migração: desvincula-se de um dado

⁶ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/>>. Acesso em: 11 mar 2020.

⁷ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção Relativa ao Estatuto de Refugiados. 1951. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1>. Acesso em: 20 nov 2019.

ambiente para passar a viver em outro, experimenta, assim, em certa medida, o desafio de se desligar de um contexto sociocultural, histórico, político, jurídico e relacional, para se vincular a outro. Portanto, a despeito de nem toda pessoa migrante ser refugiada, todas as pessoas refugiadas são migrantes. Não por acaso, no dia a dia, elas são tratadas como migrantes.

- (b) Por especificidades de algumas situações individuais e características desta migração, como o fato de algumas dessas pessoas estarem ainda como migrantes pendulares (entram e saem do Brasil na hora que necessitam e que julgam adequado voltar à Venezuela).
- (c) Há também casos de venezuelanas(os) que não se caracterizam como sofrendo perseguição política.
- (d) Há pessoas que pediram refúgio, mas ainda não conseguiram esse reconhecimento formal.

A primeira razão, por si só, justifica a utilização do termo migrante, mas os outros motivos, também, foram incluídos porque dizem respeito ao que tem sido observado sobre a migração venezuelana. Alguns desses dados, como a defasagem entre o pedido de refúgio e a quantidade de refúgios concedidos (ver e comparar Tabelas 2 e 3), foram registrados na Plataforma de Coordenação Inter-agencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela - R4V⁸.

Segundo dados desta Plataforma, quase 5 milhões de pessoas já saíram do seu país de origem⁹. A mesma Plataforma nos oferece dados relativos aos anos de 2018, 2019 ou 2020, acerca do número de migrantes com residência e estadia regular concedida por 14 países, que ultrapassa 2 (dois) milhões de pessoas (2.288.779), distribuídas conforme tabela abaixo.

Tabela 1: Repartição por País

⁸ A Plataforma Regional de Coordenação Inter-agencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela (Plataforma R4V) é formada por um conjunto de 17 agências do sistema das Nações Unidas e mais de 137 parceiros da sociedade civil, para responder, de maneira coordenada, ao fluxo de venezuelanos na América Latina e Caribe. No Brasil, a Plataforma R4V é composta por 13 agências da ONU e 40 organizações sociais. Disponível em: <<https://r4v.info/es/situations/platform>>. Acesso em: 24 fev 2020.

⁹ Este número representa a soma dos migrantes, refugiados e requerentes de asilo na Venezuela, relatados pelos governos anfitriões, não implica, necessariamente, identificação individual ou registro de cada indivíduo, e inclui uma estimativa, de acordo com a metodologia estatística de processamento de dados usada por cada governo. Como muitas fontes do Governo não consideram os venezuelanos sem status regular de imigração, é provável que o número total seja maior (idem).

Nome do local	Fonte	Data dos dados	População
Colômbia	<i>Governo</i>	31 out. 2019	641.825
Peru	<i>Governo</i>	06 jan. 2020	594.171
Chile	<i>Governo</i>	30 jun. 2019	472.827
Argentina	<i>Governo</i>	20 dez 2019	188.041
Brasil	<i>Governo</i>	30 nov. 2019	123.507
Equador	<i>Governo</i>	31 mai. 2019	107.052
Panamá	<i>Governo</i>	12 nov. 2019	71.677
México	<i>Governo</i>	31 ago. 2019	46.072
Uruguai	<i>Governo</i>	31 dez. 2019	15.606
Guiana	<i>Governo</i>	11 nov. 2019	11.881
República Dominicana	<i>Governo</i>	30 jun. 2019	7.946
Costa Rica	<i>Governo</i>	30 jun. 2019	5.692
Curaçao	<i>Governo</i>	31 dez. 2018	1.291
Paraguai	<i>Governo</i>	08 jan. 2020	1.191
TOTAL			2.288.779

Fonte: Plataforma Regional de Coordenação Inter-agencial para Refugiados da Venezuela - R4V, 2020.

A Tabela acima apresenta dados em ordem decrescente: do país que mais tem recebido a população venezuelana, a Colômbia, ao que menos a tem recepcionado, o Paraguai. O Brasil é o quinto mais procurado.

Ainda conforme os dados coletados no site, o número de pedidos de estatuto de refugiados por país são:

Tabela 2: Pedidos de Refúgio

Nome do local	Fonte	Data dos dados	População
Peru	<i>Governo</i>	06 jan. 2020	394.195
Brasil	<i>Governo</i>	30 nov. 2019	129.988

Nome do local	Fonte	Data dos dados	População
Estados Unidos da América	<i>Governo</i>	31 dez. 2019	108.942
Espanha	<i>Governo</i>	15 jan. 2020	76.401
México	<i>Governo</i>	31 dez. 2019	18.500
Trindade e Tobago	<i>ACNUR</i>	31 jan. 2020	17.391
Costa Rica	<i>Governo</i>	30 jun. 2019	16.236
Equador	<i>Governo</i>	31 dez. 2018	13.535
Panamá	<i>Governo</i>	08 nov. 2019	10.984
Colômbia	<i>Governo</i>	08 mai. 2019	5.303
Canadá	<i>Governo</i>	31 jan. 2019	4.273
Pimentão	<i>Governo</i>	30 jun. 2019	3.411
Argentina	<i>Governo</i>	30 nov. 2019	3.018
Vários	<i>ACNUR, Governo</i>	05 dez. 2019	1.959
Uruguai	<i>Governo</i>	31 dez. 2019	587
Curaçao	<i>ACNUR</i>	31 dez. 2019	379
TOTAL:			805.102

Fonte: Plataforma Regional de Coordenação Inter-agencial para Refugiados da Venezuela - R4V, 2020.

No total, entre os anos de 2018 e 2020, foram registrados 805.102 pedidos de refúgio, sendo que quase 49% foram feitos para o Peru; e cerca de 20% para o Brasil, o segundo país mais almejado para o refúgio (Tabela 2). Desse total de pedidos, apenas 62.583 (7,7%) já foram deliberados pelos respectivos comitês nacionais, sendo o Brasil o país com o maior número de refugiados(as) venezuelanos(as) reconhecidos(as) na América Latina (tabela 3), tal reconhecimento garante uma maior proteção a essas pessoas.

Tabela 3: Número de refugiados venezuelanos

Nome do local	Fonte	Data dos dados	População
Brasil		31 jan. 2020	37.467
Estados Unidos da América		31 dez. 2019	9.206
Equador		05 dez. 2019	6.692

Nome do local	Fonte	Data dos dados	População
México		05 dez. 2019	3.561
Canadá		05 jun. 2019	2.478
Peru		31 dez. 2019	1.225
Trindade e Tobago		05 jul. 2019	1.196
Argentina		05 dez. 2019	268
Costa Rica		31 out. 2019	262
Colômbia		05 dez. 2019	140
Espanha		05 nov. 2019	88
TOTAL			62.583

Fonte: Plataforma Regional de Coordenação Inter-agencial para Refugiados da Venezuela - R4V, 2020.

O número de migrantes da Venezuela, no Brasil, é de aproximadamente 250 mil. Deste total, 129.988 solicitaram refúgio ao Brasil (Tabela 2), mas, menos de 29% (37.467) foram atendidos (Tabela 3) e, segundo dados de novembro de 2019, da Plataforma R4V, com visto temporário ou definitivo, há cerca de 123 mil migrantes.

O panorama sobre o perfil de parte dessa população foi divulgado no site da Organização Internacional para Migrações¹⁰ (OIM), que realizou monitoramento de fluxo da população venezuelana, no período de 13 a 17 de abril de 2019, com 636 entrevistas. Concluiu que a idade média desses migrantes era de 34 anos; que 52% eram homens e 48% mulheres, das quais 7% delas estavam grávidas; não existindo diferenças significativas entre os níveis escolares entre homens e mulheres, e que a maioria dos(as) migrantes tinha, pelo menos, o Ensino Secundário¹¹ completo.

Ainda neste monitoramento, foi percebido que 78% dos(as) entrevistados(as) vinham de Estados mais próximos do Brasil por via terrestre, como os Estados de Anzoategui, Bolivar e Monagas. Um comparativo com o mesmo monitoramento, realizado em março de 2018, indicou que 52% dos(as) entrevistados(as), naquela época, pretendiam continuar seu deslocamento para outros países, o que no atual monitoramento apenas foi sinalizado por 4% da população entrevistada.

¹⁰ Organização Internacional para as Migrações. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/oim/>>. Acesso em: 11 mar 2020.

¹¹ Equivalente ao Ensino Médio no Brasil.

Ao migrar para determinado país, em meio às burocracias, é necessário o enquadramento na Legislação local, e este foi um dos enfoques que gerou conflito para o poder público brasileiro, em como gerir a migração venezuelana que chegara ao Brasil, já que, até recentemente, o Estatuto do Estrangeiro, Lei n.º 6.815 (BRASIL, 1980), tacitamente, possibilitava um olhar sobre o(a) migrante como uma ameaça, demonstrando a preocupação do país com aspectos de natureza militar, a segurança nacional, mesmo porque aquele Estatuto foi elaborado no período da ditadura civil-militar¹².

Devido aos tratados internacionais, encabeçados pela ONU (Organização das Nações Unidas), o Estatuto do Estrangeiro foi revisto e, assim, foi deliberada, em 2017, a nova Lei de Migração, nº 13.335 (BRASIL, 2017), fruto do Projeto de Lei proposto em 2013, no qual valoriza-se um teor humanitário, dando ênfase ao tratamento do(a) imigrante como um cidadão(ã) do mundo, com direitos universais garantidos, em conformidade com a política internacional dos Direitos Humanos (Jusbrasil¹³).

Nessa mesma direção, no início do ano de 2018, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), os Estados/as Nações foram encorajados a incorporar nas suas legislações os critérios ampliados da Declaração de Cartagena de 1984, que, dentre eles, encontra-se na 11ª cláusula:

Estudar com os países da região que contam com uma presença maciça de refugiados, as possibilidades de integração dos refugiados na vida produtiva do país, destinando os recursos da comunidade internacional [...] para a criação ou geração de empregos, possibilitando assim o desfrutar dos direitos econômicos, sociais e culturais pelos refugiados (Declaração de Cartagena, 1984, Cláusula 11).

Essa discussão é pertinente para o caso da migração venezuelana, pois, mesmo com ausência de comprovação de perseguições individuais, ela pode ser enquadrada em uma situação de “grave e generalizada violação de direitos humanos”¹⁴. Nesse sentido, principalmente, a partir de 2018, o Estado brasileiro tem organizado ações que buscam propiciar alguma dignidade ao povo venezuelano migrante. São elas:

¹² Regime instaurado em 1 de abril de 1964, o qual durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares.

¹³ JUSBRASIL. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/home>>. Acesso em: 25 fev 2020.

¹⁴ Idem

Em janeiro de 2018, o Governo Federal assinou três Medidas Provisórias (nº 823/2018, nº 857/2018 e nº 860/2018) que destinaram, no total, R\$ 280,3 milhões para assistência a solicitantes de refúgio da Venezuela por meio do estabelecimento da Operação Acolhida. A resposta incluiu ampliação da oferta de documentação, abrigo, proteção dos direitos das mulheres, das crianças, dos adolescentes e das pessoas com deficiência, apoio a indígenas venezuelanos, interiorização voluntária a outros estados brasileiros e às comunidades de acolhida, bem como o fornecimento de infraestrutura e saneamento. Pouco mais de um ano depois, em 30 de abril de 2019, por meio da Medida Provisória nº 880/2019, R\$ 223,8 milhões adicionais foram liberados pelo governo brasileiro a fim de oferecer assistência humanitária emergencial aos venezuelanos e venezuelanas que se deslocaram ao Brasil (Plataforma Regional de Coordenação Inter-agencial para Refugiados da Venezuela- R4V, entre 2018 e 2020, n.p.).

Ainda no ano de 2018, foi decretada a Lei nº 13.684 (BRASIL, 2018), que dispõe sobre as medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade, decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária. Neste caso, ela viabiliza para a pessoa migrante o pedido de solicitação às autoridades competentes para ser reconhecida como refugiada, mesmo que ela ainda não tenha tido seu pedido deliberado pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Desta forma, no caso da população venezuelana, devido ao intenso fluxo de pessoas que migraram para o Brasil, foi possível um ato emergencial para tentar suprir o controle da demanda acarretada pela migração. Mas os números apresentados nas Tabelas 2 e 3 demonstram que ainda há um hiato significativo entre as ações realizadas e a demanda da população venezuelana.

As medidas de assistência emergencial estão inscritas no Art. 5º da referida lei e visam à ampliação das políticas de:

- I – proteção social;
- II – atenção à saúde;
- III – oferta de atividades educacionais;
- IV – formação e qualificação profissional;
- V – garantia dos direitos humanos;
- VI – proteção dos direitos das mulheres, das crianças, dos adolescentes, dos idosos, das pessoas com deficiência, da população indígena, das comunidades tradicionais atingidas e de outros grupos sociais vulneráveis;
- VII – oferta de infraestrutura e saneamento;
- VIII – segurança pública e fortalecimento do controle de fronteiras;
- IX – logística e distribuição de insumos; e
- X – mobilidade, contemplados a distribuição e a interiorização no território nacional, o repatriamento e o reassentamento das pessoas mencionadas no caput deste artigo. (BRASIL, 2018)

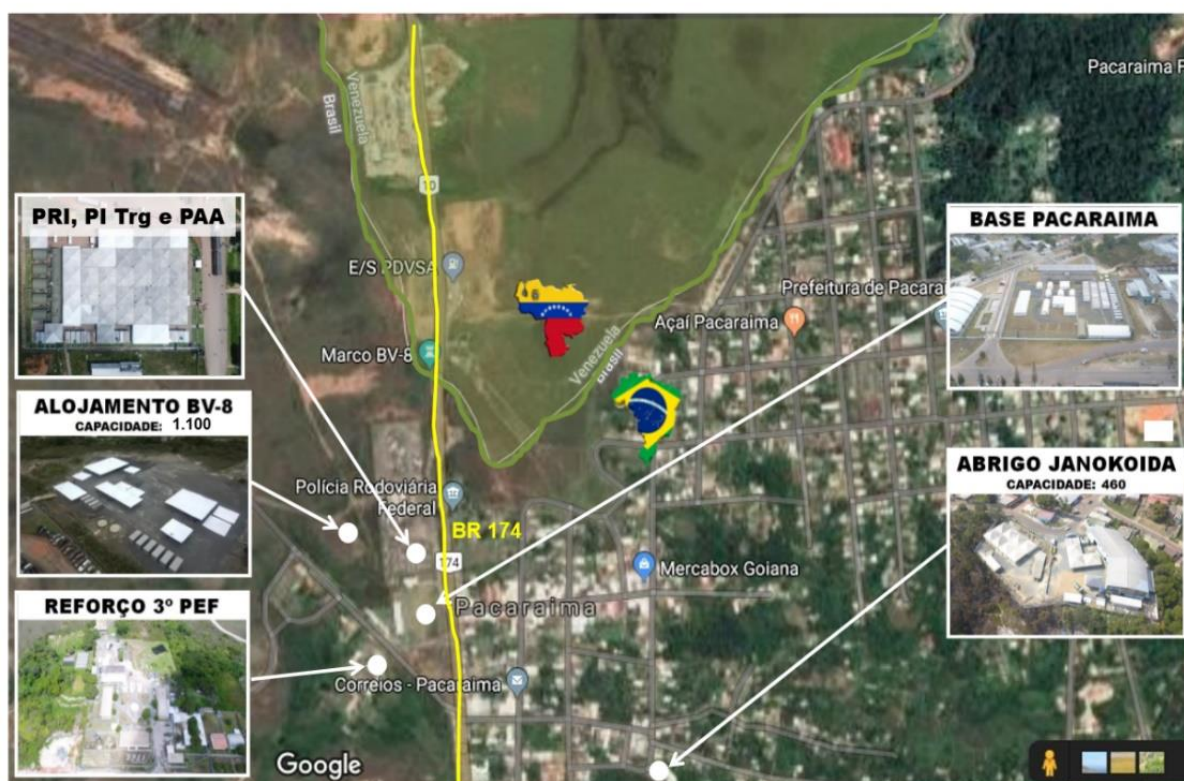
Com base nessa Lei, e nas medidas provisórias citadas, foi delineada e deliberada a “Operação Acolhida” à população migrante venezuelana. Como mencionado, ela é liderada pelo Governo Federal e executada com o apoio do Comando das Forças Armadas Brasileira e Agências das Nações Unidas (ACNUR, UNFPA, OIM, entre outras), em parceria com entidades da sociedade civil, tendo em sua estrutura três encaminhamentos principais:

- ✓ O ordenamento na fronteira, com centros de triagem e documentação em Pacaraima-RR, cidade limite entre a fronteira dos dois países, e em Boa Vista-RR, capital do Estado, onde se encontra o maior número de imigrantes;
- ✓ Espaços para abrigo, tendo a soma de treze abrigos em média, com capacidade para mais de 6 mil pessoas migrantes, principalmente, em Boa Vista-RR;
- ✓ E ações de interiorização, que é o envio dos imigrantes para outras partes do país, seja por reunião familiar¹⁵ ou ainda oportunidade de trabalho, sendo vistoriado e autorizado pela Operação Acolhida.

Para entendermos como está sendo organizado esse fluxo migratório é interessante a compreensão da dinâmica existente tanto na fronteira entre os dois países como também em suas proximidades. Ao chegar à fronteira Brasil/Venezuela os(as) migrantes se deparam com um acolhimento promovido pela já mencionada Operação Acolhida, que inicia suas atividades na cidade fronteira Pacaraima.

¹⁵ De acordo com o Art. 37, visto ou autorização de residência para fins de reunião familiar será concedido/a ao imigrante: I - cônjuge ou companheiro, sem discriminação alguma; II - filho de imigrante beneficiário de autorização de residência, ou que tenha filho brasileiro ou imigrante beneficiário de autorização de residência; III - ascendente, descendente até o segundo grau ou irmão de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência; ou IV - que tenha brasileiro sob sua tutela ou guarda (Lei 13.445/2017).

Figura 1: Operação Acolhida na fronteira Brasil/Venezuela



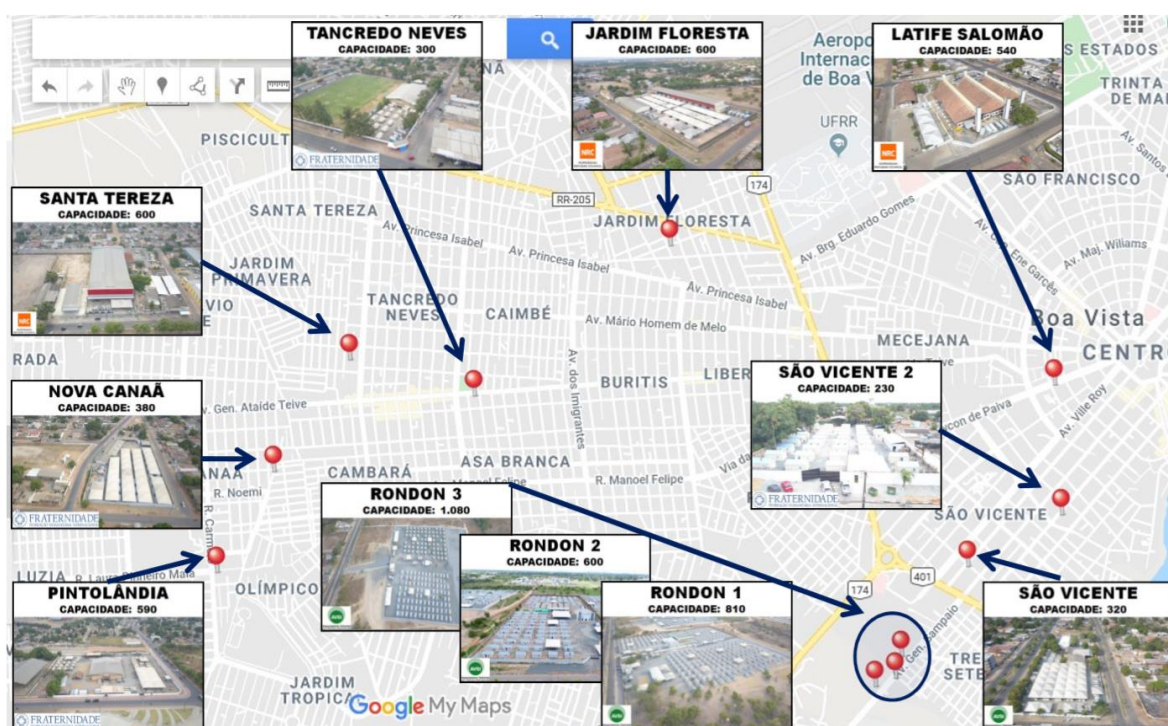
Fonte: Operação Acolhida.

Na Figura 1, podemos visualizar que, na fronteira entre os dois países, encontram-se a cidade fronteiriça brasileira, Pacaraima, e a cidade de Santa Helena de Uairén, que fica do lado venezuelano. Ao chegar ao Brasil, os(as) migrantes encontram as bases de atendimento da Operação Acolhida na fronteira brasileira, podendo ter acesso aos abrigos, dos quais um é voltado, especificamente, para indígenas. Trata-se do abrigo Janokoida, com capacidade de até 460 indígenas, administrado pela Fraternidade Federação Humanitária Internacional.

Há também um abrigo não indígena, com capacidade para até 1.100 pessoas, administrado pela Avsi Brasil. Como também dois postos de atendimento: Posto de Recepção e Identificação (PRI), Posto de Interiorização e Triagem (PI Trg) e Posto de Atendimento Avançado (PAA), onde acontecem os atendimentos das Agências Internacionais (UNFPA, UNICEF, OIM, ACNUR), da Defensoria Pública da União (DPU), da Delegacia da Polícia Federal (DPF), da Receita Federal (RFB), bem como atendimentos hospitalar, fármaco e ambulatorial, e possíveis apoios logísticos das Forças Armadas Brasileiras.

Dando sequência ao trajeto migratório da grande maioria dos(as) migrantes, eles(as) chegam à cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, na qual se encontra a maior concentração de aparato logístico da Operação dentro do território brasileiro, com os abrigos que dão suporte aos migrantes, com moradia, comida, segurança, entre outras atividades, e seu aparato logístico e administrativo.

Figura 2: Operação Acolhida em Boa Vista-RR



Fonte: Operação Acolhida.

Encontramos na Figura 2 o detalhamento da configuração espacial da Operação Acolhida na cidade de Boa Vista-RR, nela estão localizados os 11 abrigos oficiais da Operação – administrados pelas Forças Armadas, em parceria com a Avsi Brasil, Fraternidade Federação Humanitária Internacional e Fraternidade sem Fronteiras–, com capacidade média de 6 mil pessoas ao total. Desses abrigos, apenas o abrigo Pintolândia é destinado aos Indígenas com predomínio da etnia Warao.

Figura 3: Operação Acolhida extra abrigos



Fonte: Operação Acolhida.

A Figura 3 refere-se à estrutura extra-abrigo da Operação na cidade de Boa Vista-RR, podendo ser visualizado o Posto de Recepção e Apoio (PRA), localizado na Rodoviária Internacional de Boa Vista; o Alojamento BV8-Pacaraima, onde residem as pessoas que trabalham na Operação no município de Pacaraima; além dos postos de apoio existentes na cidade de Manaus, como o Posto de Recepção e Apoio e Alojamento de Trânsito de Manaus, sendo que as pessoas que são interiorizadas por Manaus fazem uso desse espaço até que possam seguir viagem outra vez.

Os regulamentos normativos e as operações de recepção aos migrantes, mencionadas anteriormente, buscam direcionar os processos migratórios, no entanto, há algo do acontecer cotidiano que escapa às normativas e aos processos institucionalizados. Nessa direção, a autora Márcia Oliveira (2016) propõe que os(as) migrantes provocam importantes mudanças nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais nas regiões onde ocorrem as alterações populacionais devido a migração, seja ela receptora ou emitente desse fluxo. Assim como não podemos deixar de considerar, como nos afirma Dora Dávola Mendonza (2015, n.p.), que “*La comprensión integral del fenómeno migratório debe analizarse desde la historia*

social... a las motivaciones de su movilizacion y los insumos personales y culturales que trae y adota em su destino". Todo esse percurso dá embasamento para a compreensão do processo migratório, desde o local de partida até o local de chegada, bem como dá ensejo para que, além de ações de acolhimento, e em função das mudanças que os processos migratórios acarretam nos locais de destino, haja também ações de rechaço e repulsa aos migrantes, vistos muitas vezes como invasores.

Inclusive, há violências impostas a migrantes pelo próprio poder público. Sobre isso Juventina Yolanda Correa Castro (2006), que analisou a migração feminina no contexto mexicano em sua tese de doutorado "*Ahora las mujeres se mandan solas*" (2006), ressaltou:

Las migraciones internacionales adquieren importancia por las dimensiones políticas y sociales de los Estados-naciones, pero tambien por su papel económico decisivo para las economías de los países de origen. Esta nueva era em la historia de la movilidad humana tambien há incluido cambios em las políticas de los países receptores, em las reglas de ingreso, em los puestos de trabajo, así como em el modo de percibir y valorar a los y las migrantes. **La relativa libertad de circulacion es sustituida por la restriccion y el uso de la violencia. La selectividad gubernamental de la migracion es cada vez mas rigurosa y excluyente** (CASTRO, 2006, p. 40, grifos nossos).

No caso da migração venezuelana, tem sido recorrente representantes do poder público atacar essa população, podemos ter como referência as publicações nos mais diversos meios de comunicação, como, por exemplo, no jornal Metrôpoles, que destacou: "Parte [da população] defende que a fronteira seja fechada, como solicitado pelo governo do Estado ao Supremo Tribunal Federal" (METRÓPLOS, 2018). Tais publicações e decisões governamentais incentivaram a propagação da xenofobia diante do contexto migratório.

Não é forçoso dizer que essa população se encontra no Brasil entre processos de receptividade e de ataque orquestrados pelo próprio poder público, também não é de se estranhar que essa mesma recepção ambivalente, ora cuidadosa ora violenta, seja realizada pela população brasileira, notadamente a roraimense. Por exemplo, há situações que envolvem ataques machistas explícitos às mulheres venezuelanas, o que inclui aquelas que são profissionais do sexo, como mencionado pela defensora pública estadual do juizado de violência doméstica, Jeane Xaud, em matéria publicada, no dia 08 de março de 2018, na Metrôpoles. Em suas palavras:

“Vivenciamos uma nova era dessa violência com a questão da migração das venezuelanas. Muitas são exploradas na prostituição. É a vulnerabilidade dentro da vulnerabilidade” (MENEZES & ESTRELA, 2018).

2 GÊNERO INTERSECCIONADO NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES FEMININAS

É importante compreender a discussão de gênero no contexto migratório, assim como a de raça/etnia e classe, mesmo porque, segundo Heleieth Saffioti (2004), nunca é demais realçar, o gênero é também estrutura da sociedade, do mesmo modo que a classe social e a raça/etnia.

Segundo Flavia Biroli e Luiz Felipe Miguel (2015), no texto *Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades*, gênero, raça e classe são conceitos utilizados para compreensão de desigualdades presentes nas sociedades contemporâneas, quais sejam: a opressão de gênero (sexismo), a opressão étnico-racial (racismo) e a opressão de classe (classismo).

É possível considerar que essas opressões articuladas estão presentes na xenofobia, visto que, mormente são as pessoas estrangeiras pobres e não brancas as que são mais discriminadas.

Neste capítulo, considerações sobre as categorias sociais de gênero, raça e classe serão feitas, todavia, serão destacadas teorias que versam sobre gênero (tema central desta pesquisa) e de raça, pois, em certa medida, apontamentos sobre dominação de classe já foram feitos na introdução desta pesquisa, nos trechos sobre capitalismo.

Vale lembrar que o sistema capitalista tem como lastro a divisão da sociedade em classes sociais que, em última instância, são polarizadas entre pessoas ricas, que, pelo simples fato de serem ricas, detêm privilégios materiais e simbólicos; e pessoas pobres, que, pelo simples fato de serem pobres, são oprimidas de todos os modos, sendo consideradas menos inteligentes, menos belas, menos... Bem como sofrem em trabalhos precarizados, terceirizados, flexibilizados e, ainda assim, temem perdê-los e receiam sofrer as mazelas do desemprego, sendo, muitas vezes, impelidas a ficarem horas em filas, em busca de algum trabalho, alguma comida e certa dignidade. São esses sujeitos que, em função da dominação de classe, passam por persistentes processos de angústias e humilhação social (GONÇALVES FILHO, 2004).

No caso da presente pesquisa, como é notório, em função do contexto capitalista neoliberal, são principalmente as pessoas venezuelanas, em situação de pobreza ou de extrema pobreza, que estão migrando. São elas as pessoas que estão a habitar os abrigos, as ruas, a pedir trabalho nos semáforos de Boa Vista, a trabalhar

como empregadas domésticas. Algumas delas, talvez, não fossem originalmente pobres, mas, aqui, vivenciam essa condição.

Como essas pessoas, além de classe social, possuem uma identidade de gênero e raça, seguem alguns desenvolvimentos teóricos sobre essas categorias.

2.1 Gênero e Sexismo

Para a autora Joan Scott (1995), em seu texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*,

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. [...]. Além disso, o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas [...]. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" -a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres (SCOTT, 1995, p. 75).

Nota-se que a autora enfatizou o caráter relacional, sócio-histórico e político que há nas distinções baseadas em identidades sexuais. Portanto, não é crível pensar o lugar social atribuído à mulher sem considerar o do homem e vice-versa, isso porque, histórica e ideologicamente, a mulher só é vista como menos capaz porque, mesmo que implicitamente, os homens são considerados superiores.

A partir dessas considerações feitas por Joan Scott (1995), bem como de escritos de autoras como Guacira Louro (1997) e Judith Butler (2003), entre outras, é possível ressaltar que as teorias contemporâneas sobre gênero buscam romper a representação ideológica de que, por natureza, homens são mais potentes do que as mulheres cisgênero e que pertencer à população LGBTQI+ (lésbica, gay, bissexual, transexual, queer, intersexual e outras) é sinal de patologia. Ou seja, essas teorias buscam dismantelar o sexismo.

Aqui, sexismo será usado como termo guarda-chuva. Ele inclui as diferentes modalidades de violência de gênero, tais como: bifobia, homofobia, lesbifobia,

machismo, transfobia; respectivamente, violências contra a população bissexual, homossexual, lésbica, mulheres cisgênero e transexual.

Os desenvolvimentos teóricos das autoras de gênero mencionadas desconstroem a relação de causalidade entre identidade social de gênero, sexo (órgão sexual) e sexualidade: a identidade e a sexualidade passam a ser vistas como construções psicossociais independentes da biologia do corpo. Além disso, a identidade é tida como processual, inacabada, fragmentada, não essencializada, em conflito e plural (BUTLER, 2003). O que significa romper com rótulos costumeiramente atribuídos aos homens, às mulheres e à população LGBTQI+.

Igualmente, esse olhar, também, quer dizer que as práticas sociais e as instituições “fabricam” os sujeitos. São “generificadas” – produzem-se ou “engendram-se” a partir das relações de gênero (LOURO, 1997, p. 25). Não por acaso, homens ganham mais que as mulheres e ocupam os principais postos de poder, mesmo quando possuem o mesmo nível de escolaridade.

Discorrer sobre gênero demanda considerar que, além de conceitos, o termo gênero refere-se a essa conjuntura sócio-histórica, político-jurídico-ideológica e afetivo-relacional que essencializa, hierarquiza e privilegia os homens heterossexuais. Logo, esse conceito concerne à modalidade de desigualdade política vivida por aquelas(es) que não são homens héteros. Tal desigualdade é sinônimo de violência.

São violências cotidianas variadas. Elas incluem desde a exigência social de que mulheres sejam femininas e mães até o fato de ganharem menos e o feminicídio. A luta contra essa conjuntura sexista pressupõe dismantelar a dominação masculina (o poder patriarcal). Como frisou Michelle Perrot (2006), na história, e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres.

O patriarcalismo constitui o universo cotidiano das pessoas, das famílias, das comunidades e das instituições, para Heleieth Saffioti (1996, p. 54):

Como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. Ainda que não se possa negar o predomínio de atividades privadas ou íntimas na esfera da família e a prevalência de atividades públicas no espaço do trabalho, do Estado, do lazer coletivo, e, portanto, as diferenças entre o público e o privado, estão estes espaços profundamente ligados e parcialmente mesclados. Para fins analíticos, trata-se de esferas distintas: são, contudo, inseparáveis para a compreensão do todo social.

Tácita ou explicitamente, a imposição masculina na sociedade destina lugar de submissão às mulheres. Na maioria das vezes, esse lugar é atribuído por seus pais ou cônjuge, os quais criam, sustentam e reproduzem a representação hegemônica que as define como tendo de ser "recatadas e do lar", sendo que, por vezes, ou muitas vezes, elas (ainda que não percebam ou não queiram perceber) acabam por consentir com o machismo.

Em seu livro *Gênero, Patriarcado, violência*, Heleieth Saffioti (2004) salientou que a representação hegemônica e generalizada de que os homens são superiores, comumente, influencia a tomada de decisão das mulheres, provocando nelas, por vezes, o medo de acreditar na capacidade que têm de construir uma estabilidade independente da figura masculina.

A tentativa de quebrar o modelo patriarcal, como regra hegemônica, pode atingir não só uma pessoa em sua individualidade, mas, também, seu ambiente familiar e social. Como a luta contra a opressão de gênero é diária, ela cansa e, muitas vezes, entristece e desmotiva: *en una situacion de crisis los actores estan cansados y las dificultades para sobrevivir povocan situaciones dificeles que [podem] rebajan la moral* (ESTEFANIA, 2011, p. 17).

Para que consiga se desprender do patriarcalismo, o grupo social atingido pelo sexismo precisa enfrentar aquilo que foi imbuído a ele. Como apontado, trata-se de parâmetros estruturais que modelam não apenas a construção da identidade do sujeito, como as práticas sociais e institucionais.

Ao analisar processos históricos de desigualdade social, Michelle Perrot (2006), em seu livro *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, destacou que o antifeminismo do Séc. XX alimenta-se do esforço ainda tímido das reivindicações feministas pela igualdade dos direitos pessoais, civis e políticos, isto é, essa "nova Eva" suscita o fervor daqueles que sonham com companheiras inteligentes e livres, porém, de forma mais generalizada, há aqueles que temem ser desbancados e que se veem ameaçados pelo poder feminino e, com isso, propagam que essa nova mulher produz a decadência dos costumes. Ou seja, embora essas mulheres estejam, de certa forma, conseguindo avançar em seu processo de crescimento, elas se deparam com barreiras impostas, cotidianamente, pelo posicionamento masculino.

Dessa forma, podemos compreender e interpretar que as desigualdades entre os gêneros, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder e pelos agentes envolvidos na trama das relações sociais (SAFFIOTI, 2004).

No entanto, devemos destacar que as mulheres e a população LGBTQI+ também são agentes sociais de luta, elas vão à busca dos seus objetivos, muitas vezes, independente de possuir um aparato que propicie uma segurança estrutural ou que lhe assegure um conforto. Sobre a luta das mulheres, Michelle Perrot (2006, p. 212) salientou que:

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resiliência- a hierarquia, a disciplina- que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra.

Contudo, não basta fazermos esse debate considerando, exclusivamente, a temática de gênero. É preciso agregar outras categorias nesse cenário, notadamente, a de raça.

2.2 Raça e Racismo

Apesar de estudos biológicos recentes constatarem que não existem raças biológicas, ou seja, não há marcadores genéticos que diferenciariam os sujeitos em grupos raciais superiores e inferiores, do ponto de vista psicossocial, e tal como frisou Kabengele Munanga (2003), a raça ainda é um importante componente nas relações e estruturas sociais.

No Brasil, segundo Oracy Nogueira (2006), o racismo refere-se ao estabelecimento de uma hierarquização em que: ao grupo racial fenotipicamente negro (preto e pardo)¹⁶, é atribuído o lugar mais rebaixado; e ao grupo racial fenotipicamente branco (branco-europeu), é destinado o lugar de superioridade.

O racismo tem como um de seus principais dispositivos a discriminação racial, que se refere a qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça/cor, etnia (o que inclui os indígenas) e origem (BRASIL, 1969).

No tocante ao racismo de origem, ele pode se referir, por exemplo, à discriminação experienciada, no Brasil, pelas pessoas nortistas e nordestinas quando

¹⁶ O autor discorreu sobre a população negra, mas a população indígena, do ponto de vista do racismo, passa por processos semelhantes.

estão fora de suas regiões de origem, especialmente, quando estão nas regiões Sul e Sudeste brasileiras. Mas, principalmente, quando se trata de pessoas que, quando não são negras ou indígenas, são automática e visivelmente percebidas como sendo, nas palavras de Lia Vainer Schucman (2012): “*brancas encardidas*”. Dito de outro modo, quando são pessoas “*brancas pardas*”, fenotipicamente miscigenadas, brancas menos brancas, pois, são pessoas socialmente reconhecidas como brancas que, mesmo sutilmente, apresentam aspectos físicos associados a povos negros ou indígenas (SCHUCMAN e COSTA, *memo.*)¹⁷.

Trata-se, portanto, de racismo de origem porque diz respeito ao local de nascimento da pessoa considerado menos valorizado e, junto com isso, porque há características no corpo da pessoa, quando não é negra e/ou indígena, que a faz ser notada como uma pessoa branca inferior. Nesse sentido, de acordo com Lia Vainer Schucman (2012), há também hierarquização dentro o grupo racial branco: há os branquíssimos, os brancos e os encardidos, sendo que, quanto mais a pessoa apresenta traços fenotípicos europeus, mais branquíssima ela é e, portanto, mais passável por europeia ela é (SCHUCMAN, COSTA, *memo.*).

Se a Europa branca é o centro da valorização racial, é crível considerar que pessoas que nascem fora desse continente quando viajam ou migram para lá estão expostas ao racismo propriamente dito (se se tratar de pessoas negras e indígenas) e ao racismo de origem, quando vistas como encardidas. Por envolver mudanças temporárias ou permanentes de território, à discussão racial agrega-se a xenofóbica, isto é, a repulsa ao estrangeiro (não branco, branquíssimo ou encardido).

A xenofobia também ocorre em países fora da Europa, como é o caso do Brasil. Mas é plausível afirmar que ela é posta em prática, principalmente, quando as pessoas estrangeiras, migrantes ou viajantes, são negras, indígenas ou pardas/brancas encardidas. Nesse sentido, há pontos de conexão e convergência entre a discussão racial e xenofóbica. Quando ingleses brancos foram rechaçados por pessoas brasileiras só pelo fato de elas serem inglesas? Por outro lado, pessoas nigerianas, cubanas, haitianas, bolivianas e, agora, venezuelanas o são. As primeiras são invariáveis negras e as duas últimas, frequentemente, têm ascendência indígena e/ou negra.

¹⁷ Identidades, Identificações e Classificações raciais no Brasil: O pardo branco e o pardo negro e as ações afirmativas.

Dito isso, o racismo tem por objetivo ou efeito anular ou restringir os direitos dos grupos raciais tidos como inferiores, em qualquer âmbito da vida (BRASIL, 1969): do amor ao trabalho, do acesso à escola à forma e idade que se morre.

Os estudos de desigualdades raciais desenvolvidos por Hasenbalg e Silva e citados por Eliane Costa (2012), entre outros, têm como hipóteses principais que as desigualdades encontradas entre brancos e negros (e indígenas), no Brasil, referem-se à diferença de oportunidade e de tratamento direcionados, cotidianamente, a cada um desses grupos raciais, e não a uma herança do passado escravista. Para aqueles autores, há um ciclo cumulativo de desvantagem, o que dificulta ou impede a mobilidade social das pessoas negras (e indígenas), sendo que a cada geração há o aumento das desigualdades sociais entre esses grupos.

Explicitamente ou não, o racismo cria e propaga um discurso biológico violento e enganoso acerca da inferioridade das pessoas não brancas. Assim sendo, pauta-se na crença de que aspectos mentais, morais, culturais, intelectuais são um contínuo direto das características biológicas desses grupos raciais (MUNANGA, 2003). O discurso propagado, que associa o indivíduo negro ao macaco e o indígena ao selvagem, ilustra esse olhar discriminatório, essencialista e racista, como se esses sujeitos não tivessem evoluído: em não sendo humanos, são matáveis.

Assim como o sexismo e o classismo, de acordo com Geledés (2013), o racismo estrutura a Cultura, a Política, a Economia, as instituições, as relações, as subjetividades e é estruturante de três dimensões, a saber: a institucional, interpessoal e subjetiva/pessoal.

A dimensão institucional é observada quando as prioridades e escolhas institucionais negligenciam as pessoas negras e indígenas. A dimensão interpessoal refere-se ao fato de o racismo estruturar os laços estabelecidos entre os sujeitos nos pequenos grupos, nas famílias, nos casais. A dimensão pessoal envolve a vida subjetiva do sujeito, ou seja, identitariamente, a raça constitui os sujeitos. É por isso que o racismo, mesmo implicitamente, funciona como metaenquadre, isto é, como regra constante que orienta modos de pensar, agir, interagir, sentir (COSTA, 2015).

No Brasil há, evidentemente, o rebaixamento de pessoas pobres brancas, a discriminação de classe (ferramenta do capitalismo) faz isso, evidencia-se, por exemplo, quando são consideradas menos inteligentes, ainda assim, e em comparação com as pessoas negras da mesma classe social, elas têm o privilégio da branquidade (SCHUCMAN, 2012).

2.3 Gênero, Raça e Classe Interseccionados

As discussões de gênero, de raça e classe ganharam novos rumos graças à teoria da interseccionalidade, teorizada por Kimberle Crenshaw (1989/2002), mas que, antes dela, já contava com escritos de autoras como Ângela Davis (1981/2016) e seu famoso livro *Raça, Classe e gênero*. O conceito de interseccionalidade salienta que cada uma dessas modalidades de opressão (racismo, classismo, sexismo) está inscrita dentro da outra e é constitutiva dela e o reconhecimento de que a dominação, ao privilegiar alguns e ao golpear outros, privilegia e fere não por uma característica ou por outra, mas pela integralidade: avilta-a por ser negra e pobre ao mesmo tempo; privilegia-o por ser homem e branco ao mesmo tempo.

Portanto, não se trata, apenas, de somar essas três categorias e, sim, perceber a realidade que juntas compõe (SAFFIOTI, 2004). A autora discorre sobre a teoria do nó que existe, formado por essas três subestruturas: gênero, classe social, raça/etnia. Para ela, o importante é analisar estas categorias na condição de fundidas, ou enoveladas, ou enlaçadas em um nó, mesmo porque considerar que, em certos momentos, algumas dessas categorias podem se sobressair à outra não exclui umas às outras.

Como nos apresenta Kia Killy Caldwell (2000, n.p.), em seu artigo *Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil*:

A relação entre raça, gênero e classe vem sendo estudada por um número crescente de feministas americanas, inglesas e canadenses. Recentemente feministas brancas e negras analisaram os modos como as diferenças entre mulheres estão ligadas a estruturas maiores de desigualdade, particularmente as que resultam de políticas de dominação racial. Embora essas análises tenham sido desenvolvidas em países com ideologias raciais muito diferentes da ideologia brasileira de "democracia racial"¹⁸, elas contribuem para a compreensão do papel de raça na construção social de gênero.

¹⁸ A ideia de que o Brasil era uma sociedade sem "linha de cor", ou seja, uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou a posições de riqueza ou prestígio, era já uma ideia bastante difundida no mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, bem antes do nascimento da sociologia. Tal ideia, no Brasil moderno, deu lugar à construção mítica de uma sociedade sem preconceitos e discriminações raciais. Mais ainda: a escravidão mesma, cuja sobrevivência manchava a consciência de liberais como Nabuco, era tida pelos abolicionistas americanos, europeus e brasileiros, como mais humana e suportável, no Brasil, justamente pela ausência dessa linha de cor. (GUIMARÃES, 2006, p.270)

E, por ampliação, essas mesmas análises contribuem para a compreensão do papel do gênero na construção social da raça, um tanto ou quanto dessas categorias na discussão da classe social.

É importante destacar que esse olhar apresentado por Kia Killy Caldwell (2000), foi construído com base em estudos diversos sobre a militância feminista e as observações feitas por autoras em relação ao posicionamento de mulheres brancas, assim como de mulheres negras e a relevância delas no combate ou na análise da postura dessas mulheres, nesse contexto feminista.

Cabe considerar que essa discussão sobre intersecção entre raça, classe e gênero é pertinente para os debates sobre migração, mesmo porque, como definiu Abdelmalek Sayad (1998), o contexto migratório é interdisciplinar ou, ainda, um fato social total, pressupondo que cada sujeito que migra deve ser analisado, tendo como princípio motor o enlace entre diferentes aspectos.

Ainda sobre migração feminina, vale lembrar que as mulheres vêm migrando com maior intensidade com o passar dos anos; e estão cada vez mais reconhecendo-se como agentes do processo, ao se perceberem capazes de tomar tal decisão e, sobretudo, de assumir a responsabilidade de migrar, seja sozinhas ou acompanhadas (ASSIS, 2011). Delinear esse caminho, tendo como pano de fundo as modalidades de dominação, ajuda-nos a discorrer sobre a trajetória que foi e está sendo percorrida por essas mulheres.

Se o sexismo perpetua privilégios materiais e simbólicos ao homem heterossexual, sexismo, racismo, classismo e xenofobia entrecruzados possibilitam dominação interseccionada à custa da exploração de mulheres migrantes, pobres e não brancas, perfil comum das mulheres venezuelanas em Boa Vista.

2.4 Mulheres que migram

Considerando contextualizações históricas e as produções teóricas na área de gênero, quando analisou o papel do historiador, Michelle Perrot (2006, p. 185), observou o seguinte:

Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutivo. Social, ela privilegia as classes e negligência os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História!

Ainda sobre as negligências, Michelle Perrot (2006) complementou que as histórias das classes populares também passavam por esse mesmo crivo, só que sendo avaliadas a partir do olhar dos prefeitos, magistrados, padres, policiais.

Não por acaso, há poucas produções sobre migração que façam nexos com a temática da intersecção.

No tocante ao debate de gênero, Márcia Oliveira (2016) identificou que a negligência em relação à variável “gênero”, nos estudos migratórios, evidencia a relação de dominação reproduzida também nas formulações teóricas, que ignoram as contribuições das mulheres nos fluxos migratórios, e os Estados Nacionais se abstêm no dever de criar intervenções e políticas públicas específicas para elas.

Se voltarmos um pouco no processo histórico das análises sobre migrações, vamos perceber que Everest G. Ravenstein (1980), na construção das suas concepções migratórias, ao analisar o contexto migratório ocorrido no Reino Unido, identificou que as mulheres migravam mais do que os homens para regiões adjacentes ao local de seus nascimentos, embora tivesse escrito que os homens aventuravam-se mais em distâncias maiores. Diferenciando, assim, as possíveis motivações e os cuidados que corroborariam com a migração masculina e feminina. Dando ensejo para que se considerasse que os homens são mais corajosos, valentes.

No entanto, décadas depois dessa observação feita pelo autor, Gláucia Assis (2007) salientou a importante participação feminina em migrações de longa distância. Em suas palavras:

Nos estudos clássicos de migração, as mulheres eram descritas como aquelas que acompanhavam ou como aquelas que esperavam por seus maridos ou filhos, sem evidenciar, por exemplo, a importância de seus ganhos para a renda familiar. Portanto, as análises muitas vezes não só encobriam a participação das mulheres, como também não percebiam que a migração de longa distância ocorre articulada em uma complexa rede de relações sociais nas quais as mulheres têm uma importante participação (ASSIS, 2007, p. 767).

Ainda sobre produções teóricas acerca de migrações, a autora Joana Miranda (2009), para a elaboração do livro *Mulheres migrantes em Portugal*, identificou que as

pesquisas sobre migração fundamentadas tanto na perspectiva neoclássica, que analisa as decisões dos indivíduos, ou na perspectiva macroestrutural, que considera as grandes estruturas sociopolíticas, salientam o papel dos homens migrantes como fonte de trabalho e negligenciam o papel desempenhado pelas mulheres. Por assim dizer, não é a análise teórica versando sobre aspectos macro ou microestruturais que garante dar visibilidade aos processos migratórios femininos.

A autora Gláucia Assis (2007), em seu artigo intitulado *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração Internacional*, ao analisar o motivo pelo qual as mulheres não eram levadas em consideração nas pesquisas sobre migração, frisou que isso ocorria não porque, necessariamente, os homens representassem a maioria nos fluxos internacionais, mas porque não havia interesse acadêmico sobre o tema, pois, mesmo quando havia predominância de mulheres em processos migratórios, elas não tiveram suas experiências tratadas como objeto de análise. Salientou que, em uma pesquisa realizada pelos autores Marion F. Houstoun, Roger Kramer e Joan Barrett, eles concluíram que

de 1857 até 1922, os homens dominaram os fluxos para os Estados Unidos; porém, no período de 1930 a 1979, as mulheres representaram 55% de todos os imigrantes para o país e passaram os homens em mais de um milhão (ASSIS, 2007, p. 749).

Fatores específicos no fluxo migratório dos EUA contribuíram para que as mulheres conseguissem ter seus espaços garantidos na migração. No entanto, a autora afirmou que, em torno da migração feminina e masculina, existia um pressuposto de que os homens eram mais aptos a correr riscos, enquanto as mulheres eram as guardiãs da comunidade e da estabilidade. Ou seja, por mais que os dados indicassem a predominância feminina, eram os homens que mais uma vez eram valorizados e as mulheres eram, costumeiramente, vistas como quem cuida das questões afetivas, familiares, comunitárias. De um jeito ou de outro, o olhar nesses estudos essencializava e tratava como opostos homens e mulheres.

Para que dados da migração feminina apareçam, é preciso querer conhecê-los. É preciso ter como fundamento uma epistemologia feminista, portanto, um olhar que se debruce sobre a categoria gênero.

Nesse sentido, a autora Joana Miranda (2009) considera que o discurso da feminização da migração pode ser explicado não apenas por um aumento real do

número de mulheres nos fluxos populacionais, mas, também, pela aceitação do conceito de mulher migrante. Desta forma, complementou a autora, para uma maior consciência das mulheres migrantes, foi importante uma abordagem analítica mais aberta, no domínio dos estudos sociais, que proporcionou uma maior visibilidade da contribuição econômica das mulheres.

Acrescentando a esse raciocínio, Márcia Oliveira (2016) avaliou que as mulheres migrantes ocupam postos de trabalho em diferentes setores da sociedade, principalmente, o trabalho de tempo parcial (o trabalho doméstico apresenta a maior incidência nesse setor), o trabalho temporal na agricultura, a prestação de serviços sexuais e o trabalho na área dos cuidados aos idosos e às crianças. Salientou:

A mulher migrante hoje não é a mesma de tempos atrás. Ela mudou com o tempo, e a experiência migratória contribuiu para essas mudanças, tornando-a mais independente, autônoma, protagonista, em algumas realidades e contextos e, contudo, mais dependente, dominada e explorada em outras realidades (OLIVEIRA, 2016, p.153).

A exploração ocorre, por exemplo, com as mudanças na lógica de trabalho, quando mulheres passam a realizar trabalhos temporários, rotativos, sem segurança trabalhista. A propósito, esse é um bom exemplo de intersecção entre a discussão de gênero e de classe.

É necessário observar, criteriosamente, a maneira como essas mulheres se encubem do papel migratório; e proporcionar a percepção de sua colaboração no contexto macro e microsocial, somando não só as relações sociais as quais estão envolvidas, mas, também, as remessas de dinheiro que, comumente, fazem, contribuindo para a economia de seu núcleo familiar, como, também, em seu meio social. Nesse sentido, a discussão de migração e gênero está também atrelada à de classe.

Gláucia Assis (2011), em sua investigação no contexto dos EUA, descreveu sobre a inserção de mulheres no setor de serviços domésticos, as quais utilizam de redes sociais informais, os chamados enclaves étnicos de imigrantes, na tentativa de que consigam encontrar meios de sobrevivência tendo como ponto de apoio as redes de relações formadas entre as próprias pessoas migrantes: o status de imigrante e a origem étnico-nacional são relevantes para compreender a situação dos indivíduos no

mercado de trabalho¹⁹. Vale ressaltar que, de modo geral, e assim como apontado em estudos já citados, as mulheres migrantes estudadas pela autora acabavam trabalhando como donas de casa ou empregadas domésticas.

Trabalhos domésticos são corriqueiros na história laboral das mulheres. Não há nada novo nisso. O importante é considerarmos que esses trabalhos são fruto das redes sociais que estabelecem, as quais funcionam, muitas vezes, como campo de resistência e anteparo para o enfrentamento das situações difíceis e dolorosas, como aquelas concernentes à discriminação de gênero, ao patriarcado.

Ainda sobre rede de apoio, e tendo como base a pesquisa de Gláucia Assis (2011) nos Estados Unidos da América, na maioria das vezes, as mulheres entrevistadas pela autora só migravam caso tivessem alguma segurança ou algum apoio no seu local de destino, mesmo que fosse temporário. Logo, e essa é uma de suas conclusões, a maior parte das mulheres que migravam, migravam porque tinham alguém que daria suporte na sua chegada. Muitas vezes, essas pessoas, que se encontravam no local de destino, já possuíam uma mínima estrutura para recepcionar essa nova imigrante.

Se, para muitas mulheres, migrar sozinhas requer segurança e está envolto de medos – sejam eles, como citado por Francilene Rodrigues e Arieche Silva (2015), relacionados a questões vividas no local de partida, ou na dúvida do que pode ser encontrado no local de chegada –, podemos tomar nota do que Zygmunt Bauman (2017, p.14) analisou sobre “a ignorância quanto a como proceder, como enfrentar uma situação que não produzimos nem controlamos, é uma importante causa de ansiedade e medo”. Ou seja, é comum que o desconhecido cause insegurança e receio.

Além disso, para Abdelmalek Sayad (1998), de modo geral, existe um processo de culpabilização no processo de partida, pois basta que aconteça um “acidente” de percurso, um leve desvio nos comportamentos, para que surja o sentimento de culpa (em homens e mulheres), de pecado original, consubstancial ao ato de emigrar.

De toda maneira, se considerarmos que, historicamente, vivemos em um contexto patriarcal, de desigualdade de gênero, e que as mulheres têm sido simbólica

¹⁹ VILELA, Elaine Meire; COLLARES, Ana Cristina Murta; NORONHA, Cláudia Lima Ayer de. Migrações e trabalho no Brasil: fatores étnico-nacionais e raciais. **Rev. bras. Ci. Soc.** vol.30 no.87 São Paulo Feb. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092015000100019>. Acesso em 05/02/2020.

e concretamente violadas, não é de se estranhar que elas requeiram algum tipo de segurança quando decidem viver em um novo território.

Nesse sentido, a partir desse contato estabelecido com aqueles que as recepcionaram e diante do desafio de ter de encontrar novas formas de sobrevivência (por exemplo, ter de aprender nova língua e trabalhar),

a experiência da migração pode representar significativas mudanças dos papéis sociais tradicionais de homens e mulheres; de pais, mães e filho(a)s e, ainda, na relação com outros membros da família, como avós, tios, tias, entre outros (RODRIGUES e SILVA, 2015, p. 396).

Trata-se, assim, de um processo de se recriar, pois as mulheres são socializadas para conviver com a impotência e os homens são preparados para o exercício do poder (SAFFIOTI, 2004), o que se dará no ato de decidir por migrar ou no próprio ato de migrar. De ter de responder a desafios vividos no agora e com as pessoas encontradas naquele novo território, tal decisão imprime uma cobrança muito maior às mulheres, pois, além de tudo, não é raro elas terem de provar que são capazes duas vezes, para si e para o outro.

Conforme Márcia Oliveira (2016), há mulheres que migram e que conseguem acessar novos meios, como a possibilidade de se desenvolverem na sociedade de destino, independentemente de auxílio de parceiros, ou alcançarem mais e mais objetivos, com o passar dos anos e com as mudanças sociais, sendo percebidas como pessoas capazes de enfrentar os obstáculos de maneira independente e autônoma. Elas, também, conseguem garantir seus espaços, percebendo-se como atrizes principais na migração, dando espaço para a sua inserção como protagonistas de sua decisão por migrar (OLIVEIRA, 2016). Ao passo que as que não se percebem nesse sentido podem, muitas vezes, migrar ainda como pilar da migração e do poder masculino. Poder esse que é predominantemente atrelado ao medo, Estefania (2011, p.16) observa que *el miedo no solo como construcción social sino además ideológica*.

Esse medo vai além do processo de migrar, como analisa Estefania (2011), em seu livro *A economia do medo*, ele atinge os planos de futuros que devem estar nos passos a serem dados no local de destino. Se pensarmos que nem sempre a necessidade de migrar é unicamente por questão financeira,

a dinâmica migratória, por um lado, pode proporcionar relações mais igualitárias, a diminuição da violência ou coerção, por outro, pode agravar

conflitos familiares que estavam até então latentes (RODRIGUES E SILVA, 2015, p. 396).

Os autores Martha Velázquez e José González (2013, n.p.) salientam que

desde la perspectiva dual de género y pobreza, la noción de estrategias de sobrevivencia se vincula íntimamente a aquellos estudios sobre las formas de reproducción social en los que la mujer es el centro de gravedad, el protagonista principal.

Dessa maneira, ela, a mulher, parte como sendo sua migração a esperança a buscar mais possibilidades de solução para os conflitos ou as adversidades vividas naquele contexto, diante das pessoas com quem convive e, ao mesmo tempo, desenvolve estratégias para que possa atingir as expectativas criadas diante da estratégia de migrar. Ainda Velázquez e González (2013, n.p.) descrevem que “*las estrategias de sobrevivencia, de reproducción y familiares denotan, en realidad, una acción social colectiva más que individual*”.

Massey (1987 apud FUSCO, 2001, p. 21) analisou nas bases dessa rede o parentesco, a amizade, a origem comum e as organizações voluntárias. São as pessoas, incluindo aqueles que não migraram, que constituem a “rede social”.

O conceito de rede social na migração internacional foi definido por Massey (1987) como um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados (MORELIA, 2018, p. 100).

Para a conexão de tais redes, a facilidade existente, atualmente, para realizar a comunicação permanente facilita ou amplia as possibilidades de contato entre as famílias migrantes, tanto em relação aos que migraram quanto aos que permaneceram em seu lugar de origem.

Gláucia Assis (2007, p. 750) constata que

os migrantes contemporâneos, diferentemente de seus antecessores, contam com um sistema de comunicações e transporte mais barato e eficiente, o que diminuiu as distâncias e tornou mais frequentes os contatos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino.

3 MÉTODO

3.1 Fundamentação Metodológica

Neste capítulo, há a apresentação do lastro teórico que guiou a análise do campo da pesquisa.

Farei a análise da trajetória de vida de quatro mulheres venezuelanas, levando em consideração o que nos apresentou Claudia Born (2001) que, em seu artigo denominado *Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos*, abordou a dualidade entre a trajetória de vida, que introduz debates essenciais sobre a estrutura social e a ação individual, e a biografia, que trata da interpretação subjetiva da trajetória da própria vida de uma pessoa, para compor o método de análise das entrevistas.

Para Claudia Born (2001), a trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, e o curso de uma vida adquire sua estrutura pela localização desses acontecimentos e pelos estágios do tempo biográfico, sendo que a biografia além de incluir o local dos acontecimentos, soma também a opinião, os motivos, os planos futuros, assim, como a percepção/interpretação do passado. A autora ainda salientou que existem diferenças de gênero também nas trajetórias de vida, e que as mulheres têm percepções de vida diferentes das que os homens têm a respeito de suas próprias vidas (BORN, 2001). Tais percepções serão entendidas com o decorrer das observações desta análise.

Dando sequência a essa metodologia de análise, podemos considerar alguns parâmetros elencados por Ecléa Bosi (2003), que destacou a existência de fronteiras impostas, principalmente, pelo tempo, pois muitas das narrativas ocorrem em um determinado tempo e suas descrições são limitadas pela lembrança e pelas consequências vividas naquele momento específico. Limites que terão que ser transpostos de uma área para outra (do lar para a escola; da vida juvenil para o casamento, entre outras), com as tensões, as emoções e os conflitos que acompanham as passagens descritas.

Ainda assim, as falas fragmentadas são portadoras de significados que nos aproximam da verdade vivida pela pessoa, analisou Ecléa Bosi (2003). O que pode caracterizar momentos de um enlace profundo, ao que, muitas vezes, podemos considerar como dolorosos.

Nesse sentido, a pessoa que depõe tira o conteúdo de sua narrativa de sua própria experiência e a transforma em experiência para quem a escuta. Logo, o passado revelado é fonte daquilo que está a ocorrer no presente. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a sua família, seu território, sua classe social, sua profissão, tanto quanto da qualidade da relação estabelecida com quem lhe escuta. Assim sendo, a memória é trabalho, é construção relacional e social.

De acordo com Ecléa Bosi (2003), quem narra e quem é ouvinte participarão de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento pelo que ocorreu: o(a) ouvinte, pelo que aprendeu; o(a) narrador(a), pelo justo orgulho de ter passado o digno de lembrar quanto o das pessoas ditas importantes. Assim como nos colocou a autora, tais narrativas irão validar suas memórias.

Posto isso, o processo migratório de cada migrante entrevistada será compreendido como único, mas, além disso, e somando a essas contribuições feitas por Cláudia Born (2001) e por Ecléa Bosi (2003), enveredaremos pelo conceito da Psicologia Social, trabalhado pelo autor Gonçalves Filho (1998): o da humilhação social, que refere-se ao que o autor chama de um problema intermediário, pois é difícil de ser considerado apenas pelo lado do indivíduo ou somente pelo lado da sociedade.

A humilhação social é definida pelo autor, também, como uma humilhação crônica, longamente sofrida pelos pobres e seus ancestrais. É efeito da desigualdade política. Ela indica a exclusão recorrente de um grupo social inteiro para fora do âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra, pois, por oprimir persistentemente, busca retirar do sujeito o direito de falar e de ser visto: invisibiliza. Nas palavras do autor:

A humilhação social conhece, em seu mecanismo, determinações econômicas e inconscientes. Deveremos propô-la como uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da desigualdade [...]. Como tal, trata-se de um fenômeno ao mesmo tempo psicológico e político. O humilhado atravessa uma situação de impedimento para sua humanidade, uma situação reconhecível nele mesmo – em seu corpo e gestos, em sua imaginação e em sua voz – e reconhecível em seu mundo – em seu trabalho e em seu bairro (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 16).

Esse conceito pode ser útil para a compreensão da opressão de gênero, historicamente, vivida por mulheres, um tanto ou quanto para ponderações sobre o que elas têm vivido como pessoas que estão em situação de pobreza, corroborando, assim, a análise da realidade vivida por essas pessoas que precisaram migrar sem perspectivas concretas, e que, depois de terem construído uma vida no seu lugar de

origem, são obrigadas a abandonar (quase) tudo e se arriscar em tentar uma nova vida no seu lugar de destino.

Destino este que, muitas vezes, caracteriza-se pela busca de alguma segurança, ainda que módica. Nesse sentido, cabe aqui retomar daquilo que Gláucia Assis (2011) nomeou de redes migratórias – redes sociais de ligação entre a sociedade de destino e de origem. A análise da presente pesquisa considerará essa perspectiva vincular. Lembrando que para Gláucia Assis (2011, p. 62):

As redes sociais no processo migratório contribuem para questionar a imagem da migração como produto de um cálculo irracional, ressaltando, particularmente, a importância das redes de parentesco, amizade e origem comum nesse processo. No caso da migração de longa distância, quanto mais estabelecidas estão as redes, maiores chances tem o migrante no local de destino.

Nesta direção, é importante considerarmos a teoria de Enrique Pichon-Rivière (1988), já que o teórico salientou que o indivíduo é, necessariamente, um sujeito grupal, pois, sua história pessoal (sua verticalidade) só existe, só emerge, porque é fruto do emaranhado de relações estabelecidas por ele, as quais se dão em um determinado contexto histórico-social.

Desta forma, o vínculo, para o autor, é definido como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, o outro, e sua mútua interpelação com processos de comunicação e aprendizagem. Além disso, por meio das relações vinculares estabelecidas pelo sujeito, é possível compreender não apenas sua história como também o contexto relacional e macroestrutural do qual faz parte (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Logo, para se compreender a trajetória de vida das entrevistadas é preciso considerar que elas narrarão suas experiências de vida a partir daquilo que se lembrarem, sendo que suas recordações serão acionadas no ato do encontro comigo e com base nas memórias que têm de suas relações pessoais, institucionais e com o território de origem um tanto ou quanto com o atual, a cidade de Boa Vista. São memórias que dizem da verticalidade de cada uma delas um tanto ou quanto desse contexto mais amplo, o qual inclui as humilhações sociais, já que estamos em um contexto, demasiadamente, desigual por ser neoliberal, sexista, racista e xenofóbico. Por isso, é de se esperar que nessas histórias haja aspectos singulares a cada uma delas e comuns a todas elas.

Assim, poderemos perpassar pelo debate sobre a migrante, e seu processo migratório, incorporando essas teorias com a análise realizada pelo autor Abdelmalek Sayad (1998), que investigou o sujeito migrante, como sendo nem provisório nem permanente, salientando que ele só é admitido, ora como provisório, caso dure indefinidamente, ora como definido, mas com condição que esse definitivo jamais seja anunciado como tal. Considerando a interdisciplinaridade que acarreta todo esse processo, seja dos mais variados pontos de referência, assim, dando suporte às mais diversas análises.

Conheci as depoentes nos arredores da Rodoviária de Boa Vista. Neste que deveria ser um lugar apenas de passagem, mas que, para elas, tornou-se o endereço delas, o lugar no qual engendram suas vidas.

3.2 Rodoviária como espaço para o campo de pesquisa

Antes de fazer menção ao meu encontro com elas, apresento a rodoviária e seu entorno, locais que fizeram parte constitutiva do campo desta pesquisa. Começo pelo Posto de Recepção das Pessoas Migrantes e Apoio, ele está localizado no entorno da Rodoviária Internacional de Boa Vista e é dividido em 4 áreas:

- ✓ A primeira é a base militar, na qual a(o) migrante é acolhida(o) por agências de ajuda humanitária parceiras e é direcionada(o) aos protocolos legais, nos quais as pessoas devem se dirigir o mais breve possível, assim como para o cadastro ao processo de interiorização, o qual possibilita que ela(e) seja interiorizada(o) para outras partes do país. Nessa base, também se encontra o guarda volumes, no qual os pertences das(os) migrantes são guardados.
- ✓ A segunda área refere-se ao espaço de pernoite, onde os(as) migrantes podem dormir e se acomodar sob o olhar dos militares. Nela, há cerca de 700 barracas estilo militares pequenas; cada uma comportaria no máximo uma pessoa, mas, nessa situação emergencial é utilizada por um número maior de pessoas ao mesmo tempo. Também se encontram algumas barracas de porte maior, denominadas como “Barraca de Proteção”. São reservadas para pessoas que passam por situações tão cheias de dilemas, seja por alguma ameaça física, psicológica, ou, ainda, em casos de

problemas de saúde. Todos esses casos de proteção são direcionados com maior urgência para abrigos oficiais da Operação Acolhida.

- ✓ Um refeitório, construído para que as(os) migrantes possam receber a alimentação diária, esta constitui como a terceira área.
- ✓ Por fim, há outra área chamada lavanderia, onde os(as) migrantes podem tomar banho, lavar suas roupas, deixar as crianças em um espaço educativo aos cuidados do UNICEF, em parceria com a Visão Mundial, ambas entidades voltadas, principalmente, para a ajuda humanitária de crianças e adolescentes.

Figura 4: PRA- Rodoviária Internacional de Boa Vista.



Fonte: Operação Acolhida.

A figura 4 mostra como se organiza o espaço que comporta o ambiente onde foram realizadas as entrevistas. Denominado como Posto de Recepção e Apoio (PRA), divide-se da seguinte forma: Refeitório, Área de pernoite, Lavanderia, Campo de futebol, Guarda-volumes e o Alojamento da Guarda.

O espaço da lavanderia, especificamente, foi o local escolhido para realizar as entrevistas, pois é o ambiente no qual, além de realizarem as necessidades básicas mencionadas, os(as) migrantes podem parar para conversar. Foi lá que encontrei as

quatro mulheres que, por necessidade de encontrar ouvidos alheios e desejo de partilhar, prontamente, se dispuseram a relatar sobre suas trajetórias de vida.

A forma de aproximação, usada por mim, foi de observação participante²⁰, sendo constituída como uma técnica de investigação, que, usualmente, complementa-se com a entrevista semiestruturada ou livre (CORREA, 2009). Por várias vezes, eu chegava à Lavanderia, sentava-me em um dos bancos; e observava o ambiente, interagia com as pessoas. Desta maneira, voluntariamente, as mulheres iam aproximando-se e conversando comigo e entre elas. Por ser um ambiente onde se encontram muitas crianças houve, também, uma facilidade do primeiro contato por meio de uma brincadeira que realizei com elas e, espontaneamente, suas mães se aproximaram para entender o que estava acontecendo.

²⁰ A observação vai evoluindo de uma fase mais descritiva no início, em que o investigador procura obter uma perspectiva geral dos aspectos sociais, das interações e do que acontece em campo, a que se seguirão momentos de observação focalizada, após a análise dos dados anteriormente recolhidos, em que começa a ter como foco determinadas situações e/ou acontecimentos. Por último, a observação seletiva, depois de repetidas observações em campo, já no decurso da elaboração do relatório. São o “refinar” da observação, implicando regressar ao campo, na procura de diferenças entre categorias específicas já identificadas (CORREA, 2009).

4 SOBRE O CAMPO

4.1 A Lavanderia: além de um espaço físico

A estada dessas mulheres, na lavanderia, já revela uma significação de como elas estão sendo inseridas no processo migratório do seu núcleo familiar. Explico: algumas das entrevistadas são casadas e vieram para Boa Vista, juntamente com seus companheiros e filhos, e estar, diariamente, neste local enquanto seus companheiros buscam trabalho, nos faz pensar que o papel dessas mulheres, no contexto da migração delas, em certo nível, é continuar como a protetora da família, ou seja, a que fica “em casa” cuidando dos afazeres do “lar”.

Por coincidência ou não, a facilidade por encontrar essas mulheres na lavanderia remete à obrigação dos afazeres domésticos. Neste local, estão localizados o ambiente em que lava-se roupas, que, no caso, percebe-se ser um acordo realizado entre os componentes do seu núcleo familiar: elas assumem a responsabilidade, onde toma-se banho e dar-se o banho em seus filhos, que também subentende como sendo obrigação delas, assim como o ambiente escolar das crianças.

Essa é uma primeira explicação plausível e que deve ser considerada, mas, temos de nos perguntar se ela por si só é suficiente. Parece-me que não.

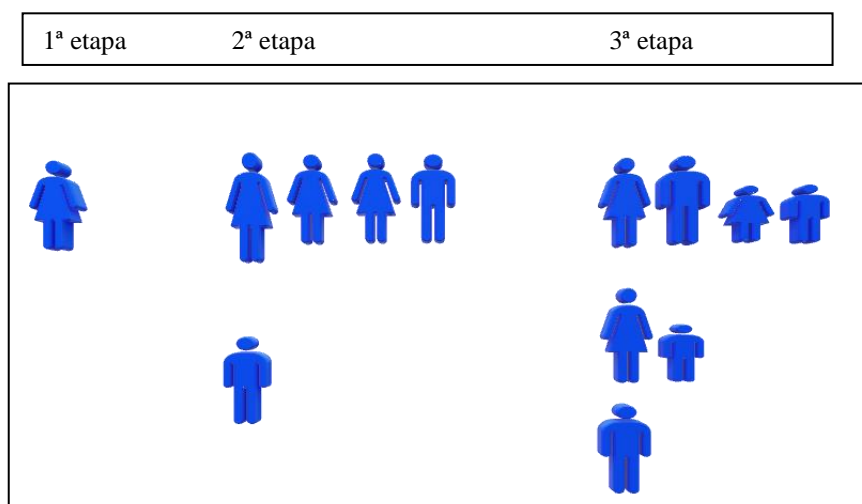
Se considerarmos a lavanderia como sendo um espaço para essas mulheres muito além do lugar funcional, onde se lava roupa, mas, também, um centro de encontro, onde compartilham e trocam as novidades, os endereços, as receitas, os remédios, as informações de todos os tipos, o sentido atribuído a esse lugar amplia-se.

Se nos apoiarmos em escritos de Perrot (2006), sobre os espaços da lavanderia, podemos entender que os lavadouros são também uma sociedade aberta de assistência mútua, pois, se uma mulher está em um “atoleiro”, acolhem-na. Dessa forma, a lavanderia aglutina uma soma de significados subjetivos e sociais, que envolvem as relações sociais que surgem deste lugar, configurando-se em um espaço de troca entre as mulheres.

4.2 Mulheres migrantes, apresento-as

Desde já informo que, para preservar a identidade das quatro entrevistadas, farei uso de nomes fictícios, como forma de, um lado, manter sigilo da identidade delas, e, de outro lado, ao atribuir nomes a elas, torna-se possível identificar e diferenciar uma das outras. Antes de cada apresentação, será inserido um mapeamento da rede de pessoas que vieram antes ou durante a sua migração:

Figura 5: Beth



Fonte: Autora, 2020.

1ª etapa: a cunhada de Beth migrou para os Estados Unidos;

2ª etapa: a mãe de Beth migrou para o Brasil com duas filhas e um filho, que são irmãs e irmão de Beth, e mais um sobrinho;

3ª etapa: Beth migra com seu marido, seus filhos, mais uma irmã com um filho e um irmão.

A primeira pessoa da família de Beth a migrar foi sua cunhada, a qual, atualmente, mora nos EUA. Na sequência, sua mãe, duas irmãs e um primo migraram para Roraima. Com o processo de interiorização, sua mãe e suas irmãs foram para São Paulo e, hoje, estão no Rio Grande do Sul, na modalidade Abrigo/Abrigo. Posteriormente, seu primo foi interiorizado para Mato Grosso, para trabalhar. Somente depois, no final do ano de 2019, Beth, seu marido, seus dois filhos, uma de suas irmãs com um filho e outro irmão vieram para Roraima também.

Nota-se que a pioneira foi uma mulher, ela migrou sozinha. Ao total, em relação às pessoas adultas, nesta família, migraram mais mulheres do que homens, elas são cinco, enquanto, eles são três.

A primeira entrevista foi realizada com Beth, na manhã do dia 07 de novembro de 2019. Ela se encontrava acompanhada de seus dois filhos. Estava providenciando seus banhos e sua alimentação. Como mencionado, nosso contato partiu da minha chegada ao local e da brincadeira que fiz com seus filhos, até que ela procurou saber o que eu estava fazendo ali e se eu precisava de alguma ajuda.

Encontramo-nos formalmente três vezes, sendo possível registrar nossas conversas, que, somando, renderam mais de duas horas de conversas gravadas. No entanto, além desses encontros, encontramos, pontualmente, em alguns outros momentos, incluindo algumas vezes nas quais ela me pediu para que a encontrasse informalmente. Ao todo, entre encontros formais e informais, encontramos cinco ou seis vezes. Em média, nossas conversas eram longas, pois, como será percebido na descrição dela, ela tinha a necessidade de compartilhar com detalhes sua rotina, suas angústias, suas felicidades, entre outros aspectos.

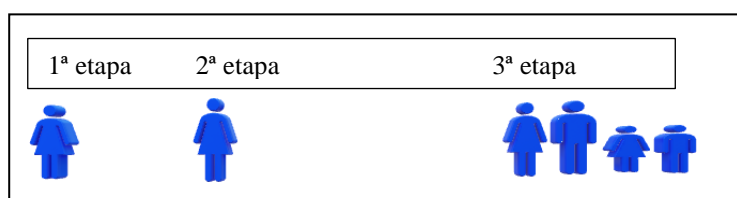
Beth tem 32 anos, é negra e é casada com um homem racialmente branco. Tem dois filhos, uma menina de 7 anos e um menino de 10 anos. Migrou junto com este seu núcleo familiar, além de uma irmã com filho e um irmão. Está no Brasil há mais de 8 meses. Quando a conheci, tinha acabado de completar 3 meses que estava em Boa Vista. Sua mãe foi a primeira pessoa da sua família a migrar para o Brasil, há cerca de um ano. Ela migrou com suas duas filhas e mais um sobrinho.

A entrevistada trabalhava como professora de Castelhana e Inglês na Venezuela. Abandonou seu trabalho para morar no Brasil. Ela e sua família dormem na Rodoviária, no espaço onde ficam as barracas de pernoite. Veio do Estado de Sucre-Venezuela. Seu marido trabalhava com mecânica de automóveis e eles estão juntos há 15 anos, entre namoro, noivado e casamento. Esta é a sua primeira experiência migratória.

Beth migrou para o Brasil com recursos próprios. Quando me apresentou sua rotina no Brasil, contou-me que acordava às cinco horas da manhã; às sete, era obrigada, pelas regras do Exército, a sair do local da dormida, depois seguia

caminhando até as “Mongas”²¹, onde era servido café da manhã para as mães com filhos. De lá, dirigia-se para a Lavanderia, onde tomava banho e dava o banho em seus filhos, colocava-os na escolinha da UNICEF e, por volta de onze horas, seguia caminhando até o “Comedouro”, para buscar o almoço; depois retornava à Lavanderia, arrumava as crianças para a escolinha que fica na Igreja Nossa Senhora da Consolata; retornava à Lavanderia para fazer outros afazeres. No final da tarde, voltava à Igreja para buscar as crianças e seguia para a fila das “Carpas” (barracas de dormir), onde dormia; antes, tinha de higienizar e organizar o espaço para receber as crianças. Na sequência, ia até o “Comedouro”, para buscar o jantar e, finalmente, descansar.

Figura 6: Ruth



Fonte: Autora, 2020.

1ª etapa: A irmã de Ruth veio para o Brasil;

2ª etapa: A prima do esposo de Ruth veio para o Brasil;

3ª etapa: Ruth veio para o Brasil com seu marido e dois filhos.

A primeira pessoa da família de Ruth a migrar foi sua irmã. Na ocasião, ela migrou sozinha para Roraima. Posteriormente, veio a prima do seu esposo, que migrou para Roraima e foi interiorizada por reunificação social, para o Rio Grande do Sul. Na sequência, Ruth migrou para Roraima com seu esposo e seus dois filhos.

A nossa primeira conversa aconteceu ainda junto com a entrevista de Beth. Elas começaram a conversar e Ruth se interessou, também, em colaborar com a pesquisa. Foi de forma espontânea, como ela foi envolvendo-se aos poucos na conversa que estava tendo com Beth, rapidamente, prontificou-se a participar da pesquisa, assim que o convite foi feito. Acredito que Ruth queria desabafar com alguém seus sentimentos de indignação.

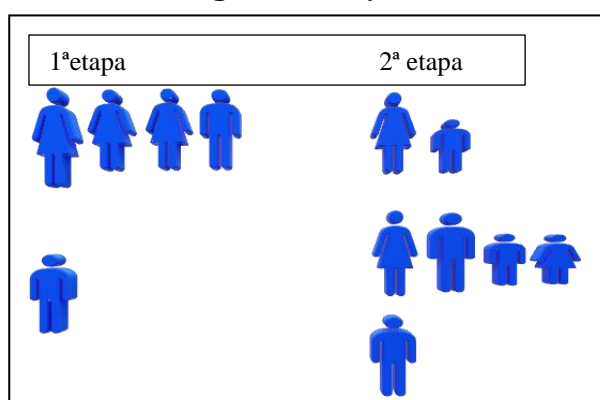
²¹ Expressão adotada pelos (a) migrantes para identificar as irmãs missionárias da Caridade, que atendem na Igreja Santo Agostinho.

Após nossa primeira conversa, marcamos de nos encontrar, também, na Lavanderia, no dia 09 de novembro de 2019. Encontramo-nos, formalmente, por quatro vezes. Ruth foi a entrevistada com quem mais conversei. Nossos encontros renderam mais de 3 horas de gravação; além desses encontros, tivemos mais alguns informais, sendo eles solicitados por ela. Ao todo, uns 7 ou 8 encontros. O seu processo migratório rendeu muitas mudanças, o que iremos perceber nas análises das entrevistas posteriormente.

Ruth tem 24 anos, é branca. Assim como Beth, migrou com seu núcleo familiar, que, coincidentemente, também é de dois filhos, sendo uma menina de 2 anos e um menino de 6 anos e seu esposo. Ruth é do Estado de Barcelona/Oriente, da cidade de Puerto La Cruz. Diferentemente de Beth, Ruth não trabalhava na Venezuela, apenas seu esposo; a sua função era ser dona de casa e cuidar dos filhos e do marido. Ela e sua família vieram até a fronteira, na cidade de Pacaraima, com recurso próprio. Ao chegar a Pacaraima, foram inseridos no Abrigo BV-8 para um pernoite; em seguida, vieram caminhando e pedindo carona, até chegar na cidade de Boa Vista; junto com ela veio uma amiga.

Ruth não é a única de sua família que migrou para Roraima. Aqui, estava em um abrigo, sua irmã com filhos, além de uma prima de seu esposo, a qual já foi interiorizada. Todos vieram antes dela.

Figura 7: Mityali



Fonte: Autora, 2020.

1ª etapa: a mãe de Mityali migrou para o Brasil com duas filhas e um filho, irmãs e irmão de Mityali, e mais um sobrinho;

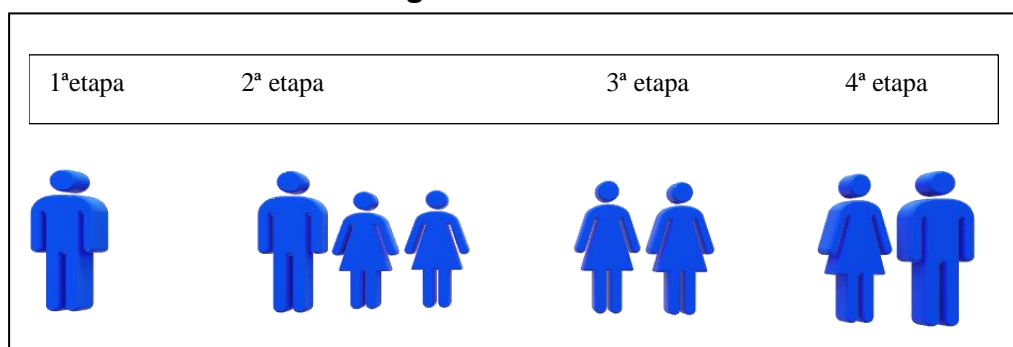
2ª etapa: Mityali migrou com seu filho, uma irmã com sua família e seu irmão.

Podemos perceber que Mityali tem algumas características migratórias em comum com Beth. Elas são irmãs e migraram juntas. Mas, antes que elas viessem, a mãe delas migrou junto com suas irmãs e com um primo, como descrevi anteriormente. Mityali migrou com sua irmã Beth e sua família e com seu filho, que, na época, tinha menos de um ano, além de um irmão.

Mityali, de cor parda, migrou apenas com seu filho, mesmo que em companhia da família de sua irmã e seu irmão. Nosso primeiro encontro foi no dia 21 de novembro de 2019, diferentemente de Beth, Mityali é muito introvertida, tem 28 anos e um único filho; diz ter esposo, mas que não vive junto com ele. Mityali não estava trabalhando na Venezuela, mas afirmou que, antes da crise venezuelana, trabalhava no comércio, como vendedora. Nos últimos meses, estava se mantendo com os recursos que seu esposo enviava para ela, já que ele morava em outra cidade na Venezuela, ele ainda se encontra no país de origem.

Encontramo-nos formalmente uma vez, diferentemente de Beth e Ruth, Mityali é muito reservada, nossa conversa durou pouco mais de vinte minutos, mas foi possível nos encontrar por mais algumas vezes informalmente, inclusive entre as conversas que tinha com sua irmã Beth. Nós nos encontramos ao todo quatro vezes.

Figura 8: Yexis



Fonte: Autora, 2020.

1ª etapa: O tio de Yexis migrou para a Colômbia há alguns anos;

2ª etapa: Yexis seu pai e sua irmã migraram para o Brasil pela primeira vez;

3ª etapa: Yexis e uma outra irmã migram para o Brasil, sendo que Yexis já havia voltado para Venezuela e decidiu migrar pela segunda vez para o Brasil;

4ª etapa: Os pais de Yexis vieram para o Brasil.

Yexis é negra. Sua história migratória é um pouco mais complexa. Quem primeiro migrou foi seu Tio, há alguns anos, para Colômbia. Lá constituiu família e retornou para Venezuela, mas, devido aos fatos correntes, retornou para Colômbia

outra vez. Há pouco mais de dois anos, Yexis migrou para Roraima com sua irmã e seu pai. Pouco tempo depois, ela e seu pai retornaram à Venezuela, e sua irmã permaneceu no Estado. Posteriormente, ela refez o trajeto migratório para Roraima, mas, agora, com outra irmã. Suas duas irmãs foram interiorizadas para São Paulo, por reunificação social. Yexis ficou em Roraima e, posteriormente, conseguiu trazer seus pais e sua filha, unindo-se a seu atual esposo e seu novo filho.

Nós nos encontramos na área das carpas de proteção, no dia 07 de dezembro de 2019. Ela estava morando em uma barraca destinada a casos de proteção, que fica localizada na área de pernoite da Rodoviária. Ela tem 20 anos e se encontrava morando com seus pais, dois filhos, sendo uma menina e um menino, e seu esposo. Eu já a conhecia de um abrigo, no qual trabalhei nas visitas que fazia com a ONG de telefonia. Então, nosso contato também foi de forma tranquila. Prontamente, ela se interessou em compartilhar comigo sua trajetória. Yexis é da cidade de Monagas, morava com seus pais e só estudava.

Com Yexis, só foi possível um encontro formal, que perdurou por cerca de cinquenta minutos. Não tivemos nenhum encontro informal, pois, estava com o pai muito doente e foi logo transferida para um abrigo.

Para dar continuidade às análises, sigo apresentando como se deram as entrevistas e quais as percepções apresentadas por essas mulheres acima descritas, sendo apresentadas suas histórias e trajetórias de vida, assim como de seus familiares, a partir da perspectiva delas, as entrevistadas.

4.3 Na Venezuela, o que faziam?

Beth- sou do Estado de Sucre, minha pátria amada, era muito feliz, muito alegre eu era.

Completo,

Beth- *Eu era professora de castelhano e de inglês, adorava meu trabalho, muito tempo trabalhando com meus alunos nas escolas, deixei as aulas na metade, tive que deixar para poder vir para cá, em escola do governo, tinha minha casa e todas as minhas coisas, me dá muita tristeza, tantos anos para construir minha casa, meu lugar, todas as minhas coisas e vim para cá sem destino, com uma maleta algumas coisas nas mãos (choro). Minha vida na Venezuela era ir trabalhar, levar meus filhos para a escola, depois voltava para casa a cozinhar, fazia as coisas que precisava fazer e ia para casa de minha mãe, toda minha família é muito unida, e todos íamos para lá ficávamos até as sete da noite, e isso estou falando de minha mãe, porque ela gostava*

de fazer as coisas lá, mas íamos as praças, ao shopping, era muito diferente, muito diferente.

Ao relembrar do seu passado, Beth se percebe em meio às suas lembranças mais felizes; tenta resgatar os momentos que a levam a contemplação de uma época que não imaginou interromper. Assim, como nos salientou Ecléa Bosi (2003), a nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolva alguma coisa preciosa que foi perdida.

Beth- *Nós dois fazíamos tudo em casa, nós dois trabalhávamos e comprávamos juntos tudo da nossa casa, e tudo era bem e feliz, e tínhamos muitas coisas, porque nossa situação não era a mesma que agora, ele estava numa empresa muito boa, viajávamos, comprávamos e ainda sobrava dinheiro.*

A descrição feita por Beth elenca os buracos que foram deixados em sua vida cotidiana, em função da situação político-econômica pela qual passava seu país e, portanto, em decorrência de sua migração, ou seja, pela necessidade de ter que abandonar seu lugar de origem, deixar para trás suas raízes, suas histórias, seus planos futuros, seu contexto social, para ir a busca de se reorganizar e estruturar outros planos.

Ruth- *Eu trabalhava, mas quando dei à luz a eles [filhos], eu parei de trabalhar, trabalhava cuidando de criança e vendendo coisas, e cuidando de meus filhos. Eu gosto muito de cozinhar, a minha cidade é turística. Venezuela é muito bela, em todas as partes têm um atrativo natural, aqui no Brasil também tem, mas é muito longe, lá é em todos os lugares.*

Depois que nasceram seus filhos, Ruth tornou-se a típica mãe da família tradicional: se mantinha nos cuidados dos filhos, da casa e do marido. Mas é interessante notar que, ao falar de sua vida antes e depois de ter filhos, Ruth revelou certa dubiedade: de um lado, salientou que parou de trabalhar; de outro, mencionou que trabalhava cuidando de criança e vendendo coisas. Não por acaso titubeou, pois, cuidar dos filhos e vender coisas são atividades não vistas como trabalho. Trata-se daquilo que Egeu Esteves (2007) chamou de trabalho invisível, isto é, de trabalho que não é socialmente reconhecido como trabalho, apesar de gerar ganho econômico, seja porque não se gasta com a contratação de alguém para fazer aquela tarefa, seja porque possibilita o recebimento de algum dinheiro, mas de forma esporádica. Em

todo caso, o que se percebe é que Ruth desempenhava múltiplos papéis só que de maneira camuflada.

Apresentou, também, o afeto carregado por seu país e a dor que está sentindo por ter sido obrigada a deixá-lo. Quando fala do prazer em cozinhar, se recorda dos pratos típicos venezuelanos e, por alguns instantes, troca sentimentos doces com Beth. Esse tipo de recordação a deixa emotiva, o que nos remete a Ecléa Bosi (2003), que escreveu que a fala emotiva e fragmentada é portadora de significados que nos aproxima da verdade da pessoa, complementamos com o misto de prazer e sofrimento que essas recordações podem trazer, como foi o caso do choro de Beth, quando recordou das comidas e se emocionou, resgatando em suas memórias os sabores e cheiros daqueles momentos.

Mityali relatou que tinha dificuldade para sobreviver. Em suas palavras:

***Mityali-** Eu vivia com minha mãe, tranquila, mas a questão é que com tudo isso eu não tinha trabalho, o que o pai do meu filho me mandava não dava para sobreviver, se eu comprava uma coisa, não conseguia comprar outra. Pelo que me lembro não me faltava nada [quando era pequena], mas para meu filho falta tudo.*

Diferente de sua irmã Beth, Mityali não se recorda com a mesma paixão que podemos perceber na narrativa de Beth. Poderíamos pensar que, por estar ainda construindo sua vida, os parâmetros de avaliação de sua vida estejam correlacionados a outros vieses, como, por exemplo, ser mãe solteira e estar ainda na dependência de sua mãe, ou ainda uma carreira profissional como foi constituída por sua irmã Beth.

Quando questionada como era sua vida na Venezuela, Yexis relata o seguinte:

Yexis- Difícil, muito difícil, tínhamos que sair para o mercado para ver se conseguíamos sardinha, açúcar, para poder comer, às vezes comíamos quando tinha, mas o trabalho que minha mãe tinha não dava para comprar nada, tínhamos que fazer assim.

Complementa com a seguinte recordação, ao ser indagada novamente, buscando que ela descrevesse sobre um passado não tão recente.

Yexis- eu estudava, levantava todos os dias as seis da manhã, ajudava minha mãe, porque ela saía para trabalhar as seis e meia, acordava com ela, tomava café junto com ela, lhe acompanhava e depois ia para a escola.

A descrição do seu passado difere da descrição afetuosa relatada por Beth e Ruth, assim como Mityali, Yexis também não tinha uma vida estruturada e independente de sua mãe.

4.4 O deslocamento, a partida

Para a compreensão desse contexto migratório, é importante delinear o espaço geográfico onde ocorre de fato tal processo. Podemos, inicialmente, compreender um pouco sobre as cidades fronteiras entre os dois países, Brasil e Venezuela, assim, tornando real o percurso realizado por essas mulheres ao longo de sua trajetória de deslocamento.

Santa Elena tem por volta de 90 anos de fundação. Dessa forma, sua constituição atual conserva boa parte da composição originária liderada por famílias venezuelanas, com frequência vinculadas a oficiais militares, beneficiários das antigas concessões das minas, descendentes de funcionários públicos que chegaram nos programas de povoamento do sul e, até garimpeiros brasileiros com residência permanente ou naturalizados. À margem desse perfil, encontram-se aqueles venezuelanos ou estrangeiros que – em um outro tempo - escolheram Santa Elena pela tranquilidade, a possibilidade de morar em contato com a natureza, empreender projetos econômicos independentes e um modo de “vida de vida” que poderia ser descrito como alternativo às atividades tradicionais e comuns no lugar (MOREIA, 2019, p. 128).

Como podemos perceber, a condição da cidade de Santa Helena de Uairén como final de percurso migratório das(os) venezuelanas(os) mudou. Os caminhos percorridos pelas(os) migrantes ultrapassam a fronteira nacional, e a forma como esse avançar acontece varia de acordo com as necessidades daqueles(as) que migram. Por vezes, chegam a pé; às vezes, de carona, ônibus. Atravessam a fronteira Brasil/Venezuela pelas cidades de Santa Helena de Uiarén e Pacaraima. Mas, muitas vezes, estão à procura de outros lugares, nos casos das entrevistadas, o destino delas era Boa Vista, mesmo que temporário.

Ainda assim, tal percurso se faz necessário para adentrar ao país pela fronteira com a Venezuela.

Figura 9: A fronteira no Brasil com a Venezuela.



Fonte: PODER360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/infograficos/a-fronteira-do-brasil-com-a-venezuela/>>. Acesso em: 11 fev 2020)

As entrevistadas descreveram sua chegada carregada de significados. Demonstraram o quão dolorido foi deixar o seu país de origem e como, muitas vezes, foi sacrificante o deslocamento.

Beth- Nós já estamos há 3 meses aqui no Brasil, vim da Venezuela com meu coração apertado, porque amo meu país, amo muitíssimo meu país, não queria deixar meu país. Minha mãe já tinha um ano e meio aqui, mas eu não queria ficar aqui, pois como te disse anteriormente, amo muito meu país, minha vida que tinha em meu país, meus filhos nasceram em meu país, eu cresci como mãe em meu país, cresci profissionalmente em meu país, deixei meu trabalho lá. Viemos por nossos meios, pagando passagem para cá, de ônibus, nós custeamos toda nossa viagem até aqui.

Ressaltou:

Beth- Deixei minhas coisas lá, quando vim não vim alegre, não, eu vim muito triste, muito triste deixar a Venezuela, por isso que não gosto de ligar para lá, porque sempre choro, sim, choro, choro.

Beth imprime em sua fala o sentimento de nacionalismo em referência ao seu país. Veio para o Brasil sem muito querer. A despeito de sua mãe já ter migrado para cá, há um tempo significativo, Beth teve de abandonar o lugar que muitíssimo ama e que lhe proporcionou se transformar de filha em mãe e trabalhadora. Na Venezuela, aprendeu, gerou frutos e tornou-se a mulher que é. Está contida neste trecho de seu

depoimento parte das experiências de vida que pôde viver em seu país, e dos vínculos que construiu durante sua vida.

Esses seus comentários e sentimentos nos fazem lembrar de apontamentos feitos por Francilene Rodrigues (2012), que, em seu livro *Nacionalidade no pensamento social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana*, salientou o quão forte é o sentimento de pertencimento e a consciência nacional entre o povo venezuelano. Nesta direção, Beth não está sozinha, já que parece haver demasiado apego do povo venezuelano pelo seu país.

Veio para Boa Vista por necessidade e os três meses que aqui está não foram suficientes para que suturasse a trinca formada entre lá e cá, entre o apreço e a necessidade: seu coração ainda está apertado, dilacerado. Diferentemente da máxima “ame-o ou deixe-o”, que tanto se escutou em tempos de ditadura no Brasil, e que ainda está em voga, no caso de Beth, sua experiência é dilemática, refere-se ao “ame-o, mas deixe-o”.

Esse momento nostálgico é importante ser destacado, pois, da mesma forma que ama profundamente seu país, encontra-se desolada por não ter encontrado uma alternativa a não ser deixá-lo: seu país não lhe deu outra solução. É crível que ela também experimenta sensação de frustração. Seu país também a decepcionou.

Da mesma maneira, podemos observar, nas palavras de Yexis e Ruth, dificuldades enfrentadas durante o percurso realizado até chegarem a Pacaraima.

Yexis- Desde Monagas para cá, eu e minha irmã, de carona, carona sem comer, só carona, quando chegamos em Pacaraima, sacamos os papeis, não tínhamos comido nada, tivemos que falar com um rapaz de um caminhão para ver se ele não conseguia nos dar alguma comida, pois tínhamos muita fome, ele nos deu e de lá para cá nos conseguiu uma carona, em um ônibus, aí ele nos conseguiu essa carona de lá para cá.

Se Beth salientou a dor no coração, Yexis frisou a dor da fome, a dor de quem peleja por comida, de quem caminha em direção à ajuda de outrem e foi esse desconhecido quem cuidou dela e dos seus, deu-lhe o que necessitava: comida e carona.

Diferentemente delas, no início de nossa conversa, Ruth não esmiuçou a dor que sentira, o que não significa que não tenha sofrido, ao contrário. Lembrando o que Everett S. Lee (1965) salientou, que cada indivíduo tem seus obstáculos de percurso, e que nem um nem o outro é menos ou mais importante. Em suas palavras:

Ruth- *Quando chegamos em Pacaraima, ficamos lá por 15 dias, ficamos uma semana no abrigo de BV8, depois nos tiraram de lá, então, decidimos vir para cá, caminhamos um trajeto um pouco grande, viemos nós quatro [esposo, ela, a filha e o filho] minha família e uma amiga que também vinha para cá, e depois nos deram uma carona até chegar aqui, em Boa Vista. E quando chegamos aqui, imaginamos... “aí que loucura!”.*

Ruth não pediu para sair do abrigo onde estava, foi retirada, pois o abrigo, a época em que esteve nele, era de passagem, onde as pessoas só poderiam dormir por poucos dias e, logo em seguida, teriam que seguir viagem, sem nenhuma garantia de ajuda de custo ou qualquer auxílio de uma política assistencial.

Sem lugar para dormir, ela, sua família e a amiga andaram. Caminharam até que conseguissem uma carona que as trouxessem para Boa Vista. Sua primeira vista não foi boa, foi de loucura, de estranhamento.

Mityali como migrou juntamente com Beth, sua experiência compartilhou dos mesmos percalços vivenciados pela irmã.

Migrar, para elas, tem um sentido de precisar se desprender daquilo que idealizou na sua vida e começar do zero, só que sem ter nada concreto, iniciar do zero sem poder contar com aquela estrutura que fora construída, pois, em um contexto migratório distinto, algumas pessoas conseguem sair do seu lugar de partida contando com alguns bens materiais. No caso destas mulheres, o que elas possuem é a força de vontade de recuperar sua dignidade, pois estão submersas em um processo de humilhação constante. O autor Gonçalves Filho (1998) identificou que o humilhado atravessa uma situação de impedimento para sua humanidade, uma situação reconhecível nele mesmo e também reconhecível em seu mundo, ao que se trata desse processo de tentar resgatar o que há de mais fragilizado, que seria a autoestima delas.

4.5 Pessoas que ficaram

Beth- *Tenho uma irmã em Venezuela, ela está bem, não quer sair da Venezuela, como não tem filho prefere ficar lá. Quando vim para cá ela não estava trabalhando, porque seu esposo quem trabalhava e como ela era só tinha mais direitos, mas como eu tenho filho era mais difícil, mas todos os outros já migraram, e a família do meu esposo também já migrou.*

É interessante observar, na fala de Beth, o momento em que ela descreve sobre os direitos que sua irmã tem devido ela não ter filhos e seu esposo só precisar dar sustento a ela. Percebe-se que em nenhum momento ela menciona o fato que sua irmã esteja trabalhando ou algo do tipo. No entanto, em outros momentos, ela informa que tem tentado mandar remessas para sua irmã, pois o dinheiro que o marido consegue por lá, não é suficiente para sustentar os dois. Podemos entender que, mesmo estando precisando trabalhar, ela ainda continua com a mentalidade de outrora, a de que a mulher fica em casa com os cuidados domésticos e o esposo sai a procura do sustento do lar. Lembrando que, em grande medida, essa era a vida que levava Ruth, mas que, devido às mudanças que ocorreram, ela percebeu que poderia ir além daquele modelo de família tradicional.

Mityali complementa salientando que não ter filhos facilita a sobrevivência diante de um colapso.

***Mityali-** Sim, elas estão bem, pois, como te falava, todas as que estão na Venezuela não têm filhos, então é uma outra responsabilidade, então comem o que têm e quando têm, mas eu com meu filho não posso viver assim, aqui temos uma variedade de opções, meu filho come melhor, lá na Venezuela não está assim, tudo está muito caro, mas elas não querem vir para cá. Tenho uma outra irmã que está na Guiana, mas eu não quero ir para lá, prefiro ficar aqui e ir estar com minha mãe.*

Já Ruth nos apresenta outros tipos de situações que podemos encontrar na Venezuela, que nos ajuda a pensar o que faz algumas pessoas ainda permanecerem no país.

***Ruth-** como te falei, estou querendo sair daqui [da rodoviária] para ir trabalhar e assim poder trazer minha irmã, ela tem três filhos lá. [...] seu esposo estava estudando para ser policial, mas com o que está acontecendo lá, acabou, eu quero trazer ela, porque assim eu sofro muito, às vezes fico muito triste, preocupada, pensando como ela está lá, por que aqui, por mais que seja assim, aqui nós comemos, não descansamos, mas não sentimos fome, em Venezuela não, porque nada tem lá.*

Ainda complementa com mais outro tipo de situação de quem não migrou:

***Ruth-** minha mãe vive em uma casa bela, mas a situação econômica às vezes fica um pouco crítica, mas é menos complicado porque ela tem um trabalho junto com o governo, ela é Chavista, vou te explicar [risos e vergonha], quando chegam as coisas na Venezuela, para distribuir, as caixas com as coisas, a encarregada disso é uma tia minha, e, para ela, ela separa 20 caixas, 10 caixas de comida. Te digo, porque graças a Deus, se não fosse assim, minha irmã não comeria e minha mãe tão pouco.*

A exposição que Ruth nos traz, a respeito de quem é pró-governo, demonstra também a maneira como as coisas estão sendo divididas e levadas em consideração dentro o governo e seus governados. Remete-nos ao que foi mencionado na introdução desta pesquisa sobre a corrupção, que está instaurada nas entranhas venezuelanas, além do capitalismo neoliberal externo, que corroborou com todos esses fatos que vêm ocorrendo na Venezuela. Além desses dois núcleos familiares, expostos por Ruth, temos, ainda, uma outra situação trazida por Beth que podemos comparar com a vivenciada pela mãe de Ruth.

***Beth-** meu pai é muito ruim, eu o odiava, mas agora não odeio mais não, mas antes, o odiava, tinha muito ódio do meu pai, porque ele é muito ruim, com essa situação na Venezuela, ele ainda se comportou muito mal comigo e com meus filhos, me disse coisas que doeu muito meu coração, e esse foi também um dos motivos que me fizeram vir para cá, essa situação da Venezuela destruiu muitas famílias, porque, no sentido de que quem tinha alguma coisa não dava para quem não tinha, deixava morrer sem nada, muitas coisas se vive na Venezuela, mas essas coisas têm destruído muitas famílias. Meu pai podia me ajudar, mas com todas essas coisas não me ajudou, eu passava necessidade em Venezuela, mas ele não. [pergunto se ele é chavista?] não, mas a minha avó sim, e como te falei, essa situação tem destruído muita gente, os que se foram e os que ficaram, porque os que trabalham só compram coisas para si, e os outros que estão passando necessidades não os ajudam, e isso é horrível, mas eu não sou assim, porque se tenho 1 kg de arroz, e a pessoa precisa eu vou repartir com ela, mas lá está cada um por si, e isso não pode, (tristeza) e assim ele fez comigo, ele é muito ruim, mas a minha mãe não, minha mãe sempre repartiu tudo com todos nós, sempre se preocupou com todos nós, ela não tem esse coração duro como ele, e isso é muito bonito, e ver esse comportamento também.*

Podemos perceber, no duelo de protagonismo entre o pai e a mãe de Beth, a forma como as coisas foram acontecendo e como se findaram. Enquanto a mãe de Beth tentou estar com seus filhos juntos a ela, o pai de Beth continuou agindo como sempre se comportou, sem acolher seus filho, e, assim, continuando em plena crise venezuelana, o que gerou indignação entre os filhos, não só com Beth, pois em outros momentos ela relata:

***Beth-** Ele ganha muito dinheiro, ele trabalha na construção, faz aquelas placas de concreto, para construções grandes, ganha muito dinheiro, mas não nos ajudava, nem pelos meus filhos, uma vez pedi uma ajuda e ele me negou, e assim eu fiquei com muita raiva, sim, ele ganha muito dinheiro na Venezuela, ele é ruim, por isso minha mãe deixou ele, por ser uma pessoa muito ruim, mas meus tios são muito diferentes dele, eles são pessoas boas, eles têm menos que ele, ganha menos que ele, meu tio trabalha na PEDEVSA, ganha bem menos, mas ajuda a todos. Minha irmã não fala com meu pai, nunca quis contato com ele, nunca, nunca, a única que tinha contato*

com ele era eu, mas fiquei com muita raiva, ele nem conhece o filho da minha irmã, nunca quis nem conhecer, e minha avó o apoia em tudo, por isso que ele está assim, e meu tio briga com minha avó, porque ele tem muito dinheiro, e gasta na rua, e quando tem muita fome volta para casa e come o que meu tio dá, então meu tio fica com raiva por isso, pois ele é quem mantém minha avó, e minha avó briga com meu tio, defendendo meu pai.

Estamos com contextos distintos que são válidos serem apresentados, tanto levando em consideração o contexto político, econômico e social, como também a interferência na configuração feminina, elencada por Beth, a qual foi ensinada por sua mãe e sua avó.

Diferente do que é apresentado por Yexis, pois as pessoas de sua família que lá ficaram só estão por não ter condições de arcar com as despesas do traslado, para chegar até aqui.

***Yexis-** Sim, muito difícil, querem vir para o Brasil, mas tem que vir e não tem como, tenho uma irmã de 30 e um irmão de 36.*

4.6 Por que decidiram migrar para o Brasil?

***Beth-** ...por uma maldição, devido ao problema do governo na Venezuela, já não podia prosseguir com meu trabalho e manter a meus filhos, nem mais estar lá. Também pela incapacidade de meu filho, pois ele tem problema e necessitei migrar para cá, e a situação que vive minha família, no sentido de que todos migraram: um está para Chile, outro para Guiana, minha mãe e minhas irmãs estão aqui em Brasil e os únicos que estávamos lá éramos eu, duas irmãs e um irmão, que não queríamos sair de Venezuela.*

Para Beth, as suas motivações em deixar seu país são percebidas como três fatores, o primeiro é a maldição que está por acontecer na Venezuela, ou seja, primeiramente ela entrega os problemas existentes no seu país aos problemas enfrentados pelo governo, no entanto não adentra muito ao contexto político. O segundo motivo elencado por ela é a enfermidade do seu filho.

***Beth-** Aqui vim agora, e aqui vim para lutar, porque meu filho tem descolamento de retina e necessita de uma cirurgia e em Venezuela não pode ser realizada porque não tem medicina e ele tem catarata e essa cirurgia não se faz aqui em Boa Vista, precisarei ir para outro Estado, isso me motiva para seguir em diante.*

Seu filho tem problema de saúde, deixando em risco a qualidade da visão dele ou ainda tendo a possibilidade de perder completamente a visão de um dos olhos. O

terceiro e último motivo, foi a vinda de sua mãe para o Brasil, o que corroborou para sua vinda junto a sua família, em busca de reencontrar sua mãe.

Complementa:

Beth- *Meu esposo não queria vir, fui eu quem tratei de arrumar as malas e falei sério, mas ele não queria deixar a casa, seu país, sua família, isso porque ele tem uma irmã nos EUA, e sua mãe está se preparando para ir para lá, sua irmã reclama porque estamos na rua com nossos filhos.*

É perceptível na fala de Beth que sua imposição na decisão de migrar pesou na decisão do seu esposo também. Mesmo sabendo dos riscos que a migração representa, sua força de vontade em buscar a cura do seu filho a fez tomar essa decisão. Podemos perceber que Beth conseguiu articular com seu marido, que, assim como ela, também tem um sentimento nacionalista e uma ligação com seus bens e família venezuelana, mas foi convencido por ela. É importante mencionar que, a concordância do seu esposo em aceitar a decisão tomada por ela, faz-nos lembrar do que afirmava Michelle Perrot (1988): a mulher, muitas vezes, no espaço privado, tem a capacidade de articular suas ideias junto a seu esposo e conseguir interferir na decisão final, o que colabora para que o processo chegue a um denominador comum final.

Ruth- *Meu esposo tinha um trabalho fixo lá, na Companhia que funde alumínio, ele tinha isso e eu era dona de casa, mas, quando a situação foi piorando, o dinheiro só dava para comprar comida, e não rendia para a semana completa, não dava para comprar as coisas do meu filho para levar para a escola, não podia comprar leite, uniforme, sapato. Começamos a juntar dinheiro, vendemos algumas coisas e decidimos vir. ... Esse foi um dos motivos, porque as coisas lá estavam muito complicadas, pois, quando conseguíamos dinheiro, não dava para a semana completa, e ficávamos sem comida, além das outras necessidades básicas que não conseguíamos cumprir.*

A falta do básico para a existência, como comida, também foi relatada por Yexis:

Yexis- *Porque estávamos passando por muitas dificuldades, a economia está muito fraca, não havia comida, não havia dinheiro para comprar, não tínhamos emprego, por causa disso tive que migrar. Minha mãe trabalhava em PDVSA, eu só estudava e ela trabalhava.*

Sua mãe, a qual estava presente durante nossa conversa, complementou sobre como foi o processo pelo qual elas passaram a perder o poder de sobrevivência na Venezuela.

Mãe de Yexis- Eu trabalhava de serviços gerais, por 12 anos, meu salário era 40 mil soberanos, só a passagem de trem estava 30 mil, quando ia já não podia fazer mais nada, está muito difícil, muito difícil.

A situação financeira relatada por Ruth e Yexis (com sua mãe) nos permite entender que, no passado, esse era um problema pelo qual suas famílias não haviam enfrentado. No caso de Ruth, seu marido tinha trabalho fixo e, no caso de Yexis, sua mãe era funcionária pública na empresa PDVSA (empresa de petróleo venezuelana). Quando é mencionada a condição de trabalho de sua mãe, Yexis recorda-se de momentos felizes. Nessas ocasiões, seu semblante se tornava suave, mas, posteriormente, vinha a decepção. Para compreender esse dilema, vivenciado não só por Yexis, mas, também, por todas as entrevistadas, podemos concordar com Gonçalves Filho (2005, p. 06) quando diz:

O sofrimento da espoliação econômica, o sofrimento do racismo ou da segregação, o sofrimento da dominação, o sofrimento compartilhado por cidadãos pobres, compartilhado por negros, velhos ou índios, não torna por isso idênticos os seus sofredores e tampouco torna idênticas as comunidades que sofrem. Cada pessoa e cada grupo, expostos a humilhação pública, tem sua maneira singular de sofrer e reagir.

Estas características dos mais diversos sofrimentos, expostos pelo autor, delinea caminhos que podemos perceber serem enfrentados por nossas entrevistadas, até mesmo pelas peculiaridades vividas por cada uma em seu local de origem, assim, como no seu local de destino. No entanto, mesmo possuindo especificidades individuais, ainda assim, são congruentes em muitos outros momentos.

Sobre o trabalho, M. Fernandes (1999) salientou que o desemprego, em função do capitalismo (neoliberalismo), tem atingido grande parte das pessoas, gerando desestabilidades emocionais; causando a perda da possibilidade de manter-se no trabalho, como eixo psíquico organizador que estabelece as relações entre o passado, o presente e o futuro, uma exigência do vínculo com a realidade. Nestes casos, a desestabilidade está causando uma desestrutura, além de social, também familiar.

A categoria trabalho está presente em todas as respostas recebidas das quatro entrevistadas. Por este motivo, foi importante analisarmos as teorias migratórias desde seus primeiros estudos, seja com Ernest G. Ravenstein (1885) ou Everett S. Lee (1965), pois foi possível perceber que o trabalho ainda é uma mola propulsora

das migrações. Mas, vale destacar, no caso das entrevistadas, evidencia-se que a migração não foi simplesmente porque desejavam encontrar melhores trabalhos, pois, se não fosse a situação de disputa político-econômica global neoliberal, que tem redundado em desemprego estrutural na Venezuela, elas não estariam sem trabalho/dinheiro, elas não precisariam migrar com suas famílias.

Sabemos, e aqui apresentamos o que acreditamos ser o motivo pelo qual estão obrigando essas pessoas a migrar, a crise que enfrentam no seu país, mesmo que tenha sido gerada por fatores político-econômicos capitalistas, ela incide diretamente na vida singular de cada venezuelano(a).

Nas palavras de Beth:

***Beth-** Mas essa situação política que tem lá está destruindo, com muita violência, muita máfia, muitas coisas feias temos lá, está destruindo muito a Venezuela, a comida não está entrando, estávamos os dois trabalhando, mas o que trabalhava não sustentava o que queríamos.*

Mesmo que, de certa forma, Beth se mostre capaz de compreender as questões político-econômicas do seu país, não há um desdobramento com clareza no desempenho desse discurso, o que nos leva a crer que parte da população, diante de todo o sofrimento vivido nesse contexto, não está conseguindo construir um pensamento crítico sobre o que está se passando realmente no seu país de origem, a Venezuela. Ruth em alguns momentos, também, assinala questões com observações semelhantes.

***Ruth-** Eu me sinto triste por ter saído da Venezuela, Venezuela é um país muito bonito, muito especial, mas como em todo lugar há coisas ruins, há pessoas ruins, mas tu amas seu país e tu quer estar em seu país. Mas não amo essas pessoas que estão fazendo isso com ele, e tem uma pessoa que está fazendo isso, e é o presidente, tem que haver uma pessoa que mude isso, que consiga recomeçar, eu tenho 24 anos e fui a luta em busca, mas e nossos filhos, eles não aguentam isso, e essas são coisas que as vezes me pergunto, porque fui embora da Venezuela, porque não temos chances para nada, porque a Venezuela está passando por uma transição, ninguém migra porque quer, acha que eu ia preferir dormir na rua do que em minha cama? Tinha água fresca, supria todas as minhas necessidades, há não, por que eu sou venezuelana e tenho toda minha comodidade lá, eu vim para cá pelos meus filhos.*

Para as entrevistadas, ter trabalho equivale a uma aposta na vida, à possibilidade de se ter dinheiro para a comida, o abrigo, o cuidado dos filhos. Portanto, não cabe aqui fazer um alinhamento direto desses dados aos estudos clássicos

desenvolvidos por aqueles autores citados acima, Ernest G. Ravestein e Everett S. Lee. É possível considerar que os dados deste estudo convergem com os escritos de autores como Abdelmalek Sayad (1998) e Saskia Sassen (2002), que correlacionam não apenas as motivações pessoais da decisão em migrar, mas salientam que o contexto macro está embutido nos processos migratórios. O neoliberalismo globalizado é também responsável por todas essas demandas migratórias, por todo o sofrimento vivido por essas pessoas, o que acarreta dor e perda da perspectiva de vida.

Além disso, obviamente, quando observamos as falas das irmãs Beth e Mityali, o vínculo afetivo existente com sua mãe e seus filhos, também influenciou, consideravelmente, na decisão das duas migrarem. A propósito, a sobrevivência física não está desvinculada da sobrevivência relacional, como mencionado por Pichon-Riviere (1998) que foi um importante teórico a fazer essa constatação.

Sobre a articulação entre sobrevivência e laços afetivos, Beth nos conta que, além da falta de trabalho, um dos motivos principais da sua migração também foi o fato de seu filho estar doente, e que sem o trabalho não teria como manter-se lá e cuidar dele. Devido ao processo de desmonte vivido na Venezuela, as condições de saúde pública e privada do país estão em depreciação, o que a impede de seguir com o tratamento da enfermidade do seu filho.

Assim como ela, Mityali também se preocupa com seu filho, com a qualidade de vida a oferecer para ele e para ela própria. Veio porque há desemprego na Venezuela e porque sua mãe já estava no Brasil, quis se reaproximar dela. Em suas palavras:

***Mityali-** Para buscar uma melhor condição de vida para meu filho e para mim, e por esse motivo (risos), lá na Venezuela está muito complicado, não conseguimos emprego, e se conseguimos o dinheiro que ganhamos já não dá para sobreviver. Vim porque minha mãe estava aqui, ela está em São Paulo e eu quero estar com ela.*

Como apontamento, nenhuma delas migrou sozinha. Vieram em dupla, Mityali sendo irmã de Beth, as quais, também, vieram acompanhadas de suas famílias conjuntas, incluindo irmão, marido e filhos. Ruth, que veio com sua família nuclear e um irmão, e Yexis, que sempre contou com a companhia de uma irmã ou ainda de seu pai, vieram apoiadas em seus laços familiares e de amizade. Em situações de mazelas, os vínculos de confiança são amparo psíquico e social (PICHON, 1998).

Com exceção de Yexis, que juntamente com sua irmã foram as primeiras a migrar, as outras três fazem parte do segundo grupo de migrantes, mesmo que seus parentes tenham ido para lugares diferentes delas.

Como fizeram referência a essas pessoas que partiram antes delas, é possível considerar que, além da fome, a escolha daquelas(es) que primeiro migraram deu lastro para que, também, fizessem tal escolha. Nessa direção Beth, Mityali e Ruth, vieram para o Brasil porque já tinham parentes aqui. Essa situação remete ao que Gláucia Assis (2007) já tinha ressaltado, ou seja, que não é incomum mulheres migrarem para lugares nos quais já possuem receptores.

Como filhas, mães e esposas, nas falas dessas mulheres, a preocupação com qualidade de vida de suas famílias foi central na decisão de sair em busca de sobrevivência/melhorias, mesmo sendo duro esse percurso, sejam quais forem os riscos corridos. A responsabilidade de mães protetoras, as impulsionaram para o desafio que precisassem enfrentar, o que importava era conseguir alcançar o objetivo ou, ainda que seja, tentar fazer alguma coisa para mudar a realidade penosa que não estava de acordo com o que sonharam para suas famílias e, em especial, para seus filhos.

No entanto, é válido considerar a preocupação especial que Yexis tinha em cuidar dos seus pais, em só seguir caminho após a chegada deles, mesmo que suas outras duas irmãs já estivessem sido interiorizadas e ela tivesse a possibilidade de ter feito esse caminho sem eles, assim como elas já haviam realizado. Tal fato deixa claro que seu vínculo de cuidado com seus pais prevaleceu na hora dessa decisão, mesmo que junto deles estivesse um de seus filhos.

Yexis- eu não me interiorizei, pois estava esperando eles chegarem (seu pai e sua mãe), e agora que chegaram é que posso interiorizar, tem duas semanas.

4.7 O que esperavam do Brasil?

A experiência migratória relatada pela mãe de Beth, para ela e sua irmã Mityali, colaborou para idealizar um sonho migratório, mas que foi frustrado quando elas se depararam com a realidade vivenciada na prática.

No período em que sua mãe migrou para o Brasil, os recursos destinados a Operação Acolhida e a atenção dada pelas ONGs estavam mais intensos, era no início da operação e as decisões diante do abrigamento e interiorização estavam sendo aplicadas de maneira mais enérgicas. Dessa forma, e talvez por ser uma mãe provedora, a mãe delas imprimiu uma perspectiva de migração mais positiva do que era. Esse fato nos remete ao que Abdelmalek Sayad (1998, p. 44) chamou de *elghorba*. Nas palavras do autor:

Na visão idealizada da emigração, fonte de riqueza e ato decisivo de emancipação, a *elghorba*, intencional e violentamente negada em seu significado tradicional, tende a trazer uma outra verdade que a identificaria com a felicidade, a luz, a alegria, a segurança etc. A experiência da realidade da emigração vem desmentir a ilusão e restabelecer a *elghorba* em sua verdade original.

O que de toda maneira causou frustração na perspectiva gerada pela família de Beth e Mityali.

Beth- *Esperava viver aqui uma experiência de vida extraordinária e maravilhosa, mas não é nada disso, aqui estamos na rua e é muito difícil. Nós mães e pais aguentamos, porém meus filhos, temos passado muitas coisas, e a enfermidade que tem meu filho, assim é muito duro para mim. Eu achava que tudo aqui era diferente, outra maneira, são três meses que estou aqui, quero descansar e não posso, nos acordam as cinco da manhã, quero comer tranquila, mas tenho que apressar logo, quero parar mas tenho que seguir caminhando com meus filhos.*

Dessa maneira, as pessoas que migram no segundo momento podem receber interpretações irreais daquele local que será seu lugar de destino. Tal definição justifica o fato de que, para migrar, muitas vezes, e como sinalizou Abdelmalek Sayad (1998), idealiza-se um lucro para aquela migração, assim sendo, mesmo de maneira fantasiosa, as pessoas precisam remeter ao local de destino como sendo algo positivo.

É interessante avaliar que, mesmo sua mãe tendo agido dessa forma e tenha sido interiorizada, como elas descreveram, e mesmo sabendo que lá também não está conseguindo trabalho, elas continuam querendo ir para onde ela está. O que nos faz concordar com a teoria apresentada por Abdelmalek Sayad (1998), acima citada, e com a importância que dão à manutenção do vínculo familiar.

Para Yexis, a disposição para migrar, segundo ela, partiu dela mesma, com a intenção, como ela mesmo falou, de encontrar “*emprego para trabalhar, para ajudar*

minha mãe, meu pai”. Pelo que podemos entender, ela não tinha maiores expectativas, o que pretendia de fato era conseguir sobreviver.

Assim como Yexis, Ruth também não tinha uma referência muito estabelecida, haviam pessoas conhecidas, como sua irmã e a prima de seu esposo, mas não recebeu a mesma impressão ou semelhante impressão que a mãe de Beth e Mityali repassou para elas.

Ruth- *Havia minha irmã, mas nós não sabíamos que ela ficava aqui, a prima do meu esposo também, ela estava grávida, e assim que eu cheguei ela foi chegando na praça e nós conseguimos nos encontrar com ela (risos de muita felicidade) fiquei muito feliz, porque eu aqui não conhecia nada, então ela foi me apresentando as coisas, onde tomar banho, onde comer, onde ficavam as carpas, onde guardar as coisas, tudo isso*

Complementa ainda,

Ruth- *Eu viria mesmo sem ela, ... sim, porque não sabíamos se estava aqui, tinham nos dito que ela teria saído daqui para a Guiana Inglesa, e depois que estava em Bonfim, por ali, por isso decidimos por vir, sem pensar nela. Mas graças a Deus, Ele nos mostrou ela, ao menos nos primeiros dias, pois as coisas eram bem mais difíceis, mas agora ela fica em um abrigo, no São Vicente, pois como estava grávida, já deu a luz e a bebê já nasceu para ir ao abrigo.*

Mesmo havendo pessoas aqui no Brasil, conhecida por Ruth, ela não contou com informações prévias sobre o que acontecia aqui. Da mesma forma como ocorreu com a Yexis, ambas vieram cruas, a respeito da situação que se instaurava aqui, a época da chegada delas. Mas não invalida a criação de expectativas que, provavelmente ou de certa forma, poderiam ser frustradas de alguma maneira, mesmo que diferentemente do que ocorreu com as irmãs Beth e Mityali.

4.8 A vida aqui

Beth- *Estamos dormindo aqui na rodoviária, aqui os meninos se enfermam mais do que na Venezuela, aqui é muito difícil. São muitas pessoas, todos os dias tenho o cuidado de limpar, tenho danos nas mãos, pois preciso limpar com água sanitária ou cloro (ela mostra as mãos cheias de feridas, pelo produto agressivo que precisa utilizar todos os dias, para manter a higiene do local onde vai dormir). Aqui estamos na rodoviária, mas agora de manhã comemos nas “Mongitas”, e o meu esposo fica para lá no “comedouro” [onde é servido as refeições], de lá vai em busca de diária, e aí segue o dia.*

Complementa...

Beth- *Meus filhos me pedem muito para ir para Venezuela, voltar para casa, pedem suas camas, quero minha casa, pedem chorando (nesse momento o filho a abraça, e ouve ela falar, com cara de tristeza), minha televisão, chorando, ontem falou que queria ir, e eu também me queria ir. Moro muito próximo a praia, se caminha e se vê a praia. E me ver aqui, lá tenho minha cama, todas as minhas coisas, nós lá, buscávamos maneiras de resistir, quero mostrar a você as fotos do lugar onde eu vivo, eu gostaria de estar na Venezuela, mas você sabe como está a situação, se tomava café ficávamos sem almoço, se almoçávamos ficávamos sem a janta, isso tudo nos entristece muito.*

O sentimento de perda é muito vivo na vida dessas pessoas. O afeto pelo que ficou para trás causa dor e desalento. Os vínculos que foram quebrados e perdidos pelas mães estão refletindo nos filhos. Não ter mais o seu lar que fora conquistado com tanto apreço, como ela mesma fala, não ter a presença de sua família unida todas as tardes na casa de sua mãe, tudo isso está sendo sentido pelos seus/suas filhos(as). O que de certa forma gerará um novo fruto de sociedade, um novo contexto de migrante. Abdelmalek Sayad (1998) analisa esse fenômeno, mostra como é o momento do retorno dessas crianças quando chegam a visitar seu lugar de origem, lugar este que se tornou um não lugar de origem.

Em compensação, é presente, na fala dessas mulheres, o ambiente da lavanderia como ponto de apoio, fazendo referência em alguns momentos como sendo o lugar de descanso e calma, inclusive agradecendo a oportunidade de poder usufruir desse espaço. Michelle Perrot (2006) já havia apontado, em seu livro *Os excluídos da história*, que os espaços da lavanderia, costumeiramente, são ambientes de troca, ajuda, de câmbios de proteção. Trata-se de espaço de construção e afirmação de potências femininas.

No tocante à relação com seu marido, Beth nos contempla com a seguinte exposição:

Beth- *Meu esposo está aqui, graças a Deus que ele está aqui, consegue fazer algumas diárias, às vezes, como ontem, não fez, mas segue tentando para que possamos comprar algumas coisas para nossos filhos, que seja comida, creme, qualquer coisinha, as vezes não, porque nos prestam apoio, mas as vezes é tarde da noite e não chega a comida[sua filha chega para abraça-la], aqui é muito difícil, muito difícil.*

Podemos entender, pelas palavras de Beth, que a função social do seu marido está enquadrada como sendo a de provedor de recursos para o sustento da família,

salientando ainda que, mesmo anteriormente, como apresentado por ela, em outros momentos, as despesas da família eram compartilhadas entre os dois, nesse momento migratório está incumbida na responsabilidade do seu esposo, o qual, em alguns momentos, encontra-se em desesperança devido a escarça oferta de trabalho. É Interessante mencionar, também, os cuidados mínimos que ela tem com seu filho e sua filha, e a ênfase nos produtos de beleza que, mesmo com todo o cenário de descaso, consegue pensar nos detalhes que configuram um afeto maternal.

Beth complementa:

Beth- *Aqui eu fico com nossos filhos e ele vai em busca de trabalho, se não encontra fica bravo, porque está acostumado a trabalhar e a ter seu dinheiro, e nessa situação as vezes quer voltar para Venezuela, as vezes quer discutir comigo, mas eu fico tranquila, mas quando encontra trabalho quer ficar, como ontem, consegui uma diária e comprou nossa janta e nosso café da manhã e mais algumas coisas, não precisou que a gente fosse para o comedouro, mas quando não consegue nada... aff (risos), fica falando que quer ir, que aqui não tem emprego, isso e aquilo.*

Tentar compreender o que passa essas pessoas, perceber a humilhação que enfrentam estes migrantes, alinha-se ao raciocínio de Gonçalves Filho (2005, p. 7), que analisa:

Está além da nossa imaginação o que a voz e o gesto dos humilhados dão a sentir e a pensar. E se os ouvimos não em conversa rápida, mas na conversa alargada, se os ouvimos em situação que sua voz possa distender-se, possa dizer muitas coisas e não apenas o que esperamos ou permitimos ouvir, vem sempre uma lição, uma lição sobre a humilhação e a indicação de algum remédio. Quem deseje atinar com a dor de cidadãos rebaixados precisa demorar-se entre eles, precisa repetir e prolongar as visitas, precisa vê-los e ouvi-los de perto, visão e audição que são uma cura para a nossa ignorância.

Assim como partilha Beth, e posteriormente vai ser elencada por Ruth, a falta de emprego é marcador nas discussões entre elas e seus esposos. A autora Heleieth Saffiot (2004) salienta que o papel de provedor constitui o elemento de maior peso na definição da virilidade, ou seja, os homens que experimentam o desemprego por muito tempo são tomados por um profundo sentimento de impotência, pois, para eles, não há o que possam fazer, além de trabalhar e levar recurso financeiro a sua família.

Ruth- *Estou com meu esposo, e meus dois filhos, mas não há emprego, não tem trabalho, não tem diária, tem muitas pessoas ruins, fazendo coisas ruins, não querem dar emprego a venezuelanos também por isso. A mim me deram um benefício na Igreja Consolata (IMDH), mas mandei para minha família na Venezuela, para livrar a eles um pouco, porque estar aqui comendo e saber que sua família lá não tem comida, isso me faz sofrer, porque não sei o que está passando minha família lá.*

Ruth traz em sua fala o que acontece, com frequência, com os migrantes: o sofrimento elencado pela xenofobia, pela discriminação por serem venezuelanos, além disso, são venezuelanos pobres, que estão sendo considerados como invasores ou aproveitadores, estão nas linhas mais profundas da hierarquização (NOGUEIRA, 2006). Conseguir superar tudo isso, ainda mais sabendo que as pessoas que ficaram em seu país, como ela mesma fala, sua família está lá sem comida, causa uma dor que vai além do sofrimento e da humilhação enfrentados por ela e sua família aqui no Brasil.

Essa observação feita por Ruth salienta sob as interpretações possíveis que podemos nos apropriar sobre essa falta de emprego para com os venezuelanos. No entanto, não só como venezuelanos, mas, sim, como migrante que está sendo recebido pela população local como migrante temporário. Segundo Sayad (1998), com essa condição temporária o contexto da oferta de trabalho varia conforme a necessidade do local de destino. Se pensarmos numa sociedade roraimense xenofóbica, vamos ter a justificativa pela pouca oferta de trabalho ou ainda as precárias ofertas de trabalho destinadas a essa população.

A sequência na fala de Ruth nos faz recordar da dona de casa e seus poderes, analisada por Michelle Perrot (2006). Ela traz uma análise ampla dos avanços alcançados por mulheres, ao longo da sua experiência como donas de casa. Podemos perceber que Ruth adquiriu, durante o tempo que passou dedicando-se aos cuidados domésticos, a perspicácia de perceber o momento ao qual precisa mudar de posição, pois seu marido está desolado pela perda do poder econômico, necessitava da intervenção feminina para conseguir direcionar forças em busca de uma melhora conjuntural.

***Ruth-** Eu estou aqui há 5 meses, mas tem 3 meses que estamos muito mal, muito, muito mal, discutimos muito, não é igual está em sua casa, os homens não compreendem que a situação não é ótima, não dá para fazer coisas, eu venho pensando muito, eu vou para Santa Catarina com ele, mas assim que eu conseguir um emprego eu me separo, não aguento, ele fica o tempo todo brigando, se colocou bravo porque não quer que eu fale com muita gente, quando eu estou fazendo alguma coisa ele fica com raiva, não gosta disso. Mas eu gosto de fazer as coisas, me sentir útil, estar buscando o que fazer, eu não quero ficar sentada todo o dia, eu quero fazer as coisas, ele poderia ir à procura de diária ou de trabalho, mas não vai [falo que ele poderia ser colaborador] sim, mas ele não quer, ele podia procurar um emprego na rua, mas não quer, olha, me dá pena falar, ele não gosta que eu fale, mas eu preciso falar.*

Com tom de indignação ela continua...

Ruth- *Passa o dia todo sentado aqui me olhando, o dia todo, deveria sair para procurar trabalho, mas não vai, está ali sentado, eu já falei isso com outras pessoas, e estou falando para você, eu vou viajar, mas vou separar dele, não fico com ele mas nem um ano. Eu não vou mais ter filho porque sou ligada, então vou viver minha vida com meus filhos, ele não quer fazer nada, todo dia brigamos pelas mesmas coisas, estou ficando amarga de tanta briga, e sempre pelas mesmas coisas. Ele não procura, nós temos dois filhos, precisamos, eu preciso consertar meu telefone, mas ele não liga, nós vamos fazer a interiorização social, para quem vão ligar, como vão falar com a gente? Mas ele não está nem aí, eu não posso ficar sentada esperando, nós estamos no Brasil, é tudo muito diferente, precisamos os dois trabalhar, porque se não, não conseguimos sobreviver, ele precisa entender isso. [- Pergunto se antes ele estava procurando emprego?] - não, tudo sou eu, eu quem consegui a ajuda que te falei (IMDH), essa foi a única quantidade de dinheiro que tivemos aqui no Brasil, tudo por mim, tudo. Fala que estou de namorado, falei para ele deixar de ser ridículo, que está maluco, como vou fazer alguma coisa se estou trabalhando, passo o dia todo limpando, e ele ainda fica o dia todo me olhando, só ontem que cheguei era meio dia, mas porque estava em Petrig²², mas porque ele não foi para lá, porque também é obrigação dele, são coisas para nossa família, mas não, não quer falar com os militares, tem vergonha, mas ele é meu esposo e tem essa vantagem, mas não, não quer, pretende que tudo seja eu, e ele fique assim sem fazer nada, falei para ele, se segue assim eu vou me separar de você.*

Com o hábito de sempre estar trabalhando, parece que o esposo de Ruth está com vergonha, insegurança, se sentindo humilhado, impotente, o que o faz pensar que ela pode estar traindo-o, ainda mais que ele já estava acostumado a tê-la só para ele, cuidando só dele e de seus filhos(as). Não era do seu cotidiano observar as crianças, colaborar com as atividades domésticas e buscar outras maneiras de sobreviver. Conforme mencionado por Ruth, ele trabalhava fixo em uma só empresa, isso o deixou sem ação ao estar em uma situação distinta. No entanto, como dito por Michelle Perrot (2006), as múltiplas funções destinadas as mulheres, em sua rotina quotidiana, contribui para a agilidade em providenciar soluções no momento das adversidades.

Percebemos que entre Beth e Ruth há uma troca de funções, ou, como analisou Francilene Rodrigues e Arieche Silva (2015), em estudo sobre migração, há uma troca dos papéis sociais, depois da migração. Enquanto Beth, que trabalhava na Venezuela, está querendo ou pretendendo ficar encarregada dos cuidados das tarefas domésticas e dos(as) filhos(as), o que também pode estar contribuindo para essa tomada de

²² Posto de Triagem-Espaço oferecido pela Operação Acolhida onde é possível emitir todas as documentações necessárias, além de vacinação e inscrição para possível interiorização.

decisão é o fato de estar longe da família, em especial de sua mãe, que, provavelmente, poderia ajudar nos cuidados de seus filhos, para que ela pudesse sair para trabalhar. Ruth, que antes era encarregada dos cuidados com os(as) filhos(as), agora pretende se dedicar ao trabalho externo. Essa percepção vai além do acreditar que seja uma mera escolha, mas, sim, uma questão de sobrevivência, pois, como citado por Beth e Ruth, respectivamente, o esposo de Beth está conseguindo diária, então para ela é possível ficar nessa posição, de cuidar dos(as) filhos(as) e da “casa”; já Ruth, devido ao estado de estagnação que apresenta seu esposo, a única saída para ela foi tentar buscar uma nova configuração para sua família, encontrando assim, meios para conseguir sobreviver com ela.

Continua...

***Ruth-** sim, mas as pessoas tem que amadurecer, aqui são outras situações, precisamos superar, aqui nós não estamos em uma casa, lá eu só cozinhava, buscava meus filhos na escola, deixava tudo limpo, mas aqui não temos casa, não podemos ficar tranquilos, ele tem que se acostumar com isso, com essa mudança. Mesmo que tenhamos uma casa aqui não será como na Venezuela, aqui vamos ter que trabalhar nós dois, lá na Venezuela nós não pagávamos luz, água, não, todo mundo ficava tranquilo, mas aqui todos tem que trabalhar, porque são muitos gastos para uma só pessoa, filho na escola e nós trabalhando, ele tem que entender que um só não dá conta, um fica por conta da casa e o outro das outras coisas, aqui é um outro estilo de vida, não tem nada a ver com a Venezuela, lá não pagamos nenhum tipo de serviço, aqui se paga até correio, mas ele não escuta, que aqui não é como lá, precisamos trabalhar muito para conseguir as coisas.*

A reação obtida por Ruth, em relação a necessidade de agir, não é a mesma que o seu esposo obteve, e acredito que não seja para muitos outros migrantes. É neste âmbito que podemos perceber o quanto a investigação do universo feminino nos ajuda a entender o universo masculino, vice-versa, essa relação de gênero e as interferências que um faz no outro, também foi observada por Michelle Perrot (2006). Enfrentar todas as mudanças oriundas de uma migração forçada, e, ainda, conseguir ser reativa como Ruth, não é algo costumeiro, e isso é possível observar em outros contextos migratórios, ainda mais quando as condições sociais dos países destino não são favoráveis para esse tipo de acolhimento, ou seja, facilitem a adesão ao mercado de trabalho e insiram essa população a um patamar de agentes econômicos ativos.

***Yexis-** Está muito difícil viver aqui, desde que cheguei aqui, está sendo muito difícil viver aqui, no Brasil, eu morei na rua 2 meses, depois me levaram para*

Rondon 1, depois fui para Venezuela, era Natal e eu não queria estar aqui só sem minha mãe, fui em Novembro, passei Natal lá e voltei em janeiro. Em janeiro cheguei com meu pai e minha irmã, ficamos na rua e dormíamos aqui na rodoviária, e teve um dia que meu pai voltou e eu fiquei sozinha com meu filho em minha barriga, andei só, algumas mulheres me bateram, elas me bateram e eu pedi ajuda porque eu não tinha feito nada com elas, e bateram também no rapaz, depois me cortaram o cabelo, me bateram mais, fizeram muitas coisas comigo, aqui na rodoviária, depois fiquei com muito medo, não queria mais estar aqui, e fui pedir ajuda, para que me colocassem em um abrigo, me abrigaram em Rondon 1, depois de lá me mudaram para o abrigo Jardim Floresta, lá eu fiquei um mês pela rua, mesmo morando lá, lá pela saída para Pacaraima, eu não ficava no abrigo porque tinha medo de ficar só, aí me tiraram do abrigo, e daí não consegui mais voltar para o abrigo, já estou com 6 meses morando na rua, não posso mais entrar em abrigo, nem nada, tenho que sair a procura de dinheiro ou comida todos os dias para conseguir ajudar ao meu pai, mas aqui também é muito difícil a vida, antes não era tão difícil, mas agora como tem muitos venezuelanos está cada vez pior, não querem dar emprego a venezuelanos, porque tem muitos venezuelanos que roubam, que gosta de fazer coisas ruins com as pessoas, então por um pagamos todos, mesmo que não façamos nada pagamos por ser venezuelanos, é muito complicado isso aqui, uns pagam pelos outros.

Nesta narrativa de Yexis, existe dois pontos fundamentais: 1) ela é uma migrante negra, que, conforme analisa a autora Francilene Rodrigues (2012), a interpretação sobre racismo, na Venezuela, distingue-se da brasileira. No entanto, podemos perceber que Yexis não entende estar sofrendo racismo, pois, pelo que foi possível compreender, o fato de ser migrante e a xenofobia para Yexis supera a condição de negritude. Na verdade, ela está se incluindo em um grupo de pertencimento maior, mais abrangente. Mesmo quando ela salienta ter sido violentada por algumas mulheres (venezuelanas), ela não elenca isso como um fato racista, mas como um ato de rivalidade entre as migrantes, assim como acontece quando ela fala da alta concorrência nas chances de emprego, ou ainda, na errônea postura de alguns venezuelanos, o que imprime um auto preconceito para com os próprios migrante, ou ao grupo a quem ela pertence ou se reconhece como pertencente. O que ocorre no discurso de Yexis, mas que está subentendido, é que existe a interseccionalidade entre raça, classe e gênero, tema trabalhado por Ângela Davis (2016).

Para Mityali, sua vida aqui está boa...

Mityali- *Me sinto bem, o que me incomoda é a questão de viver na rua, porque pelo menos não falta comida para meu filho. Me acordo, vou a Mongas buscar o café da manhã, depois venho para cá, para tomar banho e lavar roupa, passo quase todo o dia aqui, depois vou ao comedor, e volto para cá, depois vou buscar a carpa e mais tarde vou para a o comedor pegar a janta, essa é minha rotina todos os dias, vou da carpa para a rua, essa é minha rotina.*

Complementa...

Mityali- *A questão é que com tudo isso eu não tinha trabalho o que o pai do meu filho me mandava não dava para sobreviver, se eu comprava uma coisa, não conseguia comprar outra. Pelo que me lembro não me faltava nada na minha infância, mas para meu filho falta tudo.*

Sobre a quebra na estrutura social e política, Gonçalves Filho (1998) elenca os vários processos de desmonte enfrentado por essas famílias como: a angústia disparada pelo enigma da desigualdade de classes; ambientes que poderiam parecer atrativos, tornam-se lamentáveis para os pobres quando carregam os signos da exclusão, do sentimento de não possuírem direitos, de parecerem desprezíveis e repugnantes. Todas, sem exceção, tiveram que abandonar suas casas e seus sonhos para tentar sobreviver em um outro lugar, lugar esse desconhecido, que apresenta problemáticas similares as deixadas em seu país. Pois, diferentes de outros contextos migratórios, os migrantes venezuelanos saem de um país subdesenvolvido para outro, onde as mesmas mazelas sociais são encontradas e a concorrência de trabalho, ou por sobrevivência, será disputada entre eles e os nacionais.

4.9 Para o futuro?

Beth- *Sim, temos a possibilidades de interiorizar, mas minha mãe não tem emprego, para irmos ela tem que ter trabalho e aluguel, para podermos ir, e poder ficar com ela, nos cadastramos com ACNUR para emprego, mas estamos esperando. Tem que esperar, esperar, esperar.*

A “esperar, esperar e esperar”, nas palavras de Beth, imprime certo tom de desânimo. Como foi mencionado anteriormente, as ações da Operação Acolhida, muitas vezes, desaceleram o que, por alguns momentos, são tidas como prioridades; em outros, ficam em espera para conseguir estruturar outras frentes. Além dessas pessoas precisarem estar com alguns fatores a seu favor, pois como bem mencionou Beth, para que ela possa viajar em direção a sua mãe, ela precisa estar trabalhando e isso é um fator fundamental para que essa interiorização possa acontecer. Assim como Beth, sua irmã Mityali vive a mesma situação.

Mityali- *Prefiro interiorizar, porque existe mais possibilidades de trabalho, é melhor mais para dentro, aqui tem muitas pessoas, está muito cheio de venezuelanos. Aqui as pessoas nem querem dar trabalho para venezuelanos,*

porque os venezuelanos fizeram coisas ruins com as pessoas daqui, então por alguns todos pagamos, minha mãe falou que lá onde ela está tem poucos venezuelanos, em Manaus também ouvi que tem muitos venezuelanos, porque lá também tem essas questões de abrigos, está cheio de venezuelanos também. Tem muitas pessoas que estão voltando para Venezuela, mas tem muitas pessoas vindo para cá também, vão 15 e vem como 50, (risos).

É interessante perceber que Mityali, ainda, compra o discurso realizado pela mãe, mesmo tendo vivido uma frustração, acarretada pelo que a mãe idealizou para ela sobre a migração Venezuela/Brasil. Além do discurso da mãe, Mityali relembra um fato que foi elencado pela população local, para justificar alguns atos xenofóbicos, que foi a questão de alguns brasileiros terem sido mal tratados na Venezuela. Esse discurso é antigo, mas que, em alguns momentos, tornou-se unânime entre a população. No entanto, é importante ressaltar que os contextos são outros e que nem um ato realizado antes da crise migratória justifica qualquer forma de violência contra essas pessoas com um alto nível de vulnerabilidade.

Ruth- *Eu quero fazer interiorização, mas está muito difícil, porque pedem muitos papéis muitas coisas, pedem contrato de aluguel, antecedentes criminais, comprovante de que a pessoa que está lá esteja trabalhando com registro na carteira, e se não tenho nada disso não posso ir, mas eu quero sair daqui, porque aqui não tenho o que fazer. Eu tenho toda minha documentação, todos nós temos, mas não temos residência em outra parte assim não podemos interiorizar por família, teria que ser interiorização por trabalho, e por isso está muito difícil, muito difícil, porque quando sai, sai do Petrig, e temos que passar todo o dia lá, e eu tenho que pegar comida, o café da manhã, o almoço, o banho para meus filhos e fazer todas as outras coisas necessárias. E lá temos que passar todo o dia, porque quando sai a vaga, é muito repentinamente, ninguém te avisa nem nada. Quando sai uma vaga de emprego você tem que ter os contatos, ontem estive lá, mas ainda não saiu nada.*

Já Ruth, além de não ter uma família próxima a ela, apenas a prima do esposo, não está conseguindo concluir seu processo, pelos contratemplos do seu dia a dia. A interiorização está cada vez mais concorrida, e para ir à dependência de outra pessoa que não seja sua família propriamente dita, ocasiona um mal estar ainda maior a ela.

Em outro momento, Ruth nos fala que...

Ruth- *Podemos ir pela família dele, porque ele tem uma prima para lá, mas eu também tenho um primo em Mato Grosso, passou por muitas coisas, e eu o deixei assim, eu não gosto de insistir a nada, Deus sabe o que ele quer, passaram 5 meses, mas preciso esperar o processo, esperar que me liguem, para que eu possa ir. Ela mora em Brusque, Santa Catarina próximo a Florianópolis, 3 horas de lá. Lá tenho um amigo, cunhado da prima de meu esposo, ele está em Florianópolis.*

Já Yexis está com o processo quase concluído, como tem duas irmãs já estáveis em São Paulo, e ela estava esperando só seus pais chegarem da Venezuela, junto com sua filha, para poder interiorizar, agora é questão de tempo para que o processo se encaminhe para a efetivação da migração.

***Yexis-** Sim, não me interiorizei, pois, estava esperando eles chegarem (seu pai e sua mãe), e agora que chegaram é que posso interiorizar. Tem duas semanas, ela veio, me trouxe minha filha e depois voltou para buscar meu pai, pois ele está assim, não pode ficar sozinho, e assim tem duas semanas que chegaram. Ele teve um AVC e tem diabetes.*

Podemos partir do pressuposto que todas têm a mesma necessidade e pretensão em viajar, mas, antes que isso ocorra, há um processo de humilhação em que todas são obrigadas a passar. O autor Gonçalves Filho (1998) analisa sobre a humilhação crônica, longamente sofrida pelos pobres e seus ancestrais, que é acarretada pela desigualdade política, o que indica a exclusão recorrente de uma classe inteira. Esse olhar sobre o social nos ajuda a identificar, nas narrativas acima, o instante em que essas pessoas podem interiorizar, só que para isso precisa ser encaixada em um nível social mínimo, o que as classifica como apta ou não, ou seja, serão excluídas ou inseridas nessa nova classe preestabelecida, por essa política de exclusão. De toda maneira, o autor continua a análise passando para a perspectiva subjetiva, onde é de dentro que o humilhado se sente também atacado, assim sendo.

O que de certa forma, poderia justificar o desânimo entre os homens, principalmente.

4.10 A relação com as pessoas, os outros migrantes, em vários sentidos...

***Beth-** Como te falo, conheci muitas pessoas maravilhosas aqui, muitas pessoas maravilhosas, amigos de meus filhos, algumas um pouco tristes, outras estão chegando outras se vão, tem muitas pessoas más, tem muitas, muitas pessoas boas também, mas como Deus me trouxe aqui, sei que Deus tem um propósito, conheci muitas pessoas, muitas pessoas, e sempre lhe ponho sorrisos, mesmo que por dentro estou com o coração apertado, porque quando me recordo de Venezuela, quando me recordo das minhas coisas, o que estaria fazendo agora, no meu trabalho, na minha casa, mas o nosso governo nos levou a isso, alguns brasileiros nos maltratam, nos destratam, nos tratam muito mal, nos humilham, nos pune, até quando fui ao médico, foi uma humilhação, estou tentando tratar meu filho, não precisa disso. Não é porque tem venezuelanos maus, nem todos somos iguais, como você falou, existem brasileiros bons e brasileiros maus, e nem por todos devemos pagar.*

É muito difícil, muito difícil. Eu quando cheguei aqui era agosto, chovia todos os dias, era horrível, queria muito voltar para Venezuela, era horrível, dormimos na rua, mas com a benção de Deus consegui aqui, para mim e minha família, principalmente pela minha família.

Na busca por conseguir refazer seus vínculos ou construir outros, percebe-se nas palavras de Beth a necessidade de novos contextos sociais, mesmo que, dificilmente, com essa vida instável isso venha a acontecer. Apega-se a Deus, como demonstração de esperança, de agarrar-se ao último suspiro para dar conta de continuar no processo, sem se deixar cair pela inconstância da situação.

Ruth- *Quantas vezes já me pus a chorar aqui, quando me recordo da vida que tinha lá, meu esposo se levantava as 5 para trabalhar, eu levantava, fazia o café, quando ele saía eu voltava a dormir junto aos meus filhos, por agora ainda bem que estão nos deixando parar um pouco aqui, mas antes tínhamos que levantar e sair a caminhar na rua, sem ter onde se encostar, mas assim temos que nos comportar bem, se não vão acabar nos proibindo de continuar aqui, mas infelizmente nem todos pensam assim, enquanto dois colaboram os demais não. Eu tenho dois dias que não consigo descansar, a noite porque não estou conseguindo dormir, tem muita gente falando, muita gente brigando, além da festa no clube, a minha cabeça está doendo muito.*

Continua...

Ruth- *Aquela mulher que está sentada, está passando por uma situação muito complicada, essas carpas (local onde dormem na rodoviária) são bem complexas, estão separando os casais, e quem sofre são os filhos, ela tem 3 filhos, mas ela está saindo com um outro rapaz, que também é casado. Mas o esposo dela descobriu, brigou com ela, brigou com os dois, e agora ela está aqui só com seus filhos, seu esposo está pela rua, e o homem está com sua família ali. Eu acho que ela vai embora para Venezuela, e assim estão, ela aqui, ele lá, e o outro lá com sua mulher, mas ele não tem filho e ela tem 3, essa carpas são tremendas, tem que ter muito equilíbrio, muita maturidade, saber se comportar, porque o que se vê muito nas carpas é as coisas ruins da Venezuela, muitos pilantras, muitos malandros vindos de lá, tem mulheres que querem ser malandra, pilantras, e se iludem com esse tipo de coisas, com esses homens. O esposo dessa mulher é muito bom, muito tranquilo, saí, trabalha, busca as coisas. Eu estou aqui a algum tempo, cinco meses conhecendo muitas pessoas, mas eu não busco está me envolvendo com essas coisas, tem homens que tem muita lábia para conquistar as mulheres. Tenho 5 meses aqui, tenho discutido muitas vezes com meu esposo, mas nunca, nunca aconteceu nada, nunca me envolvi com nenhum outro homem, mas tem mulheres que se deixam levar por eles. Eu conheço todo mundo aí, sei quem são bons e quem são ruins, mas meu esposo é um bom homem, não tem vício, não fuma, não joga, não bebe, vou deixar meu esposo que é tranquilo por um homem que fuma, que bebe, prefiro ficar só, vou dá uma vida ruim aos meu filhos, com um homem que não é seu pai? Isso são coisas que muitas mulheres não pensam. Também porque não há emprego, é verdade que muitas se desesperam, mas precisam ficar tranquilos, porque quanto mais se desespera, mais complicado fica, tenho dito que mora só aqui por decisão própria, porque nada obriga a eles sair da Venezuela, se não a situação de lá, mas tem que vir e esperar com calma, por isso que as vezes fico sem comer, porque tenho que esperar, enviar coisas, sempre penso assim, porque ninguém vai largar sua comodidade por nada, mas que não se*

desesperem, tem que conseguir ficar tranquila, aqui nada é como obrigação, é tudo uma ajuda, tem gente que briga, mas não é nada obrigado, as vezes não tem fralda as pessoas querem porque querem fralda, mas não tem. As pessoas não entendem isso, mas a situação do nosso país está pior do que tudo.

Para Ruth, sua experiência migratória está transformando-a, uma mulher forte e capaz de superar as dificuldades. Ela entende que todas as pessoas também estão passando por isso. Um trecho descrito anteriormente, mas que foi mencionado por ela após essa última colocação, nos mostra como ela mudou de opinião quanto a separar-se ou não do seu esposo, provavelmente, de modo inconsciente, ela foi percebendo que não seria necessário a presença da figura masculina para conseguir alcançar seus objetivos. Todas essas observações que ela descreve sobre o ambiente do dormitório contribuíram tanto para sua mudança subjetiva como na qualidade dos vínculos que ela, provavelmente, venha a conquistar e remodelar. Como sabe-se, o migrante não mais será o mesmo, pois ele é acrescido das experiências vividas no seu processo de deslocamento e a tudo que aprende no seu local de chegada.

Para Mityali, a sua relação social se resume a...

***Mityali-** só tenho minha irmã e meu irmão, e ando conhecendo algumas pessoas, eu não procuro muito isso, só fico com meu filho mesmo, (nenhum namorado?) (risos) não quero namorado, o que eu quero é trabalhar (quer solucionar teu problema primeiro?) sim, para poder comprar as coisas para meu filho, é isso que eu quero, um trabalho para poder comprar coisas para meu filho.*

4.11 Como é ser mulher migrante aqui no Brasil?

***Beth-** Muito difícil, apesar de tudo, pois com meu esposo tenho ajuda para cuidar dos meus filhos, mas sem essa ajuda como seria? É muito difícil também, mas tem mulheres que estão em situação mais difíceis do que eu, eu sei disso. Porque vivem só com seus filhos, é uma realidade muito difícil e muito ruim, está aqui com seus filhos só, eu estou acompanhada de uma irmã, um irmão e meu esposo, ficar só aqui é muito mais difícil, muito difícil. Tem que esperar por uma ajuda, tem que esperar por uma vaga.*

A presença da figura masculina para Beth, a existência do pai dos seus filhos, e ele está como provedor da família é considerado como indispensável, mas, também, leva em consideração a presença de sua irmã, tanto como sua companhia, como para reafirmar a existência de um vínculo, uma rede de proteção, que, devido a ela, sente-se mais segura.

Ruth mencionou:

Ruth- *para os homens eles se estressam muito, por exemplo meu marido, ele sempre teve costume de trabalhar, mas não está conseguindo e isso é muito difícil, não conseguem dinheiro para comprar as coisas para nossos filhos, papal higiênico, comida, remédio. [...] Para as mulheres é mais fácil, porque acha sempre como se manter, e quando tem filho sempre consegue algumas doações, se eu sigo caminhando com meus filhos as pessoas me param e me dão algumas coisas, sem nem ter necessidade de pedir. Uma vez eu estava andando com minha filha, e me parou uma moça, e me deu 100,00 reais, outro dia próximo a catedral, eu vinha caminhando e um rapaz me chamou e me deu 50,00 reais. Eu não peço, mas se me param e querem me dar eu recebo, não tem por que não receber. Tinha uma mulher que todos os dias me parava no caminho de ir as Monjas, e me dava café da manhã, para mim e para meus filhos, todos os dias. É o que eu digo, é mais fácil para as mulheres receber ajuda.*

Essa perspectiva é compartilhada também por Yexis...

Yexis- *Aos homens tratam pior do que as mulheres, pelo menos a nós mulheres migrantes falam assim: saí daí “porra” “filha da puta”, e aos homens já vão batendo neles, usam gás de pimenta, tratam eles muito mal, para nós nos mandam sair, para eles fazem assim. Eu me sinto melhor aqui do que em Venezuela, mesmo sendo migrante e sendo tratada mal, prefiro aqui no Brasil a lá na Venezuela. Porque daqui eu só vou até a padaria, e os guardas estão por toda parte, então me sinto segura por isso, só quando saiu daqui que tenho insegurança, mas é por isso que não saiu muito daqui.*

A contextualização descrita pelas duas reafirma uma experiência em particular, qual presenciei uma crítica às classificações dos mais vulneráveis, nessa ocasião, foi descrito que, na classificação de risco, os homens estão em último lugar, ou seja, tudo é direcionado, primeiramente, a todas as outras categorias, sejam elas: idosos, crianças, gestantes, mulheres solteiras, mulheres com filhos, casal com filho, casal sem filho, isso dentro da Operação Acolhida. O que reflete ao descrito por elas, que observam que, em último caso, é que segue algum privilégio destinado aos homens.

No entanto, assim como falou Beth, Mityali também mencionou sua irmã como uma composição de uma rede de proteção e reafirma a questão do vínculo entre elas, o que caracteriza a fixação em um laço seguro, mesmo que em outros instantes ela tenha sido fragilizada. Mais adiante, Mityali menciona a proteção do poder público e a real sensação de segurança que consegue sentir no espaço que ela elegeu para morar com seu filho, mesmo que de maneira temporária.

Mityali- *Não me sinto mal, pois tenho minha irmã aqui e minha mãe que está em outro Estado, não é fácil, mas eu me sinto bem, uma das maiores*

dificuldades é que tenho que levantar muito cedo e ele quer dormir mais, às vezes se coloca a chorar. [...] Eu me sinto segura sim, porque aqui tem pessoas protegendo a gente, não como se eu estivesse na rua, tem os militares que ficam cuidando da gente, eu me sinto bem aqui.

Ainda assim, Beth reforça...

Beth- *É forte, porque são experiências que tenho aprendido, porque as vezes são experiências muito belas e maravilhosas, mas ser mãe, mulher, esposa e migrar para cá, ver todo esse ambiente, ver as pessoas, estar com meus filhos e meu esposo, mas assim você me vê, sim me irrita como todas as pessoas, mas sou paciente, mas é muito forte, muito forte, aí como é forte. Tenho aprendido que as pessoas têm seu tempo, temos que passar por isso, tem muitas pessoas por aí que tem ido, mas depois volta, porque não está respeitando o tempo de Deus. Desde que chegamos aqui não namoramos, não podemos não temos condições para isso, não existe, nas carpas tem muitas pessoas e nós respeitamos isso. Não consigo, não me sinto acomodada e segura para isso, não podemos, 3 meses e 20 dias, e ele dorme com o menino e eu com a menina, desde que chegamos aqui, não podemos, para isso teríamos que ter mais liberdade, ou uma carpa grande, com um espaço maior, porque assim, não podemos. Temos nossos filhos, mas é também por isso que ele precisa de um emprego, para que consiga alugar, que possamos descansar um pouco também.*

Como mencionado anteriormente, o sentimento religioso é algo que faz parte do cotidiano dessas mulheres. A fé está como um marco na esperança de dias melhores. No entanto, ela, por si só, não traz a segurança buscada por elas. A incerteza do que está por vir, a permanência do status provisório causam aflição no imaginário futuro. Beth ainda cita o caso de não poder ter uma relação conjugal de fato com seu esposo, o que, provavelmente, deve acontecer com Ruth. O que abala a relação marido e mulher, ainda mais diante de tantos outros pontos de conflito.

Para que fosse possível chegar a esse ponto das análises, fez-se necessário o diálogo entre os diversos autores mencionados. Mas, é válido ressaltar que o discurso apresentado por essas mulheres sobre as suas trajetórias individuais e sociais nos deixa concordar com os apontamentos de Cláudia Born (2001), proporcionando-nos um olhar mais apurado sobre essas relações; possibilitando compreender tal dinâmica vivida por elas em seu lugar de partida; e compreender melhor o que ocorre em seu lugar provisório de chegada. Pois, assim como salientou Abdelmalek Sayad (1998), esse lugar será provisório mesmo que não tenha sido assim, necessariamente, mencionado por elas.

Destacamos também, conforme apresentou Glaucia de Assis (2011), entre outras autoras mencionadas nesta pesquisa, que existe uma rede ativa dentro da trajetória migratória dessas mulheres, assim como a existência concreta da

participação delas na tomada de decisões que fizeram diferença na vida de suas famílias, ao que se refere à decisão por migrar, diante de tal necessidade. Assim sendo, seguimos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Migrar, também, pode significar buscar outros caminhos de soluções para conflitos internos, familiares e sociais. São escolhas que nem sempre se percebem espontaneamente, mas, que em um dado momento, pode vir a desembocar em mudanças radicais. As transformações objetivas e subjetivas irão ocorrer de forma que abrangerão o universo privado e público dessas mulheres, podendo fortalecer seus novos objetivos ou causando, ainda, mais receios na tomada das decisões, como, por exemplo, uma possível separação entre casais, qual destino tomar, de que maneira deve-se lidar com a nova estrutura social. Entendendo sob a perspectiva de gênero, o peso da mulher na sociedade é ainda associado à estrutura familiar, ou seja, às decisões dela têm, inicialmente, que ser levada em consideração e mantida sob observação para sentir os efeitos que causarão no ambiente familiar e social.

As mulheres carregam consigo a responsabilidade de reorganização da família, pois, em função do sexismo ou, mais, especificamente, dos papéis de gênero, portanto, do lugar ideológico, essencialista e estereotipado atribuído a elas, toda e qualquer tomada de decisão vai acarretar reordenamento nas funções estruturais dessas famílias e da rede social em que estão inseridas.

Como objetivos desta pesquisa, pretendíamos compreender o processo migratório de mulheres venezuelanas e o que refletiria em suas vidas tal decisão, isto é, o quanto e se essas mulheres estariam sendo transformadas e como elas estariam descobrindo-se após essas experiências migratórias. Tendo consideradas suas especificidades, é unânime perceber a resistência que habita em cada uma, a partir da tomada de decisão em migrar, deixando “para trás” toda uma vida constituída e buscando, em um lugar desconhecido, os objetivos traçados às escuras. Assim como Márcia Maria Oliveira (2016) nos apresentou - em consonância com as ideias de Sayad (1998) -, todo migrante é influenciado e influencia seus locais de partida e de chegada. Para essas mulheres não foi diferente.

Beth trabalhava em seu lugar de origem, mas, mesmo que nas entrevistas ela fale que quer trabalhar no seu local de chegada, percebemos que seu interesse é ficar em casa com seus filhos e, assim, mudar a configuração por ela vivida em seu país. Se pensarmos que provavelmente lá, seu tempo com os filhos eram escassos, entenderemos que faz sentido ela querer estar um pouco mais com eles, pois, talvez, devido ao risco de morte que correu, começara a perceber que o verdadeiro sentido da sua vida seja estar mais próxima dos seus filhos e cuidar com mais dedicação deles. Neste ponto específico, posso falar que foi o que me chamou mais atenção, e, hoje, após as análises, atendo-me a descrevê-lo: no primeiro encontro que tive com Beth, a primeira coisa que observei foi o seu cuidado especial com seus filhos, a forma como ela se preocupava em pentear o cabelo da sua filha e manter a pele das crianças sempre hidratada, pode parecer insignificante, mas em um contexto migratório, onde a comida que é um elemento primordial para a vida humana é escassa, encontrar alguém que tenha essa característica é, no mínimo, singular. Dessa maneira, posso considerar que, para Beth, em especial, a troca do seu papel de mulher moderna, que trabalha fora, que não tem tempo para os afazeres domésticos e para sua família, está sim no seu imaginário de mulher migrante.

Quando observamos a fala de Ruth, a configuração se apresenta tendendo para o inverso. Enquanto Beth tende a querer se voltar aos cuidados familiares, Ruth pretende sair do ambiente privado e partir para o ambiente público. Em alguns encontros não formais, Ruth apresentou o desejo de buscar sua independência, de mudar sua vida e seguir sem a necessidade de estar dependendo do seu esposo. Mencionou incomodo com o ciúme excessivo sentido por ele e que era obrigada a administrar. Mais do que isso, revelou que não precisava se submeter a cenas como

essas. A propósito, é possível perceber que o fato de ela não ter continuado a trabalhar depois do casamento está ligado a uma possível exigência da parte dele, mas que agora, devido às experiências que ela pôde acumular com o processo migratório, seja observando o outro ou tendo se percebido de forma diferente na relação, identificou que o relacionamento que mantinha não era exatamente da maneira como imaginava ser.

Para Yexis e Mityali, devido a sua configuração familiar, as mudanças são atingidas de maneiras semelhantes, elas revelam posicionamento prático e objetivo em suas palavras e ações. Mesmo que Yexis seja casada, ela o conheceu já como migrante e com planos já pré-estabelecidos, de modo que a presença do seu companheiro, de certa forma, não influenciou consideravelmente nas suas decisões que, desde o início, foram trazer seus pais e sua filha para interiorizar junto com sua família. Seu companheiro, nesse caso, foi um elemento agregador na conclusão dos planos. Assim como para Mityali, que continua na intenção de encontrar sua mãe e reavivar seus vínculos afetivos.

Tomando esta pesquisa como mote para entender sobre a feminização da migração, é possível perceber que as mulheres, de certa forma, e em alguns movimentos migratórios, estão, sim, ultrapassando quantitativamente os homens, mas, que acima disso, elas fazem parte ativamente de tal processo migratório.

Percebe-se que as quatro mulheres entrevistadas protagonizam suas histórias migratórias, pois dão a cara e a voz delas ao processo no qual estão inseridas: visibilizam-se ao demarcarem seus desejos, seus anseios, suas indagações, suas ações e reinvenções. São elas que direcionam parte significativa das decisões ou, ainda, são elas que, muitas vezes, tomam a decisão sobre qual caminho devem seguir. Tal protagonismo vem reafirmar que a feminização da migração está em prática.

Como é notório, a despeito de passarem por situações semelhantes em função da migração forçada (o que inclui dificuldades severas relacionadas à manutenção da vida cotidiana), cada uma das entrevistadas trilha caminho singular. Ou seja, não há essencialização neste processo: elas desejam aspectos diferentes e, por vezes, complementares (ser mãe e trabalhar fora de casa, por exemplo). Nesse sentido, falar em feminização da migração significa ressaltar a presença marcante delas na tomada de decisões, as quais envolvem a esfera pública e privada; por outro lado, não se trata de dizer que elas têm mais poderes que homens, mas de que, no

campo das negociações sobre a vida diária e acerca dos projetos futuros, elas também estão presentes, ainda que, por vezes, com dúvidas e questionamentos.

Destacar a feminilização da migração contemporânea não significa que em tempos anteriores ela não existisse. Ao contrário, autoras como Glaucia Assis e Márcia Maria Oliveira, entre outras, já nos mostraram que sim, contudo, como mencionado, são poucos os estudos que se debruçaram sobre a temática. Este aspecto ressalta a importância de serem realizadas outras pesquisas alicerçadas em uma epistemologia feminina.

Por fim, é preciso destacar a importância de, em Roraima, a estrutura político-social de acolhimento aos migrantes venezuelanos e às migrantes venezuelanas precisar ser potencializada. Não deveria ser política e socialmente admissível essas pessoas passarem por processos de constrangimento e humilhação, tal como experienciam: andam, horas e horas, a pé e sob o sol a pino, para chegar a Boa Vista e para conseguir algum trabalho. Por vezes, precisam, diariamente, garantir que terão lugar para dormir e comida para sobreviver. A Operação Acolhida oferecida pelo Estado é de extrema relevância, mas da forma como está configurada ela não é suficiente.

A despeito de ter estabelecido vínculo significativo com as entrevistadas no local onde habitam, na Rodoviária, e mesmo que, por vezes, elas se mostrem agradecidas pela existência daquele lugar e criem dignidade nas situações mais adversas, aquele não é ambiente para se viver, nem temporariamente.

Inclusive, se política e socialmente, o acolhimento oferecido pelo Estado (em parceria com entidades de direitos humanos) às crianças fosse entendido como uma ação política pertinente à família e não exclusivamente às mulheres, o cuidado diário com os filhos não precisaria ser uma tarefa exclusiva de mulheres, a menos que assim o desejassem. Se houve investimento e cuidado integral com as crianças migrantes, homens e mulheres migrantes poderiam com igualdade de condições procurarem por trabalho. E se políticas públicas voltadas para o campo do trabalho e do trabalho cooperativo fossem oferecidas às pessoas migrantes, elas não precisariam aceitar os trabalhos quaisquer que aparecem, muitas vezes, rebaixados, desqualificados, precários, pouco remunerados.

Enfim, em uma perspectiva de gênero, discorrer sobre feminização da migração significa também defender modos equânimes de vida para todas e todos, migrantes e não migrantes. É a democracia e os direitos humanos que estão em

questão e, com eles, o igual direito de a pessoa poder transitar, autonomamente definir-se, falar e ser ouvida, agir, se apropriar dos bens comuns, ser feliz. As entrevistadas caminham nessa direção, mas, como todos(as) nós, precisam de apoio político e social para que a luta não seja como tem sido: tamanha.

REFERÊNCIAS

ARREDONDO, Marta; GONZÁLEZ, José. Las estrategias de sobrevivencia de los pobres: un repaso a su estudio en las ciencias sociales. **Revista Realidades, México**, n. 2, p. 19-31, nov. 2013 – ab. 2014.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Campinas: s. n. j, 2004.

_____. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2007, vol. 15, nº. 3, pp. 745-772.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à Nossa Porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, pp. 7-15.

BENGHOZI, Pierre. **Malhagem, filiação e afiliação. Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social**. Tradução de Eunice Dutra Galery – 1. ed.- São Paulo: Vetor, 2010.

BERMÚDEZ, A. **Cómo Venezuela pasó de la bonanza petrolera a la emergencia económica**. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2016/02/160219_venezuela_bonanza_petroleo_crisis_economica_ab. Acesso em: 17 abr 2019.

BERNAL, Hernando. Sobre la teoría del vínculo en Enrique Pichón Riviére. **Una sistematización del texto Teoría del vínculo de Pichón**, 2010.

BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, n.5. Porto Alegre, Jan/Jun 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222001000100011>. Acesso em: 17 abr 2019.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Decreto nº 65.810**. (8 de dezembro de 1969). Promulga a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial. Brasília, DF: Presidência da República.

_____. **Refúgio em Números e Publicações**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>> Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

_____. **Operação Acolhida**. Brasília: Governo Federal, entre 2018 e 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/acolhida/>>. Acesso em: 18 jan 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDWELL, Kia. Fronteiras da diferença: raça e mulheres no Brasil. **Revista Estudos feministas**, 2000, Florianópolis, Vol. 8, n. 2, pp. 91-108.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009.

COSTA, Eliane Silvia. Racismo como metaenquadre. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, (62), 146-163, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901Xv0i62p146-163>. Acesso em: 17 abr 2019.

_____. **Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombolo do Vale do Ribeira**. 2012. 275f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, ano 10, 2002.

ESTEFANÍA, Joaquín. **La economía del miedo**. Barcelona: Galaxia Gutemberg, 2011 (cap. 1. La economía del miedo – p. 15-133).

ESTEVES, Egeu (2007). As formas invisíveis do trabalho. In: Arilson Favareto, Egeu Esteves, Reginaldo Magalhaes. Metodologia para um índice de desenvolvimento em empreendimentos solidários (pp. 55-61). São Paulo: CUT Feministas, 2007, Florianópolis, Vol. 8, n. 2, pp. 91-108.

FERNANDES, M. I. A. et al. (Org.). **Fim de século: ainda manicômios?** Organizadoras: Maria Inês Assumpção Fernandes, Ianni Rágia Scarcelli e Eliane Silvia Costa. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p.39-46, 1999.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**: Curso no College de France (1975-1976). Maria Ermantina Galvão (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRANK, Nelita. **A experiência de mulheres indígenas Wapichana e Macuxi em deslocamentos na fronteira Brasil-Guyana**: um estudo sobre gênero e narrativas autobiográficas. Boa Vista, 2014.

FUSCO, Wilson. Redes sociais na migração internacional. O caso de Governador Valadares. **Textos Nepo**, Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, v. 40, p. 1-96, 2002.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. **Racismo Institucional**: uma abordagem conceitual. 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>. Acesso em: 17 abr 2019.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Social Humiliation – a political problem into Psychology. **Psicologia USP**, São Paulo, v.9, n.2, p.11-67, 1998.

_____. A invisibilidade pública (prefácio). In: F. B. da Costa, **Homens invisíveis – relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004, pp 1-27.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. **Tempo social**, v. 18, n. 2, p. 269-287, 2006.

HARDING, Sandea. Existe um método feminista? **Debates em torno de uma metodologia feminista**, v. 2, p. 9-34, 1998.

HELIO NETO, Póvoa; SANTOS, Mirian; PETRUS, Regina; GOMES, Charles (Org.). **Caminhos da migração: memória, integração e conflitos**. 2ª ed. – E-book- São Leopoldo: Oikos, 2015.

IMDH. **Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, v.13, n.13 (2018). Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos.

IPEA. Atlas da Violência 2019: políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros. **Ipea e FBSP**. Rio de Janeiro, junho de 2019.

JARochinski SILVA, J. C. Migração forçada de venezuelanos pela fronteira norte do Brasil. In: **41º Encontro Nacional da ANPOCS**, 2017, Caxambu. Anais do 41º Encontro Nacional da ANPOCS, 2017. v. 1. pp. 1-22.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCENA, Eleonora de; LUCENA, Rodolfo. Chauí: neoliberalismo gera ódio e violência. **Tutaméia: entreveros e desenredos**. Disponível em: <<https://tutameia.jor.br/chaui-neoliberalismo-gera-odio-e-violencia/>>. Acesso em: 17/01/2020.

MARTINS, Mariana. **Sujeitas de direitos: história de vida de mulheres bolivianas, peruanas e paraguaias na cidade de São Paulo**. Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2014.

MIRANDA, Joana. **Mulheres Migrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida**. (Estudos OI; 35). Lisboa: ACIDI, 2009.

MUNANGA, Kabengele Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Anais do Seminário Nacional de Relações Raciais**, 2003, (3), Rio de Janeiro.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.dihitt.com.br/n/educacao>. Acesso em: 17 abr 2019.

NEDIC. **Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e a hegemonia global**. Petrópolis: Vozes; Brasília: NEDIC, 1999.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, 19(1), 2006. Trabalho original publicado em 1954.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção Relativa ao Estatuto de Refugiados. 1951. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_a_o_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1. Acesso em: 20 nov 2019.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologias da pesquisa**: Abordagem teórico-prática. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PÁEZ, Rafael Gerardo. Primera diáspora del siglo xxi: una consecuencia de la vulnerabilidad social de la población venezolana. **Diáspora**, 2012, p. 384.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Trad: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAMOS, Morelia Morillo. **Fronteiras inflamáveis: migração e comercialização do combustível na cidade de Santa Elena do Uairén (Venezuela)**. Boa Vista, 2019. 138 f.: il.

RODRIGUES, Fania. Como o bloqueio imposto pelos Estados Unidos afeta a vida dos venezuelanos. **Brasil de Fato**, 3 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/03/como-o-bloqueio-dos-estados-unidos-afeta-a-vida-dos-venezuelanos/>. Acesso em: 17 jan 2020.

RODRIGUES, F. S.; LIMA, A. K. Vozes da migração: relatos das guianenses em Roraima. **Textos e Debates** - Revista de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, v. 2, p. 395-411, 2015.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Nacionalidade no pensamento social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

RODRIGUES, Gilberto M. A.; FERNANDES, Luíza. Legislação migratória nos países do Mercosul: um novo paradigma com enfoque em Direitos Humanos? **Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, v. 13, p. 17-35, 2018.

SAFFIOT, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: **VIII Encontro Nacional De Estudos Populacionais**. 1991, Campinas. Anais... Campinas: ABEP, 1992, pp. 119-144.

SASSEN, Saskia. Será este o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 64, dezembro, 2002, pp. 41-54.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHUCMAN, L. V; COSTA, E. S. **Identidades, Identificações e Classificações raciais**: Os pardos e as ações afirmativas. Memo.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. **Educação e Realidade**, v.16, n. 2, Porto Alegre, jul-dez, 1990.

SIMÕES, Gustavo da Frota. **Venezuelanos em Roraima: características e perfis da migração venezuelana para o Brasil**. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=fa9065e2-c184-5655-0c04-1381156aca09&groupId=252038. Acesso em 15 jan 2019.

TORRADO, Susana. **Sobre los conceptos de estrategias familiares de vida y proceso de reproducción de la fuerza de trabajo**: Notas teórico-metodológicas. CEUR, Buenos Aires, 1980.

WEISBROT, Mark; SACHS, Jeffrey. **Sanções Econômicas como Punição Coletiva**: O Caso da Venezuela. Center for Economic and Policy Research. Disponível em: <http://cepr.net/images/stories/reports/venezuela-sanctions-2019-05-portuguese.pdf>. Acesso em: 17 jan 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: “Mulheres Migrantes: trajetórias de mulheres venezuelanas em Boa Vista, RR.”

Pesquisador Responsável: Viviane Lima de Almeida Oliveira

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “**Mulheres Migrantes: trajetórias de mulheres venezuelanas em Boa Vista, RR**”, desenvolvida por mim, Viviane Lima de Almeida Oliveira. Se precisar, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone nº (095) 99166-0079 ou pelo e-mail vivilalmeida@hotmail.com ou com a orientadora da pesquisa, a Prof.^a Dr^a Eliane Silvia Costa, a quem poderá contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário pelo o telefone nº (095) 3623.4489 ou pelo e-mail eliane.costa@ufr.br.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetórias de migração de mulheres venezuelanas para Boa Vista a partir do relato delas; especificamente, busca conhecer como eram as vidas dessas mulheres na Venezuela; identificar motivações que as levaram a migrar; e analisar o que pensam sobre o processo de migração atual e como se veem como mulheres migrantes, conhecer como vivem em Boa Vista e suas expectativas de vida.

Afirmo-lhe que os objetivos desta pesquisa são estritamente acadêmicos e os usos das informações oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Informo-lhe que você não terá nenhum ônus se participar desta pesquisa e nem receberá pagamento de qualquer incentivo financeiro.

Caso desejar, você poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento e eu lhe asseguro que você não irá sofrer qualquer prejuízo, nem sanções ou constrangimentos.

Por se tratar de pesquisa acadêmica, os dados da pesquisa serão apresentados em eventos acadêmicos, como congressos e encontros científicos, sendo que em nenhum momento o seu nome ou de outros participantes serão mencionados, ou seja, o sigilo será mantido.

Para tanto, a pesquisa será realizada individualmente, em local pré-definido e agendado pela entrevistada. E para que não sejam perdidos conteúdo das entrevistas,

o ideal é que elas sejam gravadas, assim sendo, também solicito autorização para a gravação de suas falas, as quais serão transcritas. Asseguro-lhe que o acesso e a análise dos dados coletados serão feitos apenas pela pesquisadora, sua orientadora e uma auxiliar de pesquisa.

Durante a realização da entrevista, é possível que riscos mínimos aparecerão. O principal risco que poderá ocorrer é de você passar por algum desconforto gerado por se lembrar e por mencionar um assunto que pode ser doloroso para você. Caso isso ocorra, eu lhe darei a devida atenção e acolhimento. Entretanto, participar da pesquisa poderá ter um caráter positivo, poderá lhe beneficiar, já que, ao contar sobre sua história, você terá a possibilidade de ressignificar suas experiências vividas. Outro benefício esperado é que os dados obtidos na pesquisa poderão contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno da migração de mulheres, bem como poderá representar subsídios para o aperfeiçoamento das políticas migratórias tanto para as mulheres como para outro migrante.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, você tem o direito de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
3. Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade.

4. A qualquer momento que julgar necessário, procurar esclarecimentos com:

a. Viviane Lima de Almeida Oliveira, por meio do número de telefone (095) 99166-0079 ou pelo e-mail vivilalmeida@hotmail.com

b. A orientadora da pesquisa, a Prof.^a. Dr^a Eliane Silvia Costa, pelo e-mail eliane.costa@ufr.br.

c. A Coordenação do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) da UFRR, Campus Paricarana: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413 - Bloco CCH – Sala 41. Fone: (95) 3623 – 4489, email ppgsof@ufr.br. Bairro: Aeroporto. CEP: 69304-000. Boa Vista / RR d. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFRR: Av. Cap. Ene Garcez, 2413 –

Aeroporto (Campus do Paricarana) Bloco da PRPPG-UFRR CEP:
69.310-000 - Boa Vista – RR. E-mail: coep@ufr.br (95) 3621-3112
Ramal 26.

Boa Vista-RR, ____ de _____ de _____.

Eu, _____ declaro estar
ciente do anteriormente exposto e concordo voluntariamente em participar desta
pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma
delas.

Assinatura do participante da pesquisa

Documento de identificação:

Eu, Viviane Lima De Almeida Oliveira, declaro que forneci todas as informações
referentes à pesquisa ao participante, de forma apropriada e voluntária.

Assinatura da pesquisadora

Contato do pesquisador: (095) 99166-0079 / vivialmeida@hotmail.com

APÊNDICE B
TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO

Título del Proyecto: “Mujeres migrantes: Trayectorias de mujeres venezolanas en Boa Vista, RR.”

Investigador Responsable: Viviane Lima de Almeida Oliveira

Usted esta siendo invitado(a) para participar de la investigación titulada “Mujeres migrantes: Trayectorias de mujeres venezolanas en Boa Vista, RR.” Desarrollada por mi persona, Viviane Lima de Almeida Oliveira. Si es necesario usted puede entrar en contacto conmigo por el teléfono N° +5595991660079 o por el e-mail vivilalmedida@hotmail.com o con la tutora de la investigación, Dra. Eliane Silvia Costa, a quien podrás contactar o consultar en el momento que considere necesario por el teléfono N° =559536234489 o por el e-mail eliane.costa@ufr.br

Esta investigación tiene como objetivo analizar las trayectorias migratorias de las mujeres venezolanas a Boa Vista a partir de su informe; Específicamente, busca saber cómo fue la vida de estas mujeres en Venezuela; Identificar las motivaciones que los llevaron a migrar; y analizar lo que piensan sobre el actual proceso migratorio y cómo se ven a sí mismas como mujeres migrantes, saben cómo viven en Boa Vista y su esperanza de vida.

Le afirmo que los objetivos de esta investigación son estrictamente académicos y los usos de las informaciones ofrecidas están submetidos a las normas éticas destinadas a la investigación que envuelve seres humanos, de la Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de el Consejo Nacional de Salud del Ministerio de Salud.

Informandole que usted no tendrá ninguna carga si participa de esta investigación y no recibirá pago de cualquier incentivo financiero.

Si usted desea puede retirarse de la investigación en cualquier momento, le aseguro que no sufrirá prejuicios, sanciones o restricciones.

Por tratarse de una investigación académica, los datos serán presentados en eventos académicos, como congresos y encuentros científicos, siendo que en ningún momento su nombre o el de otros participantes serán mencionados, o sea que sera mantenido en estricto secreto.

Por lo tanto la investigación será realizada individualmente, en un local pre-definido y agendado para la entrevista. Para que no sea perdido el contenido de las mismas lo ideal es que estas sean grabadas, por esta razón, solicito autorización para la grabación de la conversación, la cual será transcrita. Aseguro que el acceso y el análisis de los datos colectados serán hechos apenas por la investigadora, su tutora y una auxiliar de investigación.

Durante la realización de la entrevista es posible que aparezcan riesgos mínimos. Siendo el principal el que usted pase por alguna situación desconfortable generado por mencionar y recordar un asunto que puede ser doloroso para usted. En caso de que eso ocurra yo le daré la debida atención. Sin embargo, participar de la investigación puede tener un carácter positivo y beneficiarlo, ya que, al contar sobre su historia usted tendrá la oportunidad de resignificar sus experiencias vividas. Otro beneficio esperado es que los datos obtenidos de la investigación podrán contribuir para una mejor comprensión del fenómeno de migración de mujeres y podrá además representar subsidios para el perfeccionamiento de las políticas migratorias tanto para las mujeres como para otros migrantes.

Después de leer y recibir explicaciones sobre la investigación, usted tiene el derecho de:

1. Recibir respuesta sobre cualquier pregunta y aclaración de los procedimientos, riesgos, beneficios, e otros relacionados a la investigación.
2. Retirar el consentimiento en cualquier momento y dejar de participar del estudio.
3. No ser indentificado y ser mantenido el carácter confidencial de las informaciones relacionadas a su privacidad.
4. En cualquier momento que considere necesario, solicite aclaraciones con:
 - a. Viviane Lima de Almeida Oliveira, a través del número de teléfono (095) 99166-0079 o por correo electrónico vivilalmeida@hotmail.com
 - b. El asesor de investigación, Prof. Dra. Eliane Silvia Costa, por e-mail eliane.costa@ufr.br.
 - c. La coordinación del Programa de Posgrado de Sociedad y Fronteras (PPGSOF) de UFRR, Campus Paricarana: Av. Cap. Ene GARCEZ, n o 2413-Block CCH – Sala 41. Teléfono: (95) 3623 – 4489, ppgsosf@ufr.br de correo electrónico. Barrio:

Aeroporto. CÓDIGO POSTAL: 69304-000. Boa Vista/RR D. El Comité de ética de investigación de UFRR: Av. Cap. Ene Garcez, 2413 – Bloque Aeropuerto (Campus do Paricarana) del PRPPG-UFRR CEP: 69.310-000-Boa Vista – RR. Correo electrónico: coep@ufr.br (95) 3621-3112 ext. 26.

Boa Vista-RR, ____ de _____ de _____.

Yo, _____ declaro estar consciente de lo anteriormente expuesto y estoy de acuerdo en participar voluntariamente de esta investigación, firmando este consentimiento en dos copias, quedandome en posesión con una de ellas.

Firma del participante en la investigación
Documento de identificación:

Yo, Viviane Lima De Almeida Oliveira, declaro que he proporcionado toda la información relativa a la investigación al participante, de manera apropiada y voluntaria.

Firma del investigador

Contacto con el investigador: (095) 99166-0079/vivilalmeida-hotmail.com

APÊNDICE C
MODELO DE ROTEIRO

1. Em que ocasião você decidiu migrar?
2. Como era a sua vida na Venezuela?
3. Essa é a primeira vez que você mora fora da Venezuela?
4. Por quais razões você migrou?
5. Como foi a sua vinda para Boa Vista? Há quanto tempo você está aqui?
6. Você veio com alguém? Se sim, como quem?
7. Como é ser migrante?
8. O que você tem feito em Boa Vista?
9. Você tem colegas aqui? Homens e mulheres?
10. Você tem contato com parentes que ficaram na Venezuela? Com quem? Como eles estão vivendo lá?
11. Como é ser uma mulher migrante em Boa Vista?
12. Na sua opinião, a experiência de migração é diferente para homens e para mulheres ou é igual? Há especificidades? Se sim, quais? Se não, por quê?
13. Você pretende ficar em Boa Vista? por quê?
14. Qual sua análise sobre este processo atual de migração?
15. Você quer falar mais alguma coisa sobre você ou sobre a migração atual?